

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

VANESSA BARRIOS QUINTANA

**LUGARES PENSADOS, LUGARES TRANSFORMADOS, LUGARES
VIVIDOS:**

**Os cerritos do Banhado do M'Bororé enquanto manifestações de uma
cultura local**

Porto Alegre

2010

VANESSA BARRIOS QUINTANA

**LUGARES PENSADOS, LUGARES TRANSFORMADOS, LUGARES
VIVIDOS:
Os cerritos do Banhado do M'bororé enquanto manifestações de uma
cultura local**

Dissertação apresentada como
requisito para obtenção do grau de
Mestre pelo Programa de Pós-
Graduação em História da Pontifícia
Universidade Católica do Rio Grande
do Sul.

Orientador: Dr. Klaus Hilbert

Porto Alegre

2010

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Q71

Quintana, Vanessa Barrios

Lugares pensados, lugares transformados, lugares vividos :
os cerritos do Banhado do M'Bororé enquanto manifestações de uma cultura
local / Vanessa Barrios Quintana. – Porto Alegre, 2010.

126 f. il.

Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio
Grande do Sul. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
Programa de Pós-graduação em História.

Orientador: Prof. Dr. Klaus Hilbert.

1. ARQUEOLOGIA - RIO GRANDE DO SUL. 2. CERRITOS – HISTÓRIA.
3. FENOMENOLOGIA. 4. CULTURA MATERIAL. 5. SÍTIOS
ARQUEOLÓGICOS - SÃO BORJA. I. Hilbert, Klaus. II. Título.

CDD 918.165

VANESSA BARRIOS QUINTANA

**LUGARES PENSADOS, LUGARES TRANSFORMADOS, LUGARES
VIVIDOS:**

**Os cerritos do Banhado do M'Bororé enquanto manifestações de uma
cultura local**

Dissertação apresentada como
requisito para obtenção do grau de
Mestre pelo Programa de Pós-
Graduação em História da Pontifícia
Universidade Católica do Rio Grande
do Sul.

Aprovada em 26 de março de 2010

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Klaus Hilbert – PUCRS

Prof. Dr. Arno Álvares Kern – PUCRS

Profa. Dra. Silvia Moehlecke Cope – UFRGS

RESUMO

Lugares Pensados, Lugares Transformados, Lugares Vividos: os cerritos do Banhado do M'Bororé enquanto manifestações de uma cultura local

Este trabalho buscou uma melhor compreensão dos monumentos arqueológicos denominados cerritos ou aterros de uma região específica do Rio Grande do Sul habitada e transformada em tempos remotos. Buscando apoio em pressupostos da Fenomenologia visou-se experimentar as paisagens locais na tentativa de aproximação das vivências dos construtores de cerritos e de suas relações com o ambiente e com as coisas. Para contribuir com o conhecimento existente sobre a cultura material deste tipo de sítio, foi feita a leitura individual dos instrumentos formais recorrentes na coleção proveniente do Programa Arqueológico do Banhado do M'Bororé, desenvolvido no município de São Borja, RS, o que resultou na identificação de um padrão tecnológico de confecção destes artefatos. Por fim, foi possível elaborar uma hipótese para o estabelecimento de grupos e ocupação deste lugar.

Palavras-chave: Cerritos, Cultura Material, Fenomenologia

ABSTRACT

Places Thought, Places Processed, Places Lived: the mounds of Banhado do M'Bororé while manifestations of a local culture

This work aimed a better comprehension of archaeological monuments named cerritos or mounds for specific region of Rio Grande do Sul lived and transformed in ancient times. Seeking support in assumptions of phenomenology, aimed to sample experience the local landscapes in the attempt to bring the experiences of mound builders and their relationship with the environment and things. To contribute to existing knowledge about the material culture of this type of site, were read individual formal instruments recurrent in the collection from Programa Arqueológico do Banhado do M'Bororé, developed in the city of São Borja, RS, resulting in the identification of a technological standard of manufacture of these artifacts. Finally, was possible to developed a hypothesis for the establishment of groups and occupation of this place.

Key-works: Mounds, Material Culture, Phenomenology

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Klaus Hilbert pela calorosa acolhida no Programa de Pós-Graduação da PUCRS, por ter me colocado em contato com novas formas de pensar e, estando sempre disposto a auxiliar no desenvolvimento da pesquisa, me ensinou muito sobre arqueologia.

Ao Prof. Dr. Saul Milder por ter me possibilitados os primeiros contatos e ensinamentos com a arqueologia e por disponibilizar a coleção e o laboratório sem os quais esta pesquisa não seria possível.

Ao CNPq pelo financiamento da pesquisa.

Aos funcionários do PPG-História da PUCRS, em especial a Carla por toda a disponibilidade e boa vontade.

A querida amiga Libiane que trilhou junto comigo os caminhos do M'Bororé.

Aos colegas e grandes amigos do LEPA Grasiela, Sandor, Cirilo, Caroline, Piero, Diele, Neemias, Jaqueline, Lucio e Silvana que ao longo dos anos se tornaram uma verdadeira família ao compartilhar análises, discussões, trabalhos de campo, viagens ou almoços no laboratório.

Ao Ricardo Marion, sempre disposto a debater e ajudar e pelo auxílio com as fotografias.

A Juliana pela amizade de sempre e pela boa vontade e paciência em revisar esta dissertação mesmo não sendo ela nada processual.

Aos colegas do PPG-História da PUCRS que conviveram comigo neste período.

As queridas amigas que este Programa me proporcionou Vanderlise e Kelli. Certamente não nos esqueceremos das longas tardes de discussões e nas intermináveis traduções de textos.

Ao Ricardo pela paciência por meus longos dias na frente do computador durante os quais manipulei a casa toda.

A minha família por todo amor, carinho e compreensão. Meus queridos irmãos Cleiton, Suélen e Valéria e especialmente meus pais Silvia e Cleber, por toda e força, coragem e dedicação com que nos criaram. Esta dissertação é dedicada a vocês.

Ao Giovani que esteve ao meu lado durante todo este processo, por acreditar tanto em mim, incentivando e apoiando em todos os momentos.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Localização do município de São Borja.	21
Figura 2: Rio Butuí e localização dos cerritos do Banhado do M'Bororé.....	22
Figura 3: Mapa de solos do estado do Rio Grande do Sul. Solos recorrentes na região do Banhado do M'Bororé - Nitossolo Vermelho Distroférico (NVdf e) e Gleissolo Háplico Eutrófico (GXbe).....	24
Figura 4: Perfil e paisagem do Nitossolo Vermelho Distroférico típico.....	25
Figura 5: Perfil e paisagem do Gleissolo Háplico Tb Eutrófico típico.	25
Figura 6: Localização e distribuição dos cerritos do Banhado do M'Bororé.	31
Figura 7: Topografia da área dos cerritos Butuy 1 e 2.	47
Figura 8: Croqui da área da escavação com quadrículas escavadas em cinza.....	52
Figura 9: Estrutura volumétrica dos instrumentos plano-convexos:	79
Figura 10: Lasca com curvatura da superfície ventral devido a um acidente de percussão, com fotografia em detalhe.	88
Figura 11: Lasca com marcas de uso e retoques.....	98
Figura 12: Reconstituição do formato e tamanho do pote.....	103

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1: Vista da região.	27
Fotografia 2: Banhados que rodeiam os sítios.	35
Fotografia 3: Afloramentos rochosos se destacando ao redor dos cerritos.	36
Fotografia 4: Vista dos cerritos escavados Butuy 1 e 2.	46
Fotografia 5: Escavação do cerrito Butuy 1.	48
Fotografia 6: Escavação do cerrito Butuy 2.	49
Fotografia 7: Blocos de basalto e arenito utilizados no processo construtivo dos cerritos.	51
Fotografia 8: Cerrito e vegetação se destacando na paisagem.	54
Fotografia 9: Cultura material ganhando vida ao ser escavada.	66
Fotografia 10: Cultura material sendo analisada e interpretada em laboratório.	67
Fotografias 11 e 12: Peça 380	81
Fotografias 13 e 14: Peça 378	82
Fotografias 15 e 16: Peça 375-04(B)	83
Fotografias 17 e 18: Peça 376-03	83
Fotografias 19 e 20: Peça 376-01(C)	84
Fotografias 21 e 22: Peça 375-10(C)	84
Fotografias 23 e 24: Peça 375-10(B)	85
Fotografias 25 e 26: Lascas ligadas à confecção dos instrumentos plano-convexos - A) Lascas de <i>façonnage</i> B) Lascas de reavivamento de gume.	87
Fotografias 27, 28, 29, 30, 31 e 32: Instrumentos plano-convexos sobre lasca de acidente de percussão - a) 385, b) 375-04(B) e c) 375-06(D).	88
Fotografias 33 e 34: Peça 375-05	89
Fotografias 35 e 36: Peça 375-06(B)	90
Fotografias 37 e 38: Peça 376-06(C)	90
Fotografias 39 e 40: Peça 376-01(B)	91
Fotografias 41 e 42: Peça 375-02	92
Fotografias 43 e 44: Peça 375-06(A)	92
Fotografias 45 e 46: Peça 375-10(A)	93
Fotografias 47 e 48: Peça 376-01(A)	94

Fotografia 49: Lascas de preparo de instrumentos plano-convexos piramidais com marcas de utilizações anteriores na superfície dorsal.....	95
Fotografia 50: Pontas de projéteis encontradas na região do Banhado do M'Bororé.	99
Fotografia 51, 52 e 53: Fragmentos de pote relacionado à cerâmica Vieira.	102
Fotografia 54: Fragmento cerâmico encontrado no cerrito Butuy 2 com antiplástico visível.	104
Fotografia 55: Fragmentos de cerâmica missioneira torneada encontrados na região da pesquisa.	105

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Resultados da análise de solo Butuy 1.....	106
--	-----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. AS PAISAGENS E A FENOMENOLOGIA: LUGARES PENSADOS.....	15
1.1. SE AVENTURANDO POR DISCUSSÕES FENOMENOLÓGICAS	16
1.2. O LUGAR BANHADO DO M'BORORÉ	21
1.3. EXPERIMENTANDO OS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS	26
2. OS 'CERRITOS DE ÍNDIO': LUGARES TRANSFORMADOS	40
2.1. OS PRIMEIROS CONTATOS COM OS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DO BANHADO DO M'BORORÉ	45
2.2. PROCURANDO E INTERPRETANDO PISTAS: OS CERRITOS COMO INDICADORES NA PAISAGEM.....	53
2.2.1. O que as pistas nos dizem	55
3. VIVENDO O LUGAR ATRAVÉS DA CULTURA MATERIAL.....	60
3.1. A CULTURA FEITA MATERIAL	62
3.2. DANDO VIDA ÀS COISAS.....	64
4. LENDO AS COISAS	69
4.1. OS ARTEFATOS LÍTICOS.....	69
4.2. OS INSTRUMENTOS PLANO-CONVEXOS	77
4.3. DEMAIS INSTRUMENTOS	97
4.4. OUTROS MATERIAIS.....	100
5. O LUGAR BANHADO DO M'BORORÉ: CONTEXTO DE EXPERIÊNCIAS HUMANAS	107
CONCLUSÕES	113
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	116
ANEXOS	124

INTRODUÇÃO

Pensar que outras pessoas pensam como nós parece ter tido um valor evolutivo muito grande. Mas o corolário disso é que se torna inerentemente muito difícil pensar que outro ser humano (ou qualquer que seja a espécie em questão) pense de uma forma fundamentalmente diferente da nossa. (Steven Mithen)

Na arqueologia, em especial na arqueologia pré-histórica, ocorre um distanciamento entre nós pesquisadores e nossos objetos de estudo que muitas vezes parece impossível de transpor. Como não podemos ter acesso aos pensamentos, sentimentos, emoções dos indivíduos que queremos entender, fazemos as nossas próprias interpretações com base nos únicos vestígios que deles restaram. Para isso juntamos nossos dados e nossas interpretações e contamos uma história. Uma história metodologicamente e teoricamente fundamentada, que somente se torna compreensível quando agrupamos e encadeamos nossos dados através de uma narrativa.

Quando permanecemos imersos no mundo acadêmico, partilhando nosso trabalho apenas com colegas da mesma área, que de uma forma ou outra compreendem o que fazemos, passamos a acreditar que está compreensível a todos. Foi ouvindo a opinião de pessoas alheias à arqueologia que realmente tive certeza de que algo faltava em meu trabalho. Eu via (embora parcialmente) as pessoas por trás de tantos termos técnicos e teorias porque era esta a minha intenção, era esta a finalidade de minha pesquisa. Eu via o que queria ver, mas não conseguia mostrar isso para as outras pessoas.

Ao trilhar novos caminhos, conhecer novos mundos percebi que poderia experimentar algo diferente. É claro que o choque inicial foi grande e não foi nada fácil para eu compreender e assimilar novas formas de pensar e de ver o mundo. Essa dissertação foi sem dúvida um exercício, uma tentativa de aplicar uma nova carga de conhecimento que em princípio me jogou em um túnel profundo e escuro. Aos poucos fui tateando, sentindo com a ponta dos dedos suas paredes para mim tão ásperas, tentando respirar seu ar no início tão carregado. Mas, como em qualquer escuridão, após algumas piscadelas nosso olhar se acostuma, nossas mãos encontram apoio nas paredes que já não nos parecem tão ásperas e uma leve

brisa vem nos acalantar. A luz no fim do túnel confesso ainda me parece um pouco distante. São necessários mais alguns passos para que eu não precise me apoiar tanto nas paredes e possa caminhar mais confiante. Mas ver a luz já me conforta.

Assim, fui estruturando este trabalho de forma que me possibilitasse trilhar este caminho escuro de forma menos árdua. No capítulo intitulado “As Paisagens e a Fenomenologia” faço uma viagem pelas paisagens do Banhado do M’Bororé, buscando percebê-las, senti-las e vivê-las. Procurei discutir as paisagens a partir de meu ponto de vista e de toda a equipe, experimentando as sensações da experiência do corpo imerso no espaço.

No capítulo seguinte, “Os Cerritos de Índio”, discuto as pistas que nos levaram a estudar esta determinada região. Interpretando os cerritos como indicadores em uma paisagem homogênea, comento os trabalhos já realizados por outros pesquisadores, apresentando suas visões a respeito deste tipo de sítio arqueológico e confrontado-as com minha própria visão e a da equipe após nossos primeiros contatos com os cerritos do Banhado do M’Bororé.

Fazendo o caminho do mais geral para o específico, discuto no capítulo intitulado “Vivendo o Lugar através da Cultura Material” como a cultura de povos pretéritos por eles tornada material é interpretada pelos arqueólogos no presente, com nossos pressupostos do presente, logo após darmos vida às coisas durante a escavação. Aponto ainda a forma como percebo a cultura material, o que de certa forma conduz o olhar que lanço à coleção durante a análise.

Como não poderia deixar de ser, chego ao quinto capítulo, “Lendo as Coisas”, finalmente à análise do material, pontuando suas características tecnológicas de produção. E neste ponto o leitor provavelmente se pergunta: onde está mesmo o novo rumo? E eu respondo que, como já comentei antes, ainda não consegui sair do túnel! Mas, como a luz já penetra a escuridão, consigo visualizar minha coleção sendo trabalhada por mãos humanas, vivendo uma vida passada – da qual consigo ver os vestígios através de sua tecnologia de confecção – e uma outra vida no presente – no momento em que a considerarei objetos arqueológicos e com todas as características que lhes atribuo aqui.

No último capítulo, “O Lugar Banhado do M’Bororé”, procuro reconstruir o contexto onde relações e experiências humanas ocorreram. Para tanto re-insiro as coisas e as pessoas no lugar, fazendo um exercício de reflexão sobre a ocupação destes espaços. Essa reconstrução é obviamente minha e parte de minhas

experimentações e vivências. Mas me permite uma aproximação de indivíduos que pensaram, transformaram e viveram este lugar.

Encerrar esta escrita deveria ser o momento de ver a luz e sair do túnel. Porém, como o chão firme lá de fora teima em não surgir diante de meus pés, concluo com um balanço do que foi esta aventura por um caminho desconhecido, fazendo algumas considerações referentes aos resultados de minhas interpretações.

1. AS PAISAGENS E A FENOMENOLOGIA: LUGARES PENSADOS

... precisamos mencionar aqui que as qualidades humanas não são atribuídas exclusivamente a coisas vivas. Os caçadores-coletores não viviam apenas em uma paisagem de plantas e animais, rochas, colinas e cavernas. Suas paisagens são socialmente construídas e cheias de significado.
(Steven Mithen)

Estou ciente que este trabalho não se trata de um trabalho de fenomenologia segundo os aportes metodológicos sugeridos por arqueólogos que seguem esta linha de pesquisa. Para realizá-lo não dispensei horas de caminhadas e vivências com as paisagens em estudo, não projetei antecipadamente o caminho a seguir e nem planejei os trabalhos de campo com esse fim. Mesmo tendo em mente que para desenvolver uma boa experimentação de uma paisagem o tempo e a familiaridade com esta são de fundamental importância, não me foi possível esta vivência e, portanto, tive que buscar um caminho alternativo. Dessa forma, este trabalho foi sendo pensado e estruturado a partir de minhas leituras e vivências que fizeram com que eu pensasse ser possível trilhar um caminho diferente do qual eu havia experimentado até então. Mesmo com os trabalhos de campo já feitos e os dados já produzidos através de outra perspectiva, acreditei que era possível utilizar esses dados e dar uma nova visão. Não melhor nem pior que a utilizada até então, simplesmente diferente. Estou a par que a falta de tempo e de planejamento prévio dos trabalhos de campo voltados para a metodologia fenomenológica prejudicaram o trabalho que propus desenvolver. Mas o encaro como um exercício.

Decidi mesclar uma abordagem fenomenológica com as lembranças de campo minhas e de meus colegas e anotações do diário de campo, que embora tendo sido curto, nos possibilitou perceber, mesmo que por poucos instantes, como seria a vida naqueles campos abertos e de horizontes intermináveis dos pampas.

Para a grande maioria da equipe (e me incluo nessa maioria) aquela experiência significava o primeiro campo, a primeira escavação, o primeiro contato com o material escavado pela própria mão e redescoberto depois de centenas, talvez milhares, de anos.

A primeira vez em que analisei os diários de campo em busca de dados empíricos para a elaboração de meu trabalho de conclusão de curso, minha reação foi de decepção. Pensei em como nossas mentes inexperientes haviam se focado

em detalhes que (acreditava eu) eram inúteis para um entendimento do sítio. Pensei tudo isso a partir de um embasamento teórico que visava o empírico, o material, o que podemos ver e tocar e esqueci que há também o que podemos sentir, perceber, pensar. E lendo novamente os diários – agora com uma perspectiva diferenciada, embora não desconectada da anterior – percebi como nossas mentes inexperientes, sem pré-concepções de como deve ser feito o trabalho de campo arqueológico e ávidas por encontrar um mundo pré-histórico pela primeira vez, puderam perceber e sentir o ambiente de uma forma tão rica. Foi então que decidi utilizar essa nossa curta ‘experiência pré-histórica’ para tentar chegar a entendimentos até então por mim não percebidos sobre como populações habitaram, transformaram e viveram essa região por nós chamada Banhado do M’Bororé. Procurei como afirma Tilley (2008, p. 272), “aprender sobre as experiências dos outros neste caminho”.

Início esta tentativa de aproximação com a discussão de alguns conceitos básicos da fenomenologia que se tornam necessário para minha experimentação da paisagem do M’Bororé, tais como espaço e lugar. Pensando o termo ‘lugar’ enquanto um local onde elementos da experiência do corpo no espaço se organizam e dão sentido à relação entre as coisas e a paisagem, passo a considerar o sítio arqueológico do Banhado do M’Bororé como um **lugar**. Assim, analiso brevemente as características geomorfológicas da região onde está assentado o sítio tais como hidrografia, relevo e tipos de solo, que acredito terem sido essenciais na relação das pessoas que em tempos remotos lá habitaram com a paisagem. Para finalizar, realizo um exercício de experimentação deste lugar baseado em minha própria percepção, construindo uma narrativa obviamente minha, mas pensada a partir da forma como as pessoas se relacionam com o mundo e baseada em diferentes formas de cultura material.

1.1. Se Aventurando por Discussões Fenomenológicas

Na busca por respostas para a habitação de determinados espaços por seres humanos arqueólogos aplicam diversas abordagens. Tradicionalmente são levadas em consideração as características do meio ambiente e o acesso a recursos naturais como fundamentais para a escolha dos espaços a serem habitados. Já as relações simbólicas e culturais desenvolvidas pelos grupos humanos são vistas apartadas do

ambiente ou nem se quer levadas em consideração. A paisagem na maioria das vezes não é percebida como fazendo parte das relações humanas e sim apenas como um espaço onde estas ocorrem. A arqueologia Processual ao se aproximar da Nova Geografia considerava o espaço como uma dimensão abstrata e um recipiente para as ações humanas, apenas uma superfície neutra, desligada do mundo conceitual. Essa concepção tornava o espaço descentrado da agência e do significado; externo e indiferente aos acontecimentos humanos, um espaço divorciado da humanidade, apenas um pano de fundo para a análise, uma vez que seria universal, sempre o mesmo em qualquer parte do mundo. Esta percepção, é claro, tornava a análise mais simples, pois assim as paisagens poderiam ser medidas, mapeadas, quantificadas e servir para estudos comparativos com qualquer região.

A partir dos anos 1980 começam a emergir vários questionamentos a essa concepção científica abstraída dos acontecimentos humanos. Surge então como denomina Christopher Tilley, um ‘caminho alternativo’, que considera o espaço como um meio ao invés de um recipiente, estando sempre envolvido na ação e não podendo dela ser separado. O espaço seria, portanto socialmente produzido. Conseqüentemente não haveria **um** espaço, mas **espaços**, que combinariam os meios cognitivo, físico e emocional. Por envolverem esta dimensão cognitiva, os espaços “não podem ser entendidos fora das vivências simbolicamente constituídas dos atores sociais”¹ (TILLEY, 1994, p. 11).

Ainda para Tilley, um espaço pode ser construído e reproduzido, o que não implica que não esteja aberto a transformações e mudanças. Ele não possui essência substancial própria, somente existe a partir das relações entre pessoas e lugares. Um lugar é sempre o lugar de alguma coisa. Por este motivo, não pode ser considerado universal como clamava a Nova Arqueologia; ele é produzido, entendido e experimentado de formas diferentes por diferentes indivíduos ou sociedades. O significado do espaço depende de quem o está experimentando e como (TILLEY, 1994). Dessa forma, entende-se que o corpo é uma ferramenta

¹ Em inglês: “*It follows that the meanings of space always involve a subjective dimension and cannot be understood apart from the symbolically constructed lifeworlds of social actors.*”

essencial da vivência humana e, portanto não há substituto para a experiência pessoal (TILLEY, 2008).

O espaço fornece o contexto para a existência do lugar, mas seus significados vão derivar dos significados com que os lugares são preenchidos. Não pode haver espaços sem lugares. As pessoas estão imersas no lugar, que é o contexto das experiências humanas construídas através de movimentos, memórias, encontros e associações. Identidades pessoais e culturais são criadas nos lugares, assim como experiências geográficas, que se iniciam em um lugar, se estendem a outros através dos espaços e criam paisagens ou regiões para a experiência humana (TILLEY, 1994).

Iriarte (2003) aponta o conceito de 'localidade' proposto por Giddens (1979) e por ele concebido como lugares criados e conhecidos a partir de experiências comuns, símbolos e significados durante o processo de produção e reprodução social. A criação de uma localidade, ou seja, a construção de espaços sociais refletiria a maneira através da qual interações sociais ocorrem. Assim, ao examinarmos uma localidade nós poderíamos ler como espaços foram concebidos e quais os tipos de relações sociais que foram objetivadas em sua construção.

Para o arqueólogo espanhol Felipe Criado Boado (1999) o espaço pensado enquanto produto de séries de mecanismos de representação é formado pela conjunção de três diferentes elementos, cada um se configurando através de uma determinada dimensão da paisagem. Assim, a paisagem enquanto um produto humano específico:

(...) utiliza una realidad dada (el espacio físico) para crear una realidad nueva (el espacio social: humanizado, económico, agrário, habitacional, político, territorial...) mediante la aplicación de un orden imaginado (el espacio simbólico: sentido, percebido, pensado...). (Ibid, p. 6-7)

Dessa forma, a paisagem é um produto social em que a dimensão simbólica é uma parte essencial e todos os seus elementos devem ser entendidos uniformemente e de forma contextualizada.

Thomas (1996 *apud* ROSA, 2007) afirma que o espaço é transformado em lugar quando é envolvido pela ação humana, não precisando ser necessariamente fisicamente transformado. Quando nos apercebemos que estamos em um lugar,

este se torna um lugar. Dessa forma, um espaço se transforma em lugar a partir do momento em que é envolvido pelo pensamento humano.

Partindo dessa perspectiva de rompimento da separação entre natureza e cultura, Tilley apresenta uma **fenomenologia da paisagem** na qual a percepção é incorporada através da movimentação do corpo na paisagem (TILLEY, 1994). Defendendo que há uma relação dialética entre pessoas e paisagens, Tilley afirma que experimentar tais paisagens permite ao indivíduo ter seu próprio entendimento perceptivo.

Experimentar a paisagem permite obter perspectivas através da observação da imersão do sujeito naquela paisagem. Isto é afirmar que paisagens têm agência em relação às pessoas. Elas têm um efeito profundo em nossos pensamentos e interpretações por causa da maneira pela qual são percebidas e sentidas através de nossos corpos carnis. Nós não podemos, portanto, representá-las ou entendê-las de qualquer modo que queiramos.² (TILLEY, 2008, p. 271)

Para Merleau-Ponty (*apud* TILLEY, 1994) o corpo seria o ponto de mediação entre o pensamento e o mundo e assim sujeito e mundo se refletiriam e fluiriam um no outro através do corpo, este último um elo vivo com o primeiro. O corpo é então a forma de se relacionar, perceber e entender o mundo.

Acredito que o homem e a paisagem na qual está inserido, são indissociáveis. Portanto, a paisagem não pode ser pensada apenas como o local onde foi edificado o sítio arqueológico e sim compreendida enquanto um espaço que está diretamente relacionado com as atividades humanas e, conforme Felipe Criado Boado, “*los paisajes son también productos de la vida social*” (LOPES MAZZ *apud* CRIADO BOADO, 1999, p. 37). Concordo ainda com Godelier (1989 *apud* CRIADO BOADO, 1999) que sugere que os seres humanos, além de viver em seu entorno, também o criam, construindo, assim, seu “próprio meio social”.

Na narrativa que se segue, além de uma breve caracterização da região em que se localiza o sítio, procurei fazer um exercício de experimentação das paisagens do sítio, buscando meu próprio entendimento perceptivo, uma vez que a fenomenologia envolve exatamente o entendimento e a descrição das coisas a partir

² Em inglês: “*Experiencing the landscape allows insights to be gained through the subject observer’s immersion in that landscape. This is to claim that landscapes have agency in relation to persons. They have a profound effect on our thoughts and interpretations because of the manner in which they are perceived and sensed through our canal bodies. We cannot, therefore, either represent or understand them in any way we might like.*”

da forma como elas são experimentadas pelo sujeito. Para tanto recorri a uma descrição da região e dos lugares experimentados durante os trabalhos de campo, expressando as impressões que tive e a compreensão a que cheguei.

Tenho em mente que lugares não são apenas aqueles onde há vestígios materiais da presença humana. Por isso minha experimentação vai além de espaços visivelmente transformados e habitados e procuro perceber as relações que podem ocorrer com, por exemplo, o clima e a paisagem apreendida pela visão, uma vez que lugares existem quando relações de significação forem estabelecidas.

2.2. O Lugar Banhado do M'Bororé

O Rio Grande do Sul apresenta uma grande variedade de paisagens. O município de São Borja está localizado na área conhecida como subdivisão da província geomorfológica do Planalto (que ocupa toda a metade norte do estado) – Missões (STRECK, 2008). A geologia da região é caracterizada pela Formação Serra Geral que é considerada uma sucessão de pacotes de rochas vulcânicas basálticas, surgidas no período Triássico (IBGE, 1986), tendo se originado pelo magma resfriado na superfície da crosta terrestre. O relevo onde se encontram tem formato aproximadamente tubular, cavado por rios em alguns pontos onde formam escarpas e vales profundos (principalmente na zona da serra gaúcha).



Figura 1: Localização do município de São Borja.
Fonte: http://fr.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o_Borja

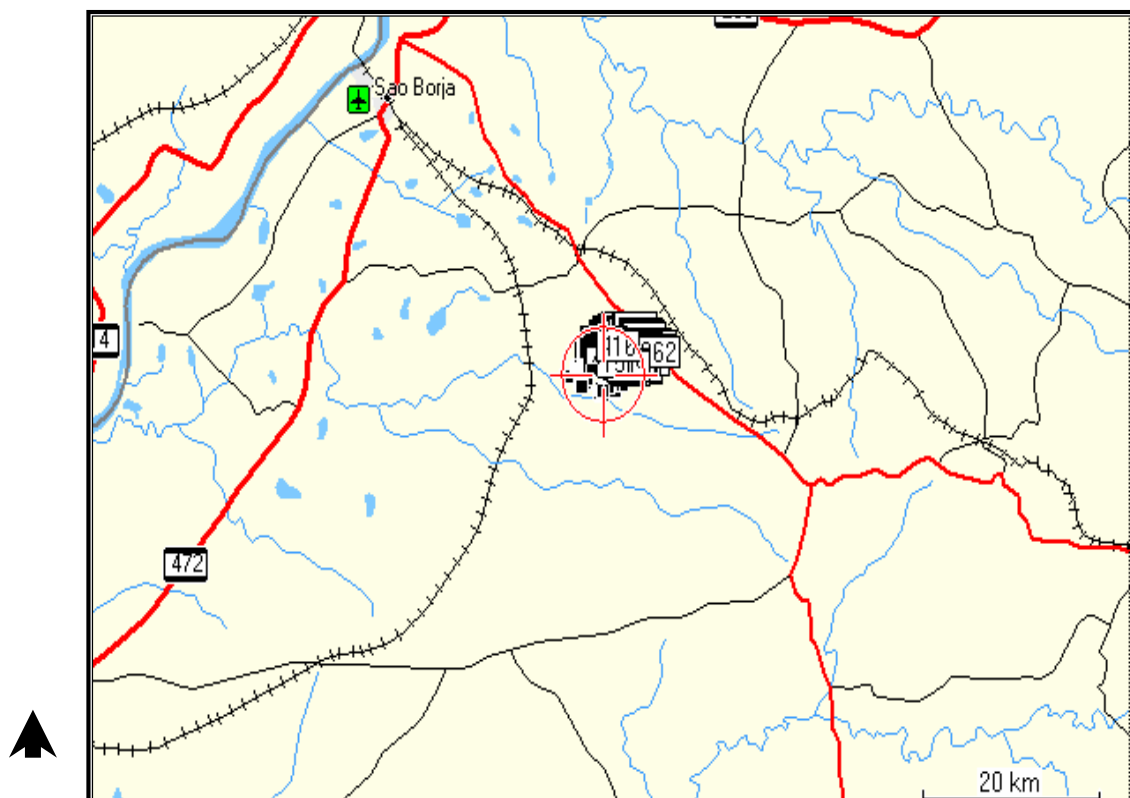


Figura 2: Rio Butuí e localização dos cerritos do Banhado do M'Bororé.

Fonte: Acervo LEPA

A geomorfologia da região se apresenta da seguinte forma:

A litologia dominante é de rochas basálticas e sedimentos derivados das mesmas, em relevo suave ondulado de coxilhas e extensa área de várzeas na porção oeste, com vegetação natural de campos. Os solos dominantes são Latossolos Vermelhos Distroféricos (U. Santo Ângelo) que se estendem de Santo Ângelo para Bossoroca, Santo Antonio das Missões, São Nicolau e Guarani das Missões. No trajeto de Santo Antonio das Missões a São Borja predominam Nitossolos Vermelho Distroféricos (U. São Borja) nas coxilhas associadas com Luvisolos Háplicos Pálicos plínticos (U. Virgínia) situados em cotas mais baixas, que se estendem para o norte até Garruchos e até o sul de Itú. (STRECK et al, 2008, p. 140)

A predominância nesta porção do estado é de rochas basálticas. Porém, entre os sucessivos derrames de lavas que deram origem ao continente ocorreram intervalos que foram preenchidos com sedimentos arenosos, formando os chamados arenitos intertrápicos (situados entre os derrames ou 'traps' = degraus). Estes derrames basálticos têm uma espessura que varia entre 25 e 50m, constituindo-se de quatro zonas formadas conforme a velocidade de resfriamento da lava:

A disposição dessas zonas é a seguinte, da base para o topo do derrame: (1) a base, constituída por material vítreo (não cristalino) decorrente do resfriamento muito rápido da lava em contato com a superfície fria; (2) a zona de diaclase (fendilhamento) horizontal, constituída por basalto microcristalino (cristais muito pequenos não visíveis a olho nu) devido ao resfriamento mais lento da lava, apresentando eventualmente algumas vesículas mais alongadas no sentido horizontal; (3) a zona central de diaclase vertical, constituída por basalto mais grosseiro devido ao seu resfriamento muito mais lento; (4) a zona do topo do derrame, constituída por basalto com vesículas amigdalóides (preenchida por cristais visíveis) formadas pelo aprisionamento de gases devido ao resfriamento muito mais rápido da lava. A formação de cristais (tais como quartzo, ametista, zeolita, etc.) nas vesículas resultou da condição de supersaturação com sílica das soluções que migram através da lava durante o processo de resfriamento (STRECK, 2008, p. 133-136).

O tipo de solo predominante na região classificado segundo o Sistema Brasileiro de Classificação dos Solos (SiBCS 2006) é o Nitossolo Vermelho Distroférico típico ou latossólico. Os nitossolos são solos ácidos nos quais predominam a caulinita e óxidos de ferro em sua composição. Por serem profundos, apresentarem boa drenagem e porosidade, estrutura e condições do relevo apropriados, são adequados ao uso agrícola tanto no verão quanto no inverno. Esse tipo de solo ocorre em relevo suave ondulado a ondulado na região do Planalto e Missões. Já nas várzeas alagadiças do rio Butuí ocorrem os Gleissolos Háplicos Eutróficos, típicos de ambientes alagadiços (várzeas de rios e planícies lagunares) (STRECK, 2008).



Figura 4: Perfil e paisagem do Nitossolo Vermelho Distroférico típico.
Fonte: STRECK, Edeimar Valdir et al. Solos do Rio Grande do Sul. 2ed. Porto Alegre: UFRGS, 2008.



Figura 5: Perfil e paisagem do Gleissolo Háplico Tb Eutrófico típico.
Fonte: STRECK, Edeimar Valdir et al. Solos do Rio Grande do Sul. 2ed. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

A região é coberta por campos que são um prolongamento dos pampas da bacia do Rio da Prata e herança da última glaciação quando o frio e as estepes tomavam conta desta parte do estado. Os campos descem o sudoeste, ao sul do rio Ijuí, se convertendo nos pampas do Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina (KERN, 1997). Ainda para Kern estas vastas extensões de campos aumentariam as chances de ocorrência de migrações pré-históricas entre o planalto sul-brasileiro e as terras baixas platinas e planalto patagônico. Seu relevo é muito semelhante à região da Campanha que possui uma paisagem bem característica:

(...) margem de domínio das pradarias pampeanas e, ao mesmo tempo, padrão bem individualizado de paisagens do subdomínio das pradarias mistas uruguaias, argentinas e sul-brasileiras. Área ecológica típica de uma zona temperada cálida, subúmida, sujeita a uma certa estiagem de fim de ano. É o domínio das colinas pluriconvexizadas, as quais a tradição convencionou chamar de coxilhas. (AB'SABER, 2005, p. 21-22)

Os sítios arqueológicos do Banhado do M'Bororé encontram-se nas paisagens típicas do Rio Grande do Sul, caracterizada pelos terrenos baixos das planícies e as leves ondulações das coxilhas, com grandes áreas alagadiças denominadas banhados. Situa-se na zona rural do município de São Borja a cerca de 30 km a sudoeste do centro da cidade. Recebeu este nome por se encontrar entre o rio Butuí e o Arroio Butuí-Mirim, na zona alagadiça do banhado do M'Bororé, bacia hidrográfica dos rios Piratini, Icamaquã e Butuí.

Esta região de pradarias uruguaias, argentinas e sul brasileiras abriga um tipo de sítio arqueológico bem característico, típico de destas áreas úmidas e alagadiças, conhecidos na região como cerritos ou aterros.

2.3. Experimentando os Sítios Arqueológicos

Pela região pampeana se estendem grandes e vastas planícies, onduladas pelas coxilhas. A paisagem plana e homogênea se perde no horizonte, onde apenas a vegetação se destaca.



Fotografia 1: Vista da região.

Fonte: Acervo LEPA

Em tempos remotos quando os construtores de cerritos por lá estiveram os paisagens eram provavelmente muito semelhantes às atuais, uma vez que sofreram poucas transformações desde a transição Pleistoceno-Holoceno. O que poderia ser visto além das planícies e coxilhas eram talvez algumas árvores nativas, alguns arbustos e plantas que teriam crescido sobre os cerritos mais antigos devido à fertilidade do solo antrópico.

Habitar um tipo específico de paisagem é uma experiência singular. Vivê-la e construir lugares nela requer o aprendizado e a incorporação de uma gama de fatores característicos desta região. Como a paisagem que vemos hoje foi criada a partir de sua relação com pessoas e coisas, experimentá-la pode nos aproximar destas relações pretéritas, pois “é na relação entre coisas, pessoas e paisagens que mundos distintos são criados, residindo também aí estas novas alternativas de interpretação” (CABRAL, 2005, p. 98). Então, é a partir de minha própria experiência que proponho a reflexão que se segue.

Não podemos nos esquecer que cada pessoa sente e experimenta a paisagem de forma diferente, resultando disto um entendimento descritivo distinto. Assim como eu tenho um determinado sentimento em relação à região, outros

indivíduos que por lá passaram experimentaram uma relação diversa. Também, paisagens, por serem constituídas no espaço-tempo, se alteram constantemente, e o que é visto ou percebido em um momento, no outro já não é mais o mesmo. Com minha descrição, é claro, não pretendo atingir exatamente o que os povos que construíram os cerritos sentiram, mas estando eu imersa na paisagem, tendo uma visão 'de dentro', tenho a oportunidade de perceber e expressar sua materialidade, que é exatamente o que motiva e orienta pessoas e lugares dentro dela (Tilley, 2008).

Experimentar estas paisagens me levou a uma série de reflexões sobre como elas teriam sido sentidas e vividas por povos pretéritos. Ponderarei a seguir cada uma delas estabelecendo algumas relações possíveis das pessoas com a paisagem do lugar Banhado do M'Bororé.

A primeira coisa que chama a atenção ao se experimentar este lugar é a ótima visibilidade que a geomorfologia da região possibilita. Para qualquer lado que se olha a visão se perde no horizonte, não existindo nenhum tipo de formação geológica ou vegetação mais densa que a obstrua.

Uma vez que tudo que é envolvido pela ação humana é transformado em lugar e como acredito que a visão também é uma ação humana envolvente, caracterizo os espaços visíveis a partir dos cerritos como parte do lugar Banhado do M'Bororé. Tudo que pode ser dominado visualmente faz parte da vivência diária das pessoas. E os descampados infinitos da região certamente faziam parte da vida dos caçadores-coletores que ali habitaram.

Filipe Criado Boado (1999) discute a análise das condições de visibilidade (o que se pode ver a partir de determinado sítio arqueológico) e visibilização (o que pode ser visto a partir de um determinado lugar). Traçando estas condições, é possível determinar bacias visuais e panorâmicas da área de estudo. Uma vez que não foram possíveis novos trabalhos de campo na região do Banhado do M'Bororé, posso apenas levantar possibilidades a respeito das condições de visibilidade e visibilização que os povos que habitaram estes lugares possuíam.

Eram muitos os lugares que podiam ser vistos e, portanto, percebidos e sentidos. Os habitantes do local possuíam uma ótima visibilidade da região. Todos os lugares, arroios, córregos, vertentes, árvores, coxilhas, afloramentos, banhados, portanto, todas as áreas de interesse econômico e de subsistência, eram dominadas pelo olhar.

Uma grande quantidade de cerritos também podia ser visualizada a partir de um. Isso pode significar que os diferentes grupos que coexistiram podiam se avistar mutuamente. Dessa mesma forma, outros grupos ou indivíduos que tivessem que atravessar o território certamente seriam visualizados. Essas eram seguramente áreas de assentamento estratégicas que possibilitavam o domínio visual do território. E a construção de estruturas que se destacam na paisagem pode ter auxiliado esse controle, pois bem como afirma López Mazz (1999) os cerritos faziam parte de sistemas territoriais baseados na circulação estratégica regional e na lógica da ótima visibilidade. Assim, entendo que a paisagem de campos abertos era um diferencial na vida desses povos.

Paisagens tão homogêneas nos fazem refletir sobre a necessidade de construção de demarcadores culturais. Não há morros nem uma flora diferenciada para servirem como demarcadores do território. E quando vemos os cerritos se destacando em meio às planícies, é possível lhes atribuir tal função. Como discuto mais adiante, alguns pesquisadores (por exemplo, LÓPEZ MAZZ, 2001) defendem a idéia de que os aterros teriam como uma de suas funções assinalar e reivindicar o direito de exploração de áreas de concentração de recursos. Seriam, portanto, demarcadores territoriais em uma região onde não há demarcadores naturais.

Pensando ainda na questão da circulação no território e analisando a distribuição dos cerritos na paisagem, notamos que para alguém circular naquele lugar seria necessário cruzar no centro do conjunto de cerritos, um lugar visível de praticamente todas as estruturas. Se algum grupo cruzasse aquele território seria praticamente impossível não ser visto por quem habitasse a região. Assim como os banhados (fonte de recursos alimentares) e os afloramentos (fontes de matéria-prima) podiam ser avistados (e controlados e vigiados) de alguns dos cerritos. Esses povos teriam ampla visibilidade do território e das fontes de recursos naturais. O território era controlado através da visibilidade. A distribuição e localização das estruturas foram provavelmente pensadas de forma estratégica para proporcionar um amplo domínio territorial – **o domínio visual do território é também uma forma de domínio material.**

Já foi observado por Pintos (2000 *apud* IRIARTE, 2003) para a região da laguna de Castillos, no Uruguai, que a distribuição dos cerritos segue padrões. Este arqueólogo cita que todos os aterros da área estão situados em posições topograficamente proeminentes na paisagem e que ainda é possível visualizar todos

os cerritos de cada um destes sítios. A partir disto, Pintos chega a conclusão de que estes dois padrões criam as por ele chamadas “bacias de intervisibilidade”, que estão associadas a zonas ambientais com altos níveis de recursos naturais. Iriarte (2003) aponta que para López Mazz e Pintos (2000) e Pintos (2000) a estrutura geomorfológica da região inspirou a monumentalização destas paisagens. Para eles tratou-se de uma

“(...) construção ativa que, baseada na estratégia de construir monumentos em terra, reivindica pontos e linhas (INGOLD, 1986; CRIADO, 1993) progressivamente a fim de fechar espaços em uma paisagem que se tornou mais dividida”.³ (PINTOS, 2008 apud IRIARTE, 2003, p. 81)

³ Em inglês: “... active construction that based on the strategy of building earth monuments claims dots and lines in order to progressively close spaces in a landscape that become more divided.”

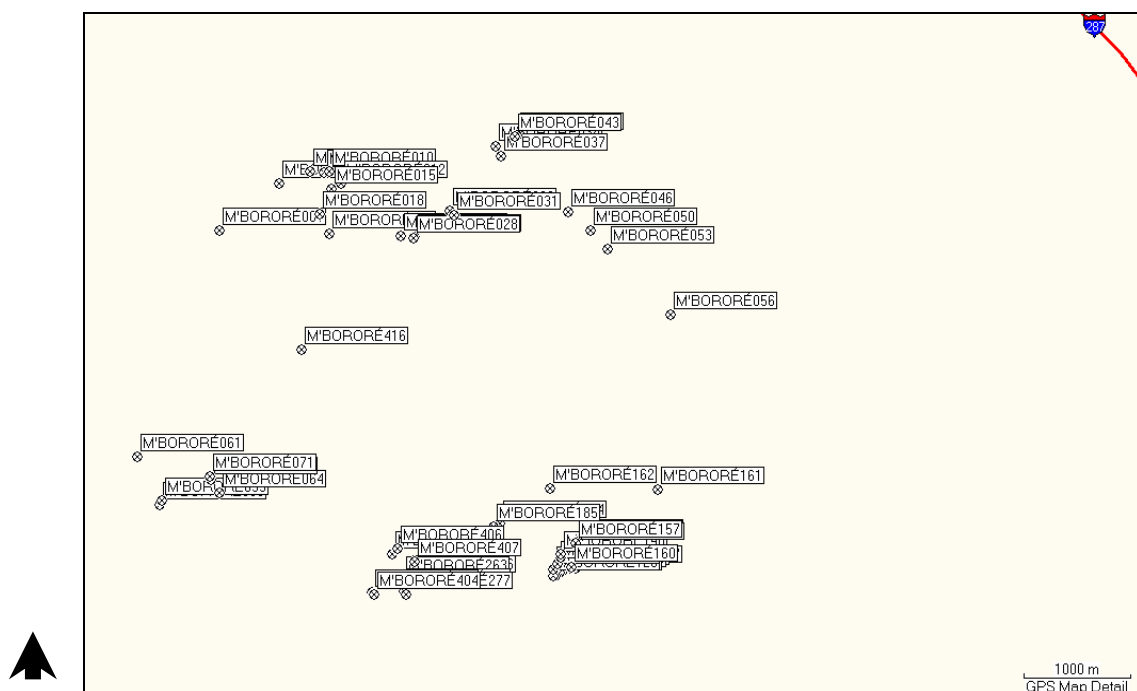
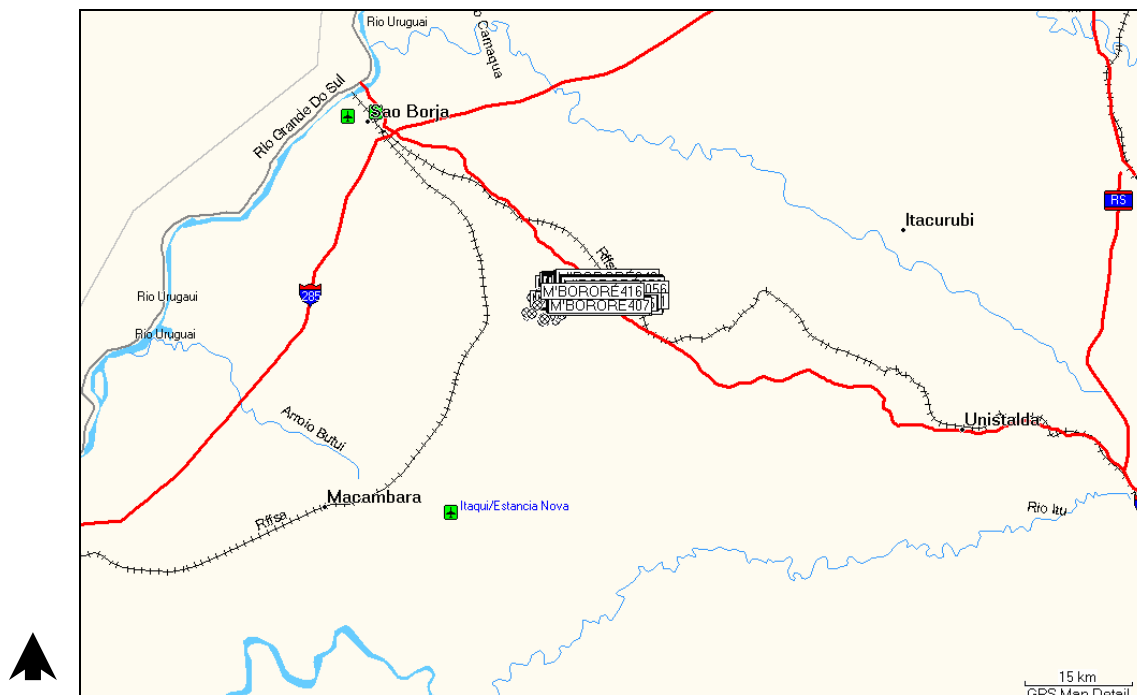


Figura 6: Localização e distribuição dos cerritos do Banhado do M'Bororé.

Fonte: Acervo LEPA

Não deixo de considerar aqui que não foram feitas análises suficientes para se estabelecer uma contemporaneidade entre os cerritos do Banhado do M'Bororé e que a região é uma área agrícola, onde muitas estruturas foram completamente destruídas. Porém, acredito que o tipo de análise a que me proponho e o amparo de

levantamentos de outros arqueólogos me possibilita formular algumas hipóteses. Dessa forma, olhando a distribuição dos cerritos mapedos é possível perceber que formam um conjunto de 54 aterros compondo um círculo em torno de uma área 'limpa'. Os cerritos se agrupam ainda em conjuntos menores, alguns formando círculos, outros alinhados. Neste relevo temos ainda fontes de matéria-prima e de recursos naturais, com afloramentos rochosos e banhados muito próximos e visíveis.

Em Sierra de los Ajos, Uruguai, Iriarte (2003) identificou espaços centrais rodeados por áreas residenciais, com escassez de cultura material e ausência de solo alterado que indicam a organização a partir de uma praça central e um espaço público. Assim, para ele o sítio de Los Ajos representa uma aldeia muito bem planejada, com uma arquitetura incipiente que claramente incorpora um espaço público central, o que denotaria comunidades de alto nível, representando também a materialização física e metafórica da comunidade e expressando sua identidade. Este conjunto de fatores apontaria para a emergência de sociedades tribais na região.

Fazendo uma comparação com os sítios uruguaios, é possível refletir sobre a distribuição dos cerritos do Banhado do M'Bororé enquanto espaços organizados e planejados, com aterros estrategicamente distribuídos em áreas de captação de recursos. Do meu ponto de vista as sociedades construtoras de cerritos não podem ser vistas como simples bandos de caçadores-coletores desorganizados. Assim, não acredito que os assentamentos fossem aleatoriamente implantados na paisagem. E sim previamente esquematizados e arranjados.

Quando experimentamos esta região percebemos que é necessário pensar na relação das pessoas não só com a paisagem e as coisas, mas também com o **clima**. O clima temperado⁴ da região sul do país exige a adaptação dos indivíduos, especialmente em regiões pampenas onde a proteção natural contra intempéries praticamente não existe. Estas planícies são castigadas pelo sol nos dias quentes de verão e pelos ventos gélidos nos dias de inverno. Um fator característico é o

⁴ Segundo dados da prefeitura no município "o clima é sub-tropical úmido(...). A temperatura média anual varia de 19,6°C a 20,0 °C. Regime pluviométrico variando de 1.537 a 1.659 mm. Temperatura média anual 20°C, apresentando temperatura máxima absoluta de 41,8°C (janeiro de 1944) e a temperatura mínima absoluta (-)5°C em julho de 1975. No mês de janeiro ocorrem as médias mais altas 26,9°C enquanto que no mês de julho ocorrem as médias mais baixas 15,6°C (fonte Fepagro Cereais). A direção predominante dos ventos é SE/S com pequena variante." Fonte: <http://www.saaborja.rs.gov.br/site/index.php?section=city3>

típico Minuano⁵, o temido vento que corta os campos do sul. O vento soprando em uma noite fria de inverno certamente influenciava na relação das pessoas com o lugar de habitação. Mesmo estando lá no outono, pudemos sentir a força com que os ventos assolam esta porção do planalto: “O dia de hoje estava complicado para escavar, o vento nordeste castigava a equipe toda com a poeira enchendo os olhos e as narinas do pessoal” (Sandor Bringmann, diário de campo, 29/04/2004).

Outro fator singular desta região são as grandes variações de temperatura. Os dias começavam frios e úmidos, mas à medida que o sol avançava o calor aumentava, fato que até mesmo dificultava a escavação como foi sentido pelos membros da equipe: “(...) o solo estava mais difícil de ser escavado devido ao sol que secou a terra” (Miriam Carbonera, diário de campo, 25/04/2004). As variações são sentidas prontamente, pois um céu ensolarado ou com nuvens faz a diferença: “As condições do tempo eram instáveis no local, pois enquanto havia sol era muito quente, quando surgiam nuvens surgia um vento muito frio” (Libiane Cargnin de Lima, diário de campo, 24/04/2004). Mesmo supondo que os assentamentos da região fossem ocupados sazonalmente, o clima temperado do estado possibilita grandes variações de temperatura e dias frios mesmo no verão ou vice-versa.

O calor e o sol forte no verão, o frio e o vento soprando no inverno, são sentidos de forma diferente dos povos que habitaram florestas e morros, onde é possível encontrar abrigo com maior facilidade. Os povos construtores de cerritos não possuíam proteção natural contra as variações do tempo. Vemos e sentimos isso nos dias de hoje, quando as intempéries das regiões pampeanas fazem com que até mesmo o gado mereça uma proteção especial (bosques de plantações de eucaliptos). Fato este que impressiona quem chega de fora do estado e que acredito fique muito bem expresso pelo comentário de Aziz Ab’Saber (2003, p. 108):

Ao longo das perspectivas distendidas do domínio das coxilhas, dotadas de pradarias mistas, existem pequenos retiros de estâncias envolvidas por cercas vivas e arvoredo baixo, além de minúsculos bosques de eucalipto que servem como defesa contra o frio e o forte vento minuano. Diante da pergunta sobre qual seria a função desses minúsculos bosques, um peão da Campanha respondeu rapidamente: “Vizinho, n’um sabe: aquelas árvores servem para defender o gado do frio, do vento ou do muito sol e calor do verão”. Fiquei pensando que muita gente no mundo tem menos proteção do que o gado da terra gaúcha.

⁵ Vento frio de origem polar (massa de ar polar atlântica), que penetra no Brasil pelo Rio Grande do Sul e que, por vezes, pode atingir os estados da Amazônia e do Nordeste. Fonte: <http://www.frigoletto.com.br/GeoFis/climabra.htm>

Observar os cerritos se destacando na paisagem, me levou a pensar que estabelecer-se no entorno destas construções seria uma boa estratégia de proteção contra os fortes ventos que assolam as regiões pampeanas desprovidas de outro tipo de barreira natural.

Mas, as mesmas paisagens que às vezes castigam também presenteiam e dão vida. As planícies dos campos do sul abrigam um dos ambientes mais ricos e diversificados do planeta.

As terras baixas proporcionam o acúmulo de água formando terrenos alagadiços denominados banhados. Além de concentrar recursos naturais diversos e abundantes, esse tipo de ambiente é bastante propício para a prática da agricultura em pequena escala (IRIARTE, 2003).

Banhados são hoje reconhecidos como os mais ambientalmente diversos habitat do mundo, suportando uma grande diversidade de flora e fauna (Mitsch and Gosselink 2000). Ambientes de banhados podem prover loci críticos para grupos nativos pré-históricos e históricos oferecendo importantes recursos de plantas, animais, pássaros e peixes para caçadores-coletores que os exploram como parte de uma esfera econômica sazonal (Janetski and Madsen 1990; Nicholas 1998). Importante, banhados também provêm grande estabilidade, reduzindo riscos durante períodos de mudanças ambientais uma vez que contêm um fornecimento estável de água. Além disso, são um contexto ideal para a adoção e intensificação da agricultura (e.g., Blake 1999; Niederberger 1979; Pohl et al. 1996; Sherratt 1980; Siemens 1999). (IRIARTE, 2003, p. 126)⁶

A região apresenta um ecossistema bastante rico. É grande a diversidade de aves que ocorrem de forma diferenciada em cada tipo de vegetação local, tais como perdizes, perdigões, emas, garças, marrecas, etc. Os rios e banhados são ricos em peixes, bem como répteis e anfíbios. Os mamíferos mais comuns da região são tatus, lebres, preás, bugios, lontras, veados, lobos guarás, entre outros⁷.

Os banhados e a fauna combinados com o nitossolo típico desta porção do planalto propício à agricultura em qualquer época do ano podem ter possibilitado a

⁶ Em inglês: "Wetlands are now recognized as one the most environmentally diverse habitats in the world, supporting a great diversity of flora and fauna. Wetlands environments have provided a critical loci for prehistoric and historic native groups offering important plant, animal, bird, and fish resources to hunter-gatherers who exploited them as part of the seasonal economic round. Importantly, wetlands also provide greater stability, reducing risk during periods of environmental change since they contain a stable supply of water. In addition, they are an ideal context for the adoption and intensification of agriculture."

⁷ Fonte <http://www.saoborja.rs.gov.br/site/index.php?section=city3>

implantação de práticas de agricultura, culminando assim no surgimento de aldeias mais estáveis e na intensificação da ocupação da região.

Os banhados além de ser uma rica fonte de alimentos por abrigarem diversas espécies de peixes, crustáceos e moluscos, também atraem outros tipos de animais que servem de caça.

Moradores locais doaram uma significativa quantidade de bolas de boleadeira e pontas de projétil. Como se sabe, a mata ciliar se estende ao longo do rio Uruguai. Este tipo de vegetação abriga animais de maior porte como capivaras e veados. Fato que me leva a pensar que estas espécies de animais eram caçadas, tornando necessária a confecção de deste tipo de artefato.



Fotografia 2: Banhados que rodeiam os sítios.

Fonte: Acervo LEPA

As ricas paisagens do planalto missioneiro também oferecem uma boa disponibilidade de matéria-prima. Logo no entorno dos cerritos vemos abundantes afloramentos de rochas basálticas se destacando na paisagem. Entretanto o conjunto de artefatos líticos do Banhado do M'Bororé é composto em sua imensa maioria por arenito silicificado. Há duas hipóteses possíveis para isto: quando rompemos os blocos desprendidos dos afloramentos no entorno alguns apresentam

seu interior composto por arenito; há ainda afloramentos maiores de arenito silicificado não muito distante dos cerritos Butuy 1 e 2 (os arenitos intertrápicos surgidos em meio ao basalto devido a deposição de sedimentos arenosos durante os sucessivos derrames de lavas que deram origem a região). A qualidade inferior do basalto para o lascamento e a proximidade de uma rocha mais homogênea e, portanto de melhor fratura levaram os grupos locais a preferirem o arenito em detrimento das rochas basálticas.



Fotografia 3: Afloramentos rochosos se destacando ao redor dos cerritos.

Fonte: Acervo LEPA

Ainda me permito outra reflexão quanto a este tipo de sítio arqueológico. Como foi possível perceber através das escavações, os cerritos Butuy 1 e 2 foram formados por um amontoado de refugos. Nenhuma evidência de moradia sobre as construções ou de sepultamentos foi encontrada. Então, qual a relação das populações que os construíram com os aterros? Quais seus significados na vida cotidiana das pessoas que provavelmente habitavam seus arredores?

Como se sabe por outras pesquisas realizadas sobre cerritos é comum o encontro de vários tipos de enterramentos (TORRES, 1913; FEMENÍAS, 1990;

LÓPEZ MAZZ, 2001; MILDER, 2003 entre outros)⁸. Muito embora nenhuma evidência desta prática tenha sido percebida durante as escavações.

A ausência de enterramentos nos cerritos escavados pode ter uma explicação: Iriarte (2003) discute que apenas no final do período pré-cerâmico os cerritos deixam de ter uma função apenas residencial para se tornarem também funerários. As escavações trouxeram à tona somente vestígios líticos, sendo que o único fragmento cerâmico escavado foi provavelmente levado de outro lugar até o cerrito. Fatores como estes levam à classificação dos cerritos Butuy 1 e 2 como provavelmente pré-cerâmicos. E a descoberta de cerâmica por moradores locais sugere que a ocupação da região por povos construtores de cerritos se estendeu por um longo período de tempo e que grupos ceramistas também habitaram estas terras.

Os grupos construtores de cerritos possuíam uma íntima relação com as paisagens que os rodeavam. Este não era apenas o lugar onde habitavam e tiravam seu sustento, mas também onde viviam e mantinham diversos tipos de relações sociais. A monumentalização desses espaços para diversos fins demonstra com eles se apropriaram da paisagem, transformando-a e deixando nela impressas as marcas de sua cultura, ao mesmo tempo em que estas paisagens agiam sobre estes indivíduos influenciando suas escolhas e realizações.

Como se sabe, assim como os materiais, também as paisagens utilizadas, vividas e transformadas por povos pretéritos podem nos dizer muito sobre sua vida e sua cultura.

Assim com os artefatos líticos ou cerâmicos possuem uma tecnologia própria para a sua fabricação, que permite caracterizar a população que os confeccionou, também a paisagem pode trazer consigo a "identidade da população" que as produziu. (LAVADO, 2005, p. 16)

Ao analisar as paisagens das áreas onde se encontram cerritos, percebo que se trata de regiões geralmente planas, com flora de pequeno porte, sem relevo acentuado. É possível assim atribuir outra função a estes aterros que, muitas vezes, são a única forma a se destacar na paisagem. É plausível, então, pensar os cerritos como demarcadores territoriais das diferentes populações que os construíram.

⁸ As primeiras pesquisas realizadas sobre cerritos os apontavam como estruturas funerárias. Luis María Torres (1913) em suas pesquisas no delta do Paraná cita o encontro de urnas e de sepultamentos, classificando as construções como 'túmulos'.

Entre cazadores-recolectores arcaicos, la función de los túmulos debe de haber estado en parte relacionada, con la señalización y reclamación, de zonas de concentración (estacional) de recursos; así como con la orientación de la movilidad económica y social. (LÓPEZ MAZZ, 1999, p. 38-39)

A proximidade dos cerritos sob análise de rios, arroios e banhados demonstra claramente como estas construções foram implantadas próximas a áreas de grande interesse econômico. Demarcar estas áreas e ter um amplo domínio visual delas poderia ser essencial para a sobrevivência dos grupos. E a solução para isto foi a objetivação e edificação de estruturas monumentais com fins específicos, ligadas a uma forma diferenciada de pensar e de se relacionar com o ambiente.

Esto permite suponer respecto de la sociedad que realiza estos monumentos, la existencia de un cambio en la percepción y valoración del tiempo y el espacio, por lo tanto, una nueva forma de pensarse. (LÓPEZ MAZZ & BLANCO, 1999, p. 52)

Os cerritos surgem assim enquanto construções antrópicas, realizadas por sociedades caçadoras-coletoras complexas na tentativa de reordenar seu espaço cultural e dominar um território.

Portanto, perceber e refletir sobre as transformações das paisagens em estudo é um importante passo para levantar mais dados a respeito destes povos e de sua relação com o ambiente.

Os espaços em que esses povos viviam eram e são carregados de significados. Hoje, atribuímos a eles outros significados. Mas são todos resultados de relações entre pessoas e coisas e lugares. Cada pedra, cada grão de areia, carrega vários significados para quem o está experimentando. E, dependendo com que outros elementos da paisagem estiverem ligados, terão outros significados. Tenho sempre em mente que os significados se modificam dependendo dos contextos. E os significados que aqui proponho se dão conforme meu olhar e minhas reflexões, mas foram estabelecidos a partir de uma cultura material própria destes povos que um dia habitaram a região, criada através de suas relações e carregada de significados por eles constituídos.

Faço estas reflexões tentando dar uma vida mais concreta a estas sociedades que em outras formas de se fazer arqueologia me parecem tão apagadas atrás de

números e dados. Na maioria das vezes ficamos tão preocupados em ‘fazer ciência’ que acabamos nos esquecendo que existem pessoas por detrás das coisas que escavamos. Através destas ponderações tentei me aproximar mais das **relações** das pessoas com as paisagens e as coisas ao invés de ver apenas os objetos.

2. OS 'CERRITOS DE ÍNDIO': LUGARES TRANSFORMADOS

A monumentalização dos espaços tem sido uma busca constante do homem ao longo dos tempos. Várias foram as formas dadas à natureza desde as primeiras tentativas de domesticação. Na América do Sul vemos diversos povos, em diversos países, erigirem monumentos para os mais variados fins. Na região fronteira entre Brasil, Uruguai e Argentina encontramos um tipo de construção bem característica ligado a povos pampeanos que acabaram, por se parecerem com pequenos cerros, recebendo a denominação popular de “cerritos de índios”.

Os monumentos denominados pela arqueologia como cerritos ou aterros, são estruturas monticulares, construídas artificialmente, encontrando-se geralmente em terrenos baixos e alagadiços, podendo ser compostas por matéria orgânica, pedras e material lítico e/ou cerâmico. Podem ocorrer isolados ou em agrupamentos, destacando-se na paisagem. As mais antigas estruturas construídas na região sul do continente sul-americano datam de cerca de 5.000 anos A.P.

Dichos yacimientos se caracterizan por presentar una o más sobreelevaciones de origen antrópico, que las hace fácilmente perceptibles en el terreno, encontrándose no solamente en terrenos bajo e anegadizos, sino también en zonas altas, donde no llegan las crecientes. (FEMENÍAS, 1990, p. 153)

Sua construção é muitas vezes atribuída aos grupos caçadores-coletores, denominados Charrua e Minuano. No entanto, há divergências nesta interpretação. Muitos estudiosos atribuem a construção dos cerritos a um grupo cultural distinto, denominando-os simplesmente de “cerriteiros” (LOUREIRO, 2006).

Estruturas semelhantes são encontradas em diversas partes do mundo recebendo denominações variadas. Podem ser chamadas de ‘cerritos’ nos países latinos, de ‘mounds’ nos países de língua inglesa e de ‘enclots funéraires’ na França. No extremo sul da América Latina se distribuem ao longo das áreas alagadas da costa atlântica sul-riograndense e uruguaia e pelos pampas do Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina. Embora um grande número de sítios com esse tipo de estrutura ocorra em vastas áreas de diversas regiões e ao longo de um grande espaço de tempo, possuem características singulares de acordo com suas próprias variações temporais e espaciais.

Desde o princípio das pesquisas a respeito destas construções, sua função tem sido motivo para numerosas discussões, sendo que os pesquisadores chegaram a conclusões controversas. Para uma parcela destes os aterros, como também são denominados, serviriam como moradia em épocas de cheias (NAUE, 1968; SCHIMTZ, 1976). Já para outra parcela, tratar-se-iam de monumentos funerários (LÓPEZ MAZZ, 2001). Atualmente, a discussão está centrada nas múltiplas funções destas construções. Tais monumentos estariam ligados a várias atividades desenvolvidas pelo grupo, que poderiam abranger tanto rituais funerários quanto ações do cotidiano (BRACCO BOKSAR, 2006).

Os primeiros arqueólogos no Rio Grande do Sul a dispensar atenção aos cerritos foram o pesquisador do Instituto Anchietano de Pesquisas (IAP/UNISINOS) Pedro Ignácio Schmitz e os arqueólogos Guilherme Naue e Pedro Mentz Ribeiro, no ano de 1966.

Estudos mais aprofundados sobre estas construções ocorreram no final dos anos 1970 e foram encabeçados por estes mesmos pesquisadores acompanhados por outros como Ítala Basile Becker, La Sálvia, Maria Helena Schorr e José Proenza Brochado. Estes pesquisadores realizaram investigações na região norte da Lagoa Mirim que objetivavam obter seqüências culturais e acabaram por formular a chamada “Tradição Vieira”, que vincula os cerritos com uma cerâmica simples. Em decorrência de suas investigações reconheceram-se pela primeira vez padrões funerários do tipo flexionado, em urna e parciais. Nessa mesma época, foram realizados os primeiros reconhecimentos de padrões de distribuição deste tipo de sítio, bem como as primeiras reconstituições paleoambientais, relacionando o ambiente com o sítio arqueológico. Surgem assim as primeiras descrições dos cerritos pelos arqueólogos brasileiros e, conforme Schmitz (1997, p. 223-224):

Os cerritos são pequenas elevações do terreno, com forma aproximadamente circular, oval ou elíptica, compostos principalmente de terra, ou com grande quantidade de restos de alimentos humanos, que podem chegar até 100m de diâmetro e 7m metros de altura. Encontram-se na proximidade das lagoas ou em banhados ao longo dos rios. Geralmente vêm agrupados, mas há também os solitários. Em cada região podem ser dezenas ou mesmo centenas.

Esses pesquisadores defendiam ainda a tese de que tais aterros “representavam uma tática de adaptação com o intuito de tornar possível a moradia em terras inundáveis” (LOUREIRO, 2003, p. 2). Segundo Schmitz (1997, p. 223),

“onde quer que houvessem grandes extensões de terras baixas, que alagavam durante o período das chuvas, aí se podiam buscar tais cerritos”. Ele faz ainda uma descrição pormenorizada de um cerrito escavado:

Os acampamentos indígenas se apresentam hoje como pequenos cômodos, constituídos de sedimentos arenosos, com grande quantidade de restos de origem animal, em menor quantidade de origem vegetal. A maior parte deles assenta diretamente sobre areia clara. A altura vai de 30 a 125cm atuais, a área de 800 a 11.000m². A forma é arredondada ou elíptica, sendo a parte central mais alta que as bordas. A vegetação que os cobre, devido à maior fertilidade dos sedimentos, caracteriza-se por ervas altas típicas de terras perturbadas pelo homem. Os estratos não são muito diferenciados, encontrando-se níveis de lentes de ossos, soltos ou conglomerados, lugares de fogueiras, excepcionalmente covas ou sepulturas. Quando os sedimentos por baixo dos estratos arqueológicos são claros, podem-se observar evidências de estacas, com diâmetros de 7 a 8cm, de antigas choças. Os resquícios de ocupação são principalmente cacos de cerâmica acompanhados de uns poucos artefatos líticos, ósseos ou conchíferos. (SCHMITZ, 1997, p. 227-228)

Para Schmitz (1997) esses aterros seriam ocupados durante longos períodos, sendo abandonados à medida que as lagoas deles se afastassem, o que faria com que se formassem pântanos ao redor, dificultando ou, até mesmo, impossibilitando a pesca. E, durante as estações chuvosas, estes povos utilizariam canoas para se locomover de um cerrito a outro.

Segundo Ribeiro (1983 *apud* MILDNER, 2003, p. 253) os cerritos seriam formações naturais reaproveitadas e modificadas por grupos proto-agricultores.

(...) os cerritos seriam formados naturalmente, no entanto, isto se dá até a ocupação humana, sendo que depois, essas elevações seriam modificadas antrópicamente, tornando-se artificiais. Contudo, essa ocupação e modificação da elevação era totalmente inconsciente, algo que pertencia à cultura dos grupos proto-agricultores que habitavam o Sul do estado e a região das terras baixas do Sul da América.

Após suas pesquisas, Schmitz chega à conclusão de que os aterros eram sítios residenciais de pesca lacustre e que, tanto em relação ao ambiente como quanto à cultura, estes “grupos dos campos do sul devem ser afiliados às tradições platinas e não às brasileiras”.

No Uruguai, as pesquisas iniciaram com mais antecedência. Em 1888 José Henrique Figueira desenvolveu alguns trabalhos nos cerritos do Departamento de Rocha, dando início à “Arqueologia de la Cuenca de la Laguna Merín” e às discussões a respeito da função funerária destas construções. Em 1927, Ferrés

afirma que sua distribuição na paisagem seria proposital e passa a fazer uma nova leitura, atribuindo maior complexidade aos construtores de cerritos e os caracterizando como sociedades estratificadas:

(...) interpretando los conjuntos de estas estructuras como el producto estructural-funcional de una sociedad estratificada con caciques de diferentes rangos, que residían en túmulos de diferentes dimensiones. (LÓPEZ MAZZ, 2000, p. 64)

Essas primeiras análises de cerritos se restringiam a propostas de seqüências culturais a partir da cerâmica e das variações do antiplástico e motivos decorativos, sendo o lítico tratado de forma geral por se apresentar em pouca quantidade. Estes trabalhos permitiram realizar uma seqüência cronológica que

señala un primer momento precerámico, un período cerámico inicial fase Torotama, luego un momento cerámico medio tradición Vieira y un momento cerámico tardío, con presencia de cerámica Vieira, Tupí Guaraní y elementos europeo. (FEMENÍAS, 1990, p. 154)

Em 1931, Benjamin Sierra y Sierra realizou as primeiras observações sistemáticas dos cerritos, relacionando seus construtores aos construtores de sambaquis do litoral sul do Brasil.

As teorias processualistas de Lewis Binford que se difundiram pela América do Sul, a partir da década de 1980, influenciaram significativamente as pesquisas uruguaias. Os cerritos passaram a ser considerados, pelos pesquisadores deste país, “estruturas tumulares”. As teorias de que seriam sítios de moradia passa a ser bastante contestada.

A partir da década de 1990, ocorre um alargamento da utilização dos paradigmas da chamada Arqueologia da Paisagem, trazendo novas perspectivas para a análise dos cerritos. As relações homem/paisagem passam a ter grande destaque e, enfim, se reconhece que há certo grau de complexidade entre as populações construtoras de tais estruturas (LOUREIRO, 2006).

Estas estruturas (os cerritos) seriam um exemplo de que as sociedades que as construíram foram adquirindo um alto grau de desenvolvimento sócio-cultural. Conforme Mazz

Esta arquitectura en tierra parece representar ciertos niveles de integración social, propios de las sociedades complejas incipientes (...). (LÓPEZ MAZZ, 2000 p. 50)

Os grupos construtores de cerritos já não são mais tratados como meros caçadores-coletores de alta mobilidade. A força de trabalho e o tempo dispensados à construção de tais estruturas exigiria um maior apego ao território, sugerindo que se tratariam de “sociedades proto-formativas” que foram se tornando complexas e adquirindo uma preocupação diferenciada para com seus mortos.

Las estructuras monticulares se manifiestan como un trabajo comunitario con la necesaria base de “fuerza de trabajo” y la organización del sistema económico que permitió la inversión de gran cantidad de energía en aspectos vinculados a la esfera superestructural; por lo tanto, sin retorno económico inmediato, evidenciando la preocupación por lo tratamiento de los muertos. (FEMENÍAS, 1990, p. 352)

Esta nítida preocupação com o tratamento dispensado aos mortos e a edificação de grandes monumentos podem ser consideradas indicadores da complexificação gradual que sofreram estes grupos culturais.

Construcciones y enterramientos son la expresión clara de grupos que han alcanzado mayores niveles de integración socio-cultural que sus ancestros y vecinos regionales, lo cual há quedado, junto con su cosmovisión, simbolizados en el paisaje. (BRACCO BAKSAR, 1996, p. 14)

No entanto, isso não significa que estas sociedades tenham se estruturado de forma contínua e linear, “evoluindo” gradualmente:

La evolución no es vista aquí, tanto como el efecto acumulativo de un equilibrio, sino que ella por el contrario es producto de la información y de la auto-organización de sistemas con transiciones discontinuas no-lineales (...). (LÓPEZ MAZZ, 1999, p. 42)

Hoje em dia os pesquisadores têm tido uma visão mais ampla destas construções, mas a discussão a respeito de suas funções continua:

Aunque se há reconocido la definitiva relacion entre monticulos y actividades de funebria, y ultimamente se há senalado la posibilidad de multiplicidad de funciones, incluso reeditandose las funciones domesticas, no existen pruebas irrefutables que permitan sustentar las funciones adscriptas como validas para toda la historia de las estructuras.(BRACCO BOKSAR, 2006)

Atualmente a visão difusionista e histórico-culturalista com que eram tratadas estas construções em terra chamadas popularmente de “cerritos de índios” foi abandonada. Análises multidisciplinares e que relacionam fatores ecológicos e paisagísticos têm sido empregados com mais freqüência. Os trabalhos desenvolvidos na bacia da Lagoa Mirim no Uruguai, coordenados principalmente por José López Mazz, são exemplos da preocupação dos arqueólogos com questões ambientais e os cerritos recebem novas definições.

A visão dispensada pelos arqueólogos aos cerritos e aos povos que os construíram se modifica com as novas pesquisas.

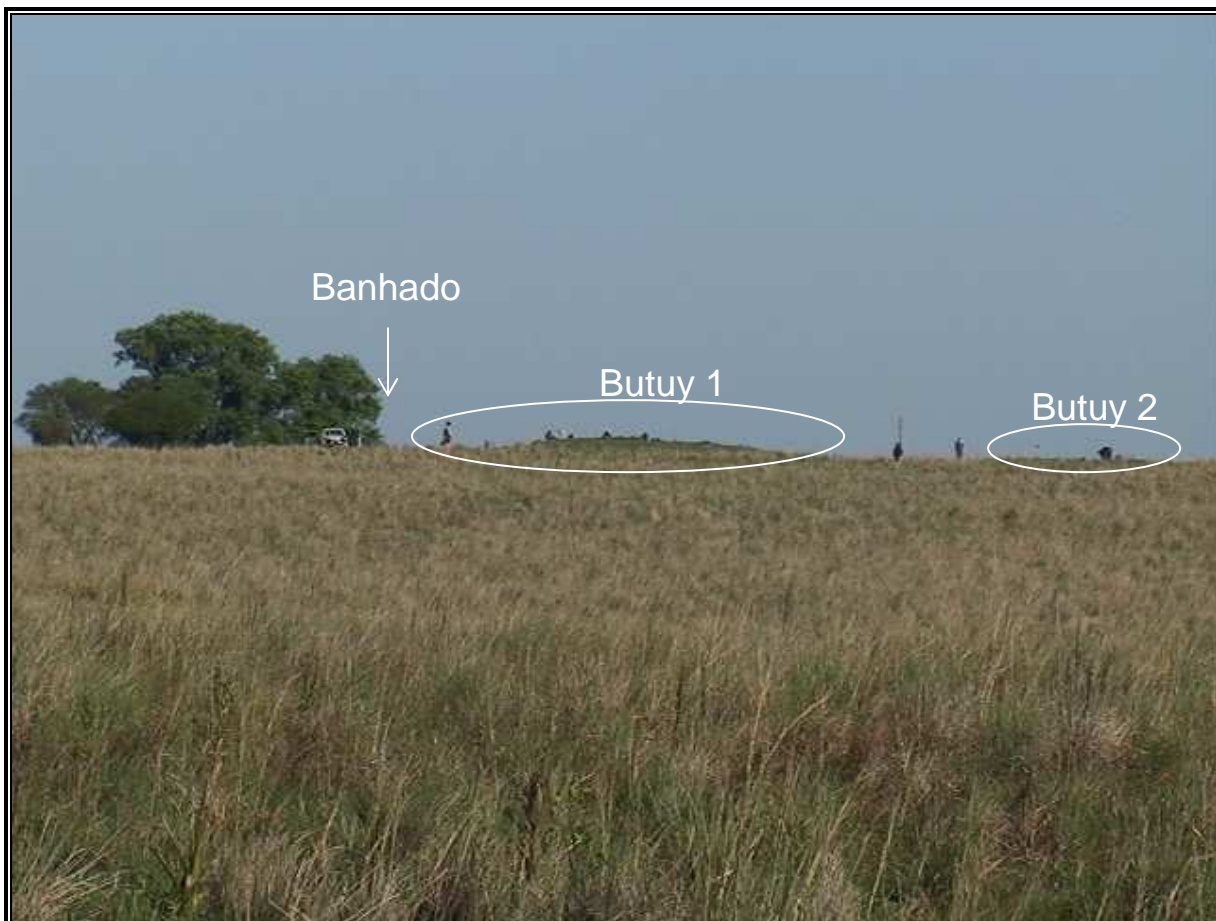
Estas acumulaciones artificiales de tierra, fueran producto de una actividad humana, más o menos diseñada, con un sistema de construcción más o menos estandarizado y una fuerza de trabajo coordinada. (LÓPEZ MAZZ & BLANCO, 1999, p. 50)

Os cerritos seriam, então, o reflexo da organização social das sociedades complexas que os construíram.

2.1. Os Primeiros Contatos com os Sítios Arqueológicos do Banhado do M’Bororé

A equipe do Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas (LEPA) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) desenvolve no município de São Borja desde 2004 o Programa Arqueológico do Banhado do M’Bororé. Em uma área delimitada entre os arroios Capeati e Butuí foram mapeados 54 cerritos dos quais dois sofreram intervenção. Recuperaram-se durante as escavações mais de 9.000 vestígios líticos, dos quais a maioria trata-se de lascas (corticais e secundárias) e microlascas, uns poucos núcleos e alguns instrumentos. A coleção é composta ainda por bolas de boleadeiras, pontas de projéteis, restos ósseos e alguns poucos fragmentos cerâmicos – alguns podem ser ligados à chamada Tradição Vieira e

outros de cerâmica missioneira (ver discussão Capítulo 5.4) –, todos estes provenientes de prospecções ou de doações de moradores locais.



Fotografia 4: Vista dos cerritos escavados Butuy 1 e 2.

Fonte: Acervo LEPA

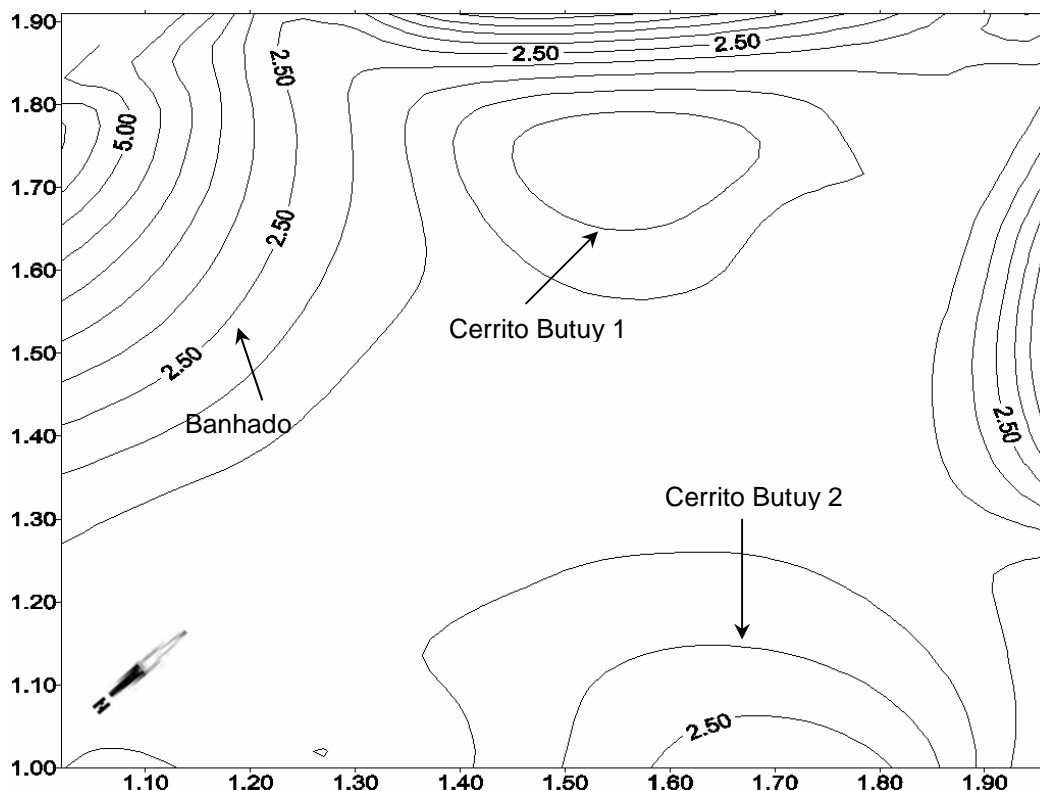


Figura 7: Topografia da área dos cerritos Butuy 1 e 2.
 Fonte: Acervo LEPA

Após a prospecção da área que foi delimitada para estudo chegou-se à conclusão de que se trata de um local com potencial para mais de 100 cerritos, muito embora o pouco tempo de trabalho não tenha permitido sua completa localização. Muitos deles sofreram graves perturbações causadas pelas lavouras de arroz e soja, ficando parcialmente comprometidos ou mesmo totalmente destruídos. Além de fatores antrópicos, foram detectadas inúmeras bioturbações (especialmente tocas de tatu), que também comprometem seriamente os sítios.

Os trabalhos de campo se desenvolveram de duas formas: prospecção da área delimitada para mapeamento das estruturas e escavação de dois cerritos (denominados Butuy 1 e 2 por estarem localizados próximo a várzea do Arroio Butuí).

A maior parte dos cerritos mapeados se encontrava totalmente destruída, sendo sua existência comprovada apenas pela presença de cultura material.

Os cerritos que sofreram intervenções foram escolhidos por estarem aparentemente mais bem preservados. No entanto ao longo da escavação constatou-se que se encontravam bastante comprometidos devido à bioturbações.

Para a escavação do cerrito Butuy 1 foi aberta uma trincheira de 24m x 1,5m que cortou o sítio transversalmente em sua área central. Delimitadas as quadrículas, 16 ao todo, estas receberam numeração crescente em direção norte-sul e foram escavadas alternadamente. As quadrículas localizadas no centro do montículo apresentavam grande quantidade de material, sendo que este diminuía à medida que se afastava para as extremidades. Devido à abundância de material, foram feitos prolongamentos nas quadrículas centrais, que resultaram no encontro de mais lítico. Esta área central foi escavada até se atingir a base de basalto do terreno. O cerrito mede 24m x 27m de diâmetro e 1,5m de altura.



Fotografia 5: Escavação do cerrito Butuy 1.

Fonte: Acervo LEPA

O cerrito Butuy 2 foi escavado apenas em sua porção central, chegando-se também até a base do terreno. Inicialmente foi aberta uma quadrícula de 2m x 2m

que mais tarde recebeu dois prolongamentos de 1m x 1,30m e 1m x 2m. Este cerrito mede 16m x 18m de diâmetro e 0,4m de altura.



Fotografia 6: Escavação do cerrito Butuy 2.
Fonte: Acervo LEPA

Foi coletada uma significativa quantidade de material lítico nos cerritos que tradicionalmente pode ser associado à chamada Tradição Umbu⁹. Os grupos pertencentes a esta tradição são classificados da seguinte forma:

Os grupos de caçadores-coletores da Tradição Umbu se estabeleceram principalmente nas planícies sul-sudoeste e zonas contíguas à encosta do planalto. (...) A matéria-prima utilizada é variada: basaltos, arenitos silicificados, sílex, quartzo, calcedônia, etc. A técnica do lascamento é a percussão direta, porém a técnica de retoques por pressão representa a característica por excelência desta tradição. (HOELTZ, 1997, p. 20)

Segundo Mentz Ribeiro (2000), esta tradição foi dividida em três períodos: o primeiro, mais antigo, estaria datado entre 6 mil e 11.500 anos A.P. e teria coexistido com a megafauna; o segundo, intermediário, teria ocorrido há cerca de 6 mil anos; e

⁹ Não levantarei aqui a tão controversa discussão a respeito das 'Tradições' Umbu e Humaitá, ou mesmo Vieira, apenas fazendo as devidas referências explicativas. Para maiores informações ver HILBERT, 1994; HOELTZ, 1995-96, 1997, 2005; DIAS, 2003; IRIARTE, 2003, entre outros.

o último, mais recente, iria de 6 mil A.P. até mais ou menos a época da conquista, sendo que os achados referentes a esse período indicam “um crescimento populacional e uma melhor adaptação ao meio ambiente”. A tradição é representada por 24 fases e sítios isolados que se estendem pelos estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Diversos sítios no Uruguai e nas províncias argentinas de Misiones e Corrientes são também, segundo Schmitz (1997), afiliados desta tradição. Fazem parte de sua indústria lítica as lascas utilizadas, instrumentos de lascas retocadas unifaciais tais como raspadores e denticulados e bifaces como, por exemplo, pontas de projéteis. Há ainda os instrumentos polidos tais como as bolas de boleadeiras, mãos de pilão, quebra-coquinhos, mós, machados, entre outros. A fauna associada aos grupos da tradição Umbu se caracteriza por uma grande variedade de mamíferos grandes e pequenos, tais como veados, javalis, quatis, pacas, bugios, lontras, jaguatiricas e diferentes espécies de tatus, entre outros (IRIARTE, 2003).

Os materiais líticos predominantes nos cerritos do Banhado do M'Bororé são lascas e microlascas. Os núcleos aparecem em menor quantidade, sendo praticamente todos esgotados, ficando assim impossibilitados de terem seus gumes reavivados e serem novamente utilizados pelos grupos que os produziam. Quanto ao material cerâmico, foi encontrado durante as escavações apenas um fragmento de cerâmica que pode ser associada à chamada Tradição Vieira¹⁰, no cerrito Butuy

2. Os sítios com cerâmica da tradição Vieira

(...) estão relacionados a ecossistemas muito específicos, em áreas de paisagens abertas formadas pelos campos da Campanha e do Escudo Cristalino e na região pampeana uruguaia e nos ambientes úmidos e alagadiços do sudeste do estado e leste do Uruguai. (ROGGE, 2004, p. 102)

A tradição Vieira se restringe ao centro-sul da costa atlântica, sendo caracterizada por recipientes muito simples, homogêneos e de natureza utilitária; as formas são simples e abertas com bases geralmente planas, a altura tem geralmente a metade do diâmetro e as paredes são normalmente verticais ou extrovertidas; o

¹⁰ Segundo Rogge (2004) a cerâmica Vieira tem fortes ligações com as tradições platinas, podendo ter derivado de tradições cerâmicas mais antigas da região da desembocadura do rio da Prata conhecida como Palo Blanco, embora esta teoria deva ser reexaminada. E ainda, alguns elementos estilísticos que caracterizam a cerâmica Vieira no Rio Grande do Sul podem ter derivado de contatos com populações portadoras da tradição Tupiguarani e Taquara.

antiplástico utilizado é geralmente areia fina ou grossa; e ocasionalmente apresentam tratamento plástico como o digitado, o ponteadado ou impressões de cestaria, sendo o alisamento o acabamento de superfície habitual (IRIARTE, 2003).

No decorrer das escavações uma grande quantidade de blocos de basalto e arenito foi sendo evidenciada. De início acreditou-se que estavam distribuídas em círculos e que poderiam servir de demarcadores para sepultamentos diacrônicos. Decidiu-se então mapear individualmente cada um dos blocos que ao final se mostraram aleatoriamente colocados. Concluiu-se assim que estes fariam parte do processo construtivo, tendo sido apenas 'jogados' no cerrito juntamente com os detritos líticos.



Fotografia 7: Blocos de basalto e arenito utilizados no processo construtivo dos cerritos.

Fonte: Acervo LEPA

Durante as prospecções realizadas na área de abrangência da pesquisa, foi encontrada uma grande diversidade de materiais os quais eram distintos dos escavados nos cerritos Butuy 1 e 2. Foram localizadas também bolas de boleadeiras (sendo a maioria delas doadas por moradores da localidade juntamente com algumas pontas de projétil), fragmentos de cerâmica pertencente à já citada Tradição Vieira, bem como dois fragmentos ósseos que não foram submetidos à

análise, mas que podem se tratar de ossos humanos. Uma descoberta interessante foi a de alguns poucos cacos de cerâmica Missioneira em um dos cerritos prospectados.

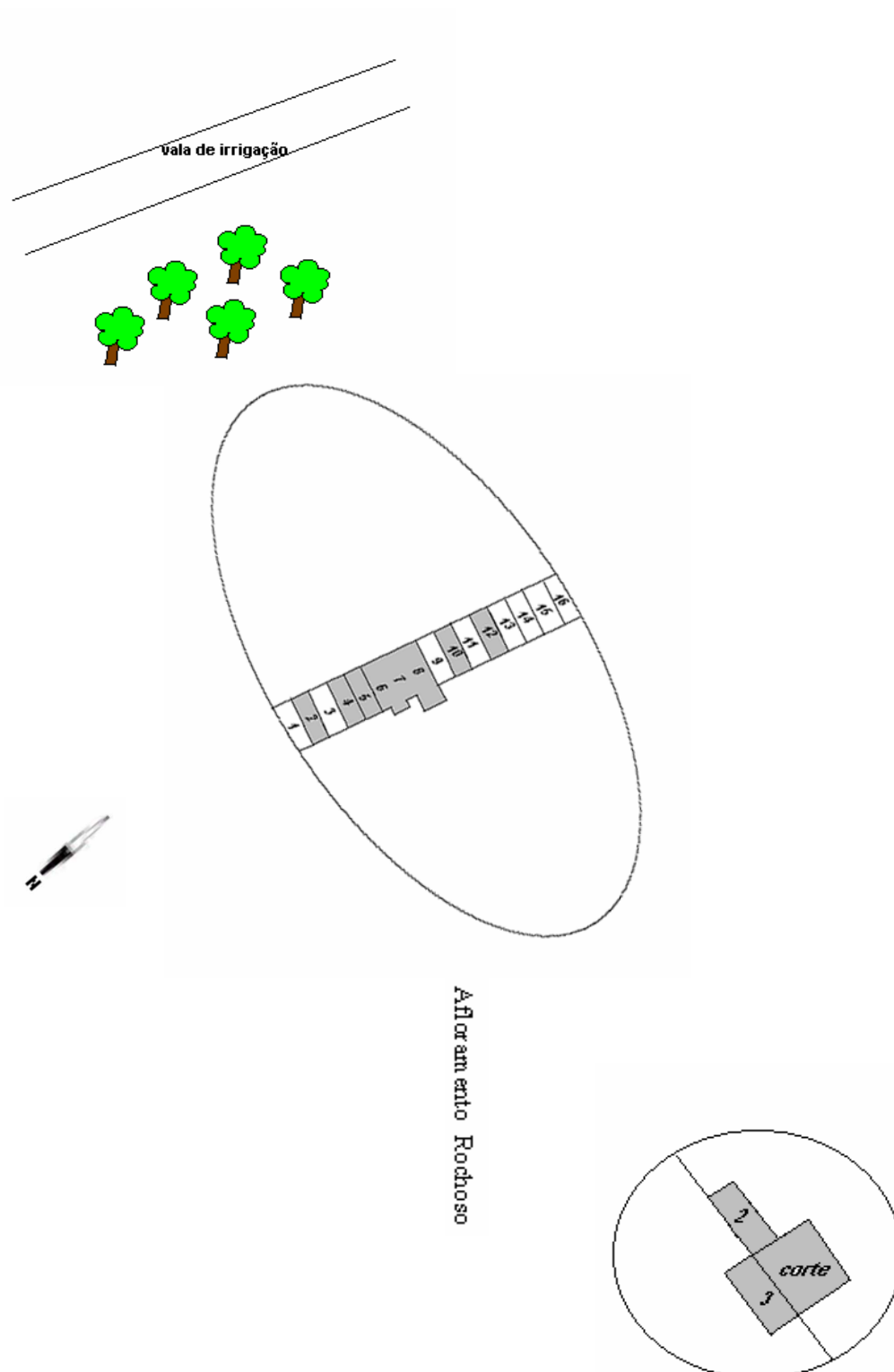


Figura 8: Croqui da área da escavação com quadrículas escavadas em cinza.

Fonte: Acervo LEPA

Ao que se pode perceber a construção dos cerritos escavados se deu através de um amontoado de pedras, terra e material lítico. A grande quantidade de lascas de tamanho reduzido e os instrumentos exaustivamente utilizados levam a pensar que os refugos do grupo seriam utilizados na construção.

Nas pesquisas na Província de Rocha, Uruguai, Iriarte (2003) identificou zonas de refugio no entorno dos cerritos que ocasionalmente eram utilizados na construção de porções dos montículos: “a acumulação de sedimentos de refugos podem ter servido para expandir e elevar o aterro”¹¹ (p. 393). O mesmo não foi empiricamente constatado no Banhado do M’Bororé, pois não se realizaram análises mais aprofundadas no entorno dos cerritos. No entanto, as evidências encontradas nas escavações possibilitam uma analogia com os trabalhos no país vizinho.

Os trabalhos de campo forneceram uma grande diversidade de evidências arqueológicas para serem interpretadas. A principal e mais evidente são as estruturas em si, as quais interpreto a seguir.

2.2. Procurando e Interpretando Pistas: os cerritos como indicadores na paisagem

Quando nos deparamos com a paisagem da região de São Borja um detalhe imediatamente nos chama a atenção: as vastas planícies que se perdem no horizonte. As únicas mudanças que percebemos são alguns capões de mato, os pequenos bosques de eucalipto, algumas coxilhas que se destacam e, claro, os cerritos. Ao nos depararmos com esta imagem notamos a importância destas construções enquanto indicadores em uma paisagem tão homogênea.

¹¹ Em inglês: “*the accumulation of refuse sediments in the periphery may have served to expand and level the mound*”.



Fotografia 8: Cerrito e vegetação se destacando na paisagem.

Fonte: Acervo LEPA

Para José López Mazz (2001) os cerritos eram localizados em áreas estratégicas na paisagem, previamente caracterizadas como ‘zonas de caça’, sendo assim construídos com o propósito de sinalizar e reivindicar os direitos de exploração de zonas de concentração de recursos. Desta forma estes aterros teriam uma função complementar de facilitar e orientação e a locomoção dos grupos de caçadores-coletores nas paisagens inundáveis das Terras Baixas.

Experimentar os campos do Banhado do M'Bororé nos transmite a sensação de necessidade de orientação em paisagens tão homogêneas. Isso me leva a concordar com López Mazz que uma das funções destas construções seria a de auxiliar na locomoção das pessoas através da paisagem bem como de demarcar territórios estratégicos pertencentes a grupos específicos.

Entretanto, acredito que os cerritos sirvam de indicadores na paisagem em um duplo sentido: tanto orientando pessoas e demarcando territórios em um passado remoto quanto comprovando **no presente** a existência de outras culturas nestes lugares. A meu ver eles são ‘pistas’ de que povos construtores de cerritos ali estiveram. Se em um tempo pretérito eles serviram a caçadores-coletores,

atualmente servem a arqueólogos que tentam inserir esses ‘homens pré-históricos’ novamente nas paisagens a partir das análises e interpretações arqueológicas.

Como discutido por Cornelius Holtorf (2005) um arqueólogo, assim como um detetive, trabalha com pistas, desvendando-as uma a uma na tentativa de resolver um mistério: “O arqueólogo é assim o detetive do passado. Como o detetive, o arqueólogo resolve mistérios e é freqüentemente retratado como trazendo luz para onde houve trevas por encontrar pistas e revelar verdades”¹² (p. 60). Seguimos os rastros que encontramos nas paisagens e nas escavações como se fossem pistas das vivências dos indivíduos dos quais pretendemos nos aproximar e, assim, reconstruímos eventos passados. Uma reconstrução obviamente nossa, feita no presente por arqueólogos do presente. Mas que, acredito, não deixe de nos aproximar de culturas pretéritas.

A partir da reconstrução das pistas arqueólogos chegaram a diferentes entendimentos a respeito dos cerritos. Desde as primeiras pesquisas ainda no século XIX (ver discussão no Capítulo 3) os dados foram sendo interpretados e reinterpretados e as compreensões foram se modificando até as mais recentes, que aparentemente convergem para visões semelhantes, embora as discussões não se encerrem e as opiniões divirjam em alguns pontos. Discutirei a seguir algumas destas diferentes – ou semelhantes – visões apontando as diversas interpretações que arqueólogos-detetives podem ter de uma mesma pista.

2.2.1. O que as pistas nos dizem

Aponto aqui as visões das pessoas envolvidas nos trabalhos nos cerritos do Banhado do M’Bororé e outras de pesquisas recentes baseando-me no trabalho de José Iriarte (2003). Pretendo com isso demonstrar como as pistas encontradas nos cerritos foram interpretadas pelos membros da equipe e por pesquisadores atualmente envolvidos nesta investigação.

Por um longo tempo as discussões sobre a funcionalidade dos cerritos os mantiveram na dicotomia moradia-cerimonial. Esta antagonia parecia tornar improvável a convivência de ambos. Como argumenta Dillehay (*apud* Iriarte, 2003),

¹² Em inglês: “*The archaeologist is thus the detective of the past. Like the detective the archaeologist solves mysteries and is often portrayed as creating light where there was darkness by finding clues and revealing truths*”.

se estas construções fossem essencialmente cerimônias onde estariam então os centros domésticos destas sociedades tão estruturadas a ponto de desenvolver um cerimonialismo em larga escala? Sua resposta para a questão pode ser a interpretação destes sítios enquanto comunidades planejadas, onde centros cerimoniais e domésticos estariam estrategicamente distribuídos:

... a maioria dos locais com cerritos, caracterizados pela presença de vários montículos, podem ser o aspecto planejado de um assentamento de aldeia interpretado como uma expressão na forma material de elementos simbólicos chave na cosmologia e organização social da sociedade que o construiu e usou. (DILLEHAY, 1995b apud IRIARTE, 2003, p. 78)¹³

Para Iriarte (2003) a pré-história da região da bacia da Laguna Mirim por ele analisada divide-se em três períodos: Período Arcaico Pré-Cerâmico, Período Pré-Cerâmico sem Cerritos e Período Cerâmico com Cerritos. De acordo com este pesquisador, cada um teve suas particularidades e as culturas que deram seqüência às ocupações devem ser analisadas separadamente. Por exemplo, a visão de continuidade entre os períodos Arcaico e Pré-Cerâmico, anteriormente proposta por arqueólogos brasileiros deve ser abandonada, uma vez que os grupos do período Arcaico eram mais móveis e provavelmente possuíam práticas de subsistência mais especializadas do que os do período Pré-Cerâmico, como indicado pela análise lítica.

Suas pesquisas demonstram que a visão anteriormente aceita de que os grupos pampeanos eram simples caçadores-coletores organizados em pequenos grupos igualitários e de alta mobilidade é inverossímil. Tais grupos se mostram bem mais sofisticados e organizados:

“(...) os ‘Constructores de Cerritos’ estão começando a esclarecer a existência de uma longa seqüência de desenvolvimentos culturais; caracterizado por uma trajetória cultural mais diversa, sofisticada e autônoma do que anteriormente pensado”¹⁴ (IRIARTE, 2003, p. 449).

Conforme este arqueólogo é necessário também tomar cuidado ao interpretar estas sociedades uma vez que nos faltam evidências de que possuíam

¹³ Em inglês: “...most mound sites, characterized by the presence of several mounds, may be a planned aspect of a village settlement interpretable as an expression in material form of key symbolic elements in the cosmology and social organization of the society which built and used them.”

¹⁴ Em inglês: “ (...) the ‘Constructores de Cerritos’ are beginning to unravel the existence of a long sequence of cultural developments; characterized by a more diverse, sophisticated, and autonomous cultural trajectory than previously thought.”

características tais como um tratamento diferenciado da morte, uma economia de acumulação ou bens de prestígio. Mas é possível caracterizá-las como ocupando grandes e complexos sítios com aterros, praticando uma economia mista e incorporando espaços públicos/rituais claramente demarcados através da formalização e segregação espacial (IRIARTE, 2003).

Já Milder et al. (2003) destacam este tratamento diferenciado da morte uma vez que para eles os cerritos estão relacionados a sociedades em emergente complexificação onde os vivos fariam um uso político da morte, padronizando e controlando os espaços e estabelecendo o desequilíbrio social.

Iriarte (2003) aponta os três grandes problemas nos estudos e classificações até agora realizados para os cerritos na área por ele abordada e que acredito se aplicam aos trabalhos em toda a região das Terras Baixas: a) as sociedades construtoras de cerritos foram sempre vistas a partir de dicotomias como simples/complexas ou igualitárias /hierárquicas; b) a falta de pesquisas focadas na estrutura dos sítios impossibilitou um acesso adequado a natureza complexa dos aterros da região; e c) a carência de análises paleoclimáticas interfere no acesso às complexas interações entre as transformações da paisagem e os seres humanos. Em consequência uma série de questões sobre este tipo de sítio arqueológico continua até hoje sem resposta, como por exemplo: o que representam estes múltiplos montículos formalmente estabelecidos, englobando dezenas de aterros ao longo de vastas áreas? Eles seriam assentamentos planejados, centros cerimoniais desocupados ou aldeias com espaços públicos e cerimoniais? Qual o processo formativo e a função destes montículos: residenciais, funerários, cerimoniais? Quais as relações entre estes complexos de cerritos distribuídos pelas Terras Baixas? Foram eles seqüenciais ou contemporâneos? Qual a dinâmica das sociedades envolvidas na construção destes aterros? Qual a relação destes sítios com processos mais amplos que ocorreram tanto na região do Atlântico quanto mais além?

Alguns dos problemas assinalados por Iriarte estão presentes em meu trabalho, porém procuro amenizá-los através de caminhos alternativos como a abordagem fenomenológica. A partir da experimentação da área estudada procuro uma aproximação das pessoas com a paisagem. Por exemplo, fica clara para mim uma relação de domínio visual da paisagem devido à conformação geomorfológica da região. Outra relação que acredito perceber é a proteção contra intempéries que

os aterros proporcionavam a seus ocupantes, por se destacarem na paisagem homogênea. Uma das principais características que atribuo aos cerritos do Banhado do M'Bororé é a de demarcadores territoriais, ainda pelo fato de se destacarem nas regulares planícies pampeanas.

Muitos destes questionamentos ainda continuam sem resposta. Para outros o trabalho de Iriarte trouxe alguma luz. Por exemplo, seguindo sua análise é possível perceber o quão complexas foram as sociedades construtoras de cerritos e como a ocupação da região, influenciada tanto por fatores ambientais quanto sociais, transformou as planícies da bacia da Laguna Mirim. A partir de complexos processos formativos, agregados de cerritos foram surgindo; intensas ocupações deram origem a aldeias muito bem distribuídas, que contaram com centros cerimoniais e praças centrais. Conforme as pesquisas uruguaias as condições instáveis e secas do médio Holoceno teriam levado a ocupações mais intensas de áreas selecionadas em banhados mais elevados no setor sul da bacia da Laguna Mirim, o que teria desencadeado o processo de formação das primeiras aldeias. As aldeias formariam agregados de comunidades circulares, partilhando o sítio em discretas áreas funcionais caracterizadas por unidades residenciais em torno de uma praça central (IRIARTE, 2003). Embora muitos dos cerritos da região do Banhado do M'Bororé provavelmente tenham sido destruídos por construções e lavouras, é possível perceber que a distribuição dos aterros segue padrões que podem estar ligados a uma melhor visibilidade de áreas de interesse econômico e cultural. Dessa forma, as construções poderiam fazer parte de aldeias muito bem organizadas onde as áreas centrais seriam habitadas e os cerritos serviriam a outras funções (cerimoniais e demarcadores territoriais entre outras).

Acredito que os cerritos Butuy 1 e 2 foram construídos a partir de um amontoado de terra, pedras e material lítico, provavelmente tomados de áreas de coleta de material construtivo, onde eram depositados os refugos do grupo. Esta hipótese se afirma pelo fato de encontrarmos na coleção uma grande quantidade de lascas; pela ausência de núcleos; pelos instrumentos já esgotados; pela grande diversidade na coloração e nas formas das peças líticas, impossibilitando qualquer tipo de remontagem. Ainda, a análise do solo (ver Capítulo 5.4) mostra alta quantidade de elementos químicos ligados à presença humana, sendo que restos alimentares ou sepultamentos não foram encontrados nos cerritos escavado.

A ausência de enterramentos descarta o caráter funerário e a ausência de restos alimentares ou estruturas de fogueira não me permitem apontar os cerritos Butuy 1 e 2 como moradias. Assim, a forma e o tamanho das construções me levam a pensar os aterros como indicadores na paisagem, verdadeiros demarcadores territoriais que se destacam na paisagem de campos do município de São Borja, servindo tanto como referencial durante movimentações pela região quanto marcando zonas de alta concentração de recursos.

Vejo ainda o papel destas construções no presente enquanto indicadores culturais, uma vez que são pistas de sociedades pretéritas que nos possibilitam levantar hipóteses e fazer interpretações sobre culturas que não mais existem.

3. VIVENDO O LUGAR ATRAVÉS DA CULTURA MATERIAL

*Since the artifacts blends the mind with permanent materials, with stone rather than light or air, only artifacts last beyond the event, and only artifacts – books, crockery, projectile points – provide the basic resource for the historian.
(Henry Glassie)*

Cultura material é o produto material da ação do homem usado pela arqueologia como um meio de nos aproximarmos de populações humanas pretéritas às quais não temos mais acesso. Por isso muitos enfoques arqueológicos tradicionais acreditavam que os objetos possuíam apenas uma natureza passiva, por verem-nos enquanto simples produtos dessa ação. Entretanto, como Hodder (1986) salienta a produção de objetos materiais não pode ser um processo passivo, pois eles representam e agem ativamente na sociedade (ROSA, 2007). Coisas desempenham importantes papéis na formação de pessoas, instituições e culturas, e a forma como pensamos e agimos depende tanto dos objetos com os quais nos cercamos quanto da linguagem que usamos ou das intenções que podemos ter: encontramos-nos através das coisas (TILLEY, 2008).

Matéria inerte é transformada por práticas sociais ou trabalho produtivo em um objeto cultural, seja um produto para consumo imediato, uma ferramenta ou trabalho de arte.¹⁵ (SHANKS e TILLEY, 1992, p. 130)

A perspectiva tradicional de conceber objetos como entidades passivas levou a uma atualmente tão criticada dicotomia entre sujeito e objeto, que acabou por colocá-los em esferas sociais separadas. Há sempre um afastamento entre pessoas e coisas, material e ideal, que advém da crença de que a cultura material além de ser passiva, possui propósitos estritamente funcionais e utilitários. Dessa forma, por muito tempo todo o desenvolvimento cultural das sociedades foi pensado a partir da **função** das coisas. Os objetos eram explicados a partir da questão ‘para que serve isto?’, que após uma série de questionamento que surgem a partir da década de 1980 passa a ser substituída pela questão ‘o que isto significa?’¹⁶. Estas análises funcionalistas levaram a uma arqueologia de dados e cálculos em que os seres

¹⁵ Em ingles: “Inert matter is transformed by social practices or productive labour into a cultural object, be it a product for immediate consumption, a tool or work of art.”

¹⁶ Por exemplo Hodder, 1986; Shanks e Tilley, 1992.

humanos pretéritos eram tidos como preocupados apenas com a subsistência e tudo que fosse por eles criado teria apenas um caráter utilitário.

A construção de dados arqueológicos reflete a posição peculiar da arqueologia. Nem humanidade nem ciência, nem arte nem análise, a arqueologia combina métodos e paradigmas de ambos. A arqueologia pré-histórica inicial, em particular, continua sujeita aos paradigmas da 'ciência normal' de uma maneira que está mudando em períodos do Neolítico em diante. O mundo dos caçadores-coletores é visto irresistivelmente (PLUCIENNIK, 2002) como dominado por imperativos de subsistência e é estudado em termos de números e contas, as ciências dos restos de flora e fauna, e a física do rádio-carbono.¹⁷ (Pirie, 2004, p. 678)

Segundo Rosa (2007) o caráter meramente funcional e utilitário da cultura material é questionado por Hodder (1992) que defende a presença de significados nos artefatos que podem ser atribuídos de diferentes formas e em diferentes relações e contextos. A atenção desta visão utilitária era dispensada majoritariamente aos aspectos físicos e às restrições materiais dos objetos, sendo que seu conteúdo significativo, seus elementos simbólicos e ideológicos, eram esquecidos.

Outra crítica à idéia das culturas humanas subordinadas às atividades práticas e com caráter utilitário vem do antropólogo Marshal Sahlins (1976 *apud* ROSA, 2007), que sugere a interpretação simbólica ou significativa da cultura. Para ele o homem não “sobrevive” simplesmente em um mundo material, ele sobrevive de forma específica conforme seus próprios esquemas simbólicos. A funcionalidade das coisas tem finalidade cultural e é definida por este esquema significativo, o que é claro não retira o caráter material das coisas.

Neste capítulo me foco nas relações entre as pessoas e as coisas discutindo como a cultura é transformada do simbólico para algo material através de ações humanas. Em seguida apresento o contexto em que a cultura material do Banhado do M'Bororé foi encontrada e resgatada uma vez que as pistas de sua existência foram seguidas e interpretadas.

¹⁷ Em inglês: “*The construction of archaeological data reflects the peculiar position of archaeology. Neither humanity nor science, art nor analysis, archaeology combines methods and paradigms of both. Early prehistoric archaeology, in particular, continues to be subject to the paradigms of 'normal science' in a way that is changing in periods from the Neolithic onwards. The world of the hunter-gatherer is seen overwhelmingly as dominated by subsistence imperatives (Pluciennik 2002) and is studied in terms of numbers and counts, the sciences of floral and faunal remains, and the physics of radiocarbon.*”

3.1. A Cultura Feita Material

Nosso mundo é impregnado pela cultura material da qual, segundo Warnier (1999), não conseguimos escapar por momento algum desde nosso nascimento. Ela possui uma importância fundamental na medida em que se encarrega de transmitir e preservar valores humanos em suas relações sociais. Objetos são parte ativa das relações sociais. Para Rabardel (*apud* VIANA, 2005) um objeto pode ser considerado uma estrutura dinâmica uma vez que sua utilização também tem um caráter dinâmico. Seu funcionamento é organizado, o que não impede que possa congrega e adequar novas situações se necessário. Como a cultura material é resultado de um processo produtivo e o indivíduo que confecciona um determinado objeto é sempre um sujeito social, este objeto por ele produzido apresenta duas dimensões: uma privada (própria de cada indivíduo) e outra social. Desta forma a cultura material é uma produção social e socializada, mesmo se trabalho de um único indivíduo (SHANKS e TILLEY, 1992).

Para Glassie (1999) cultura material é exatamente a **cultura feita material**, uma vez que cultura é apenas um modelo mental, interna, invisível, tornado-se tangível somente através das coisas materiais. Cultura material então combina o visível com o invisível, o tangível com o simbólico. Ela inicia com as coisas, mas não precisa necessariamente terminar nelas, pois, por ser cultural, pode nos transmitir ações e pensamentos, impressos nas cicatrizes deixadas pela atividade humana. Estas cicatrizes formam uma cadeia de informações sobre os objetos, um texto que pode ser lido e descrito durante o processo de análise. Pois como afirma Glassie (1999), mesmo não sabendo o que um objeto significa, nós podemos descrevê-lo e, assim como um texto, ele pode ser quebrado em partes e lido como uma composição, uma vez que a forma como ambos são criados (texto e objeto), através de esforços físicos e mentais, os coloca em conexão.

As atividades das pessoas são construídas e organizadas socialmente ao mesmo tempo em que são representadas simbolicamente na forma de linguagem e objetos materiais (SHANKS e TILLEY, 1992). Uma vez que não temos mais acesso a linguagem destas pessoas, apenas nos resta tentar ler suas atividades no que chegou até nós, a cultura material. Entretanto, esta leitura não é uma tarefa fácil, pois objetos têm sua própria forma de comunicar-se uma vez que reportam à

pensamentos e formulações que resistem a formulação verbal, enquanto tentamos obstinadamente decompô-los em palavras (GLASSIE, 1999).

A tarefa de transcrever objetos em texto além de ser um empreendimento complicado é também arriscada, pois ao fazê-lo diversos elementos são perdidos. Não posso, por exemplo, alcançar determinadas escolhas do artesão nem os significados que somente existiram em sua mente. Contudo, essa transcrição é necessária para que a cultura material se torne inteligível, uma vez que é através da narrativa discursiva do arqueólogo que objetos ganham sentido, pois “artefatos não significam nada. É somente quando são interpretados através da prática que eles se tornam investidos com significados”¹⁸ (BARRETT, 1994 *apud* HOLTORF, 2005, 60).

Ao nomear e classificar as coisas construímos relações metafóricas e perdemos muito de seus detalhes, no entanto ganhamos formas de torná-los compreensíveis. Conforme Latour para descrever coisas em palavras, nós as manipulamos conferindo-lhes diversas transformações que resultam no objeto tomando forma, indo do concreto para o menos concreto. E cada transformação que o objeto sofre o torna mais móvel, universal, comparável, padronizado, ao mesmo tempo em que o torna menos particular e detalhado (PIRIE, 2003).

Assim, cultura material é um meio através do qual pessoas se comunicam e se expressam. Uma vez que um objeto é visto enquanto um signo, adquire diferentes significados conforme o contexto no qual estiver inserido. Coisas contextualmente estruturadas podem ser lidas da mesma forma que um texto. E assim, a cultura material é transformada em texto para permitir as que as pessoas se comuniquem.

(...) é a análise contextual de seus usos e significados o que possibilita avaliar a importância dos mesmos não apenas enquanto índices de adaptabilidade mas, também, como meios de satisfação das necessidades práticas do cotidiano e como veículo de transmissão de conteúdos simbólicos e afirmação de identidade pessoal e étnica. (SILVA, 2002, p. 120-121)

Quando o único vestígio que nos resta de sociedades remotas é a cultura material, é somente através de sua análise que temos a possibilidade de conhecer essas culturas que não mais existem. Analisando e descrevendo a cultura material, percebemos as mensagens nela inscritas, ou seja, os diversos aspectos que

¹⁸ Em inglês: “Artefacts mean nothing. It is only when they are interpreted through practice that they become invested with meanings.”

influenciaram em sua gênese. E ao inserir os objetos em seu contexto apreendemos os diferentes papéis que podem ter assumido nas sociedades do passado.

Porém, durante a escavação o arqueólogo elimina um contexto (o contexto arqueológico onde se encontravam as coisas), mas ao escrever ele cria outra relação para as coisas. É este o momento em que os primeiros dados são construídos e as primeiras relações com os objetos ocorrem, pois como bem salienta Thomas

a escavação de um sítio arqueológico deve tornar-se um momento de conversação, negociação, contestação e diálogo entre os participantes, que passariam a produzir dados sobre o passado de forma ativa e participativa. Além disso, as contribuições dadas por cada um dos participantes do trabalho de campo estão vinculadas a um contexto mais amplo, onde suas experiências em estudos anteriores influenciam no desenvolvimento da pesquisa e por conseguinte no seu resultado final. (ROSA, 2004, p. 24)

O método de escavação e tudo o que acontece em campo influencia na imagem que fazemos do passado (PIRIE, 2003). A forma como vemos e percebemos o trabalho de campo guiará a forma como iremos transcrever a cultura material em palavras.

3.2. Dando Vida às Coisas

Assim como construções, objetos também são pistas da existência de determinado indivíduo (ou indivíduos) em um determinado espaço. Seguimos cada uma delas e sua leitura nos levará a mais pistas de um passado remoto. Mas estas pistas não são simplesmente descobertas, elas são produzidas pelo arqueólogo a partir de seus pressupostos teóricos e metodológicos – o que não significa que sejam ‘forjadas’.

Neste ponto de minha narrativa pretendo contar uma história. A história de como demos vida a objetos pretéritos e de como eles se tornaram os vestígios arqueológicos que hoje descrevo neste trabalho. Pois é exatamente isto que arqueólogos fazem: traçam narrativas para contar histórias através das coisas.

Uso minha sabedoria de arqueólogo para criar histórias a partir das coisas que outros deixaram para trás. Transformo coisas em narrativas. Mas, diferente de outros cientistas históricos e sociais, que se comunicam

diretamente com as pessoas, o diálogo com a cultura material se dá pela atribuição de sentidos ao próprio objeto. (HILBERT, 2006, p. 99)

Dando início a narrativa, no dia 24 de abril de 2004 a equipe do LEPA/UFSM teve o primeiro contato com os sítios arqueológicos do Banhado do M'Bororé. Chegando pela manhã, visitamos alguns cerritos e pudemos entender um pouco o tipo de sítio em que iríamos trabalhar. Curiosamente, o fato que mais chamou a atenção da equipe foi a quantidade de material lítico que aflorava dos cerritos, como podemos notar através de trechos do diário de campo:

“Começamos nosso dia conhecendo alguns sítios e pudemos perceber a enorme quantidade de materiais líticos na superfície.” (Libiane Carginin de Lima, diário de campo, 24/04/2004)

“Chegamos a São Borja pela manhã e fizemos uma visita rápida a alguns cerritos, onde o material da superfície é abundante e de boa qualidade.” (Vanessa Barrios Quintana, diário de campo, 24/04/2004)

“Chegamos de manhã, e conhecemos alguns cerritos. São muitos e com muito material lítico.” (Silvana Zuse, diário de campo, 24/04/2004)

Isto ocorreu, é claro, devido ao nosso anseio de encontrar materiais, em especial as tão desejadas pontas de projétil. As construções obviamente chamaram nossa atenção. Mas, como bons principiantes, nossa aspiração era pelo concreto, pelo que poderia ser levado como prêmio para o laboratório.

Após as visitas iniciamos as escavações dos cerritos escolhidos (Butuy 1 e 2), que antes foram medidos e quadriculados. A primeira camada de grama foi retirada e as espátulas foram dando vida aos primeiros vestígios líticos dos cerritos do M'Bororé. Estas verdadeiras pistas que nos informam sobre povos remotos estiveram sob a terra por centenas, talvez milhares, de anos e quando novamente vem à luz, já chagam carregadas de significados e pressupostos dados pelos pesquisadores. Elas tiveram uma vida que foi soterrada por terra e grama e agora mais histórias são acrescentadas a essas vidas, atribuídas por uma gama de métodos, técnicas e pressupostos teóricos embutidos nas mentes de quem as escava, pois concordo com Holtorf (2002) que afirma que nós adicionamos histórias às vidas das coisas.



Fotografia 9: Cultura material ganhando vida ao ser escavada.

Fonte: Acervo LEPA

Estas milhares de peças líticas antes mesmo de serem escavadas já haviam sido atribuídas a um grupo construtor de cerritos – e desta forma a estrutura também já estava pré-determinada e carregada de pressupostos –, ligadas e uma ‘Tradição’ pampeana Umbu e classificadas como ‘antigas’, vestígios arqueológicos de um povo perdido. Todas estas características foram, porém atribuídas **pelo** pesquisador, “constituídas significativamente – no presente” (HOLTORF, 2002, p. 55). A primeira e principal delas é a antiguidade do objeto. Ela é que vai determinar se vale a pena guardar a coisa e estudá-la e será atribuída no momento da descoberta pelo escavador: o que nós acreditávamos que era antigo, se tornou antigo e foi guardado; o que nós acreditávamos que era recente ou que não havia sido transformado e/ou utilizado pelos indivíduos que pretendíamos compreender, virou lixo e foi descartado – senão ali, tempos depois na lixeira do laboratório.

Em seguida o objeto é classificado como um lítico, uma cerâmica, restos alimentares; ligado a uma quadricula, a um poço teste ou trincheira; e colocado assim em sua devida embalagem onde alguns números e letras indicarão sua

classificação pré-estabelecida. Chegando ao laboratório suas características talvez se alterem ou mais detalhes sejam atribuídos ou talvez simplesmente ele se torne lixo. Foi exatamente o que aconteceu com a coleção em questão. Após ser lavado, o material recebeu mais detalhes, foi classificado, reclassificado (ou, por exemplo, se percebeu que o que se pensava ser uma lasca era na verdade um fragmento de cerâmica), separado entre lascas e núcleos, se identificou a existência de artefatos.



Fotografia 10: Cultura material sendo analisada e interpretada em laboratório.
Fonte: Acervo LEPA

Cada ação dos pesquisadores, cada interpretação dos fatos passados – apenas interpretações dos fatos e não os fatos em si, pois estes não existem mais –, foi aos poucos acrescentando histórias à vida destas coisas, as quais relato aqui nestas linhas não sem acrescentar ainda mais detalhes. Mais histórias, pois ainda nos restam aspectos empíricos explícitos nas coisas, que nunca deixam de ter sua própria materialidade.

A forma como lidamos com os dados, os métodos de observação, descrição e quantificação dos artefatos, tudo isso influencia na imagem que fazemos do passado (PIRIE, 2003). Os objetos só ganham significado através do discurso construído pelo arqueólogo. E o discurso do arqueólogo é construído com os artefatos (HILBERT, 2006).

4. LENDO AS COISAS

*At least, the artifact has its own way to meaning,
and in learning it we begin to hear the voices in things,
the screams of the stone gods
prisoned behind glass in the museum.
Then we accept the strange responsibility on putting
into words that which is not verbal.
(Henry Glassie)*

A coleção lítica recuperada durante os trabalhos de campo está composta por mais de 9.000 peças, sendo a grande maioria lascas de tamanhos médios e pequenos, estilhas e micro-lascas. Os núcleos são raros e de pequenas dimensões. Há ainda instrumentos como lascas utilizadas, plano-convexos, pontas de projétil e bolas de boleadeiras.

A matéria-prima utilizada é na imensa maioria o arenito silicificado originado entre os derrames basálticos da Formação Serra Geral que podem ter sido adquiridos nos afloramentos circundantes dos cerritos ou de blocos destacados de afloramentos maiores distribuídos na região. Mas há ainda alguns fragmentos de quartzos e calcedônias, em geral lascas de tamanhos bastante reduzidos.

Os métodos de confecção dos artefatos empregados pelos artesãos pré-históricos foram o lascamento por percussão, o polimento e o picoteamento – estes últimos aplicados à confecção das bolas de boleadeiras.

4.1. Os Artefatos Líticos

Como comentado por Mello (2006) um objeto tomado apenas em sua materialidade é somente um elemento abstrato, um testemunho calado, que não expressa nenhum sentido ou intenção de seu criador. Se nos restringirmos somente à análise dos objetos em sua essência material, não chegamos a um entendimento do processo de produção dessa cultura material. É preciso ir além das formas – uma vez que uma mesma forma pode resultar de diferentes conhecimentos –, da materialidade por si só. E nesse sentido o estudo da tecnologia¹⁹ empregada na confecção dos objetos vem auxiliar.

¹⁹ Tecnologia é aqui entendida como “o conjunto de artefatos, comportamentos e conhecimentos empregados pelo homem na transformação e utilização do mundo material”, conforme Silva (2002, p. 121).

A tecnologia constitui um ramo particularmente importante entre as disciplinas etnológicas, pois é a única que evidencia uma continuidade total no tempo, é a única que permite apreender os primeiros actos propriamente humanos e acompanhá-los de milénio em milénio até o limiar dos tempos actuais. (LEROI-GOURHAN, 1984a, p. 11)

Como a tecnologia estuda “fenômenos adquiridos, transmitidos e conservados pela aprendizagem, nos quais portanto o sujeito assume o papel principal nas transformações culturais” (FOGAÇA, 2003, p. 1), é possível perceber através dela uma série de relações e regras sociais desenvolvidas por uma sociedade. Como já dito por Leroi-Gourhan (1984a, p. 231) “a tecnologia, termo preciso no vocabulário industrial moderno, estende-se progressivamente do aparelho de televisão ao sílex lascado”.

Quando aplicamos a tecnologia na análise arqueológica devemos prestar atenção a todas as dimensões do objeto, tendo em mente que ele é também uma construção simbólica e não apenas uma resposta a um problema ambiental encontrado pelo caminho. Silva (2002, p. 131) nos aponta o caminho para pensarmos a tecnologia:

(...) procure vislumbrar a tecnologia como um fenômeno em que a dimensão material e os aspectos conceituais e simbólicos encontram-se totalmente entrelaçados. Em suma, como um fenômeno que apresenta ao mesmo tempo, uma dimensão adaptativa e expressiva, ou seja, que é constituído de diferentes dimensões e significados.

Aplicar essas várias dimensões a um objeto só se tornou possível aos seres humanos quando a mente tipicamente moderna se desenvolveu. Steven Mithen em sua obra *A Pré-História da Mente* (2002) discute a evolução da mente dos primeiros primatas humanos até chegar a mente dos humanos modernos. Conforme o autor, nossas mentes teriam se transformado de inteligências (técnica, social, naturalista e geral) separadas por módulos sem conexões entre si para inteligências entrelaçadas em uma mentalidade cognitivamente fluida. Foi somente esta fluidez cognitiva da mente que tornou possível aos humanos imprimirem códigos sociais em paisagens e objetos, inovarem suas tecnologias prevendo ações de animais, desenvolverem a arte, a religião e a ciência.

Pensar no ambiente, nos animais e nos objetos necessários para a sobrevivência neste mesmo ambiente implica em associações mentais que só ocorrem nas mentes humanas. Essas mesmas associações mentais que serão

capazes de prever a tecnologia necessária para a transformação da matéria utilizada.

Ao tratarmos a tecnologia como um processo no qual as etapas de transformação da matéria estão inter-relacionadas com fenômenos simbólicos e ambientais vamos ao encontro dos pressupostos de Mauss:

(...) Todo objeto técnico deve ser estudado: 1º em si mesmo; 2º em relação às pessoas que se servem dele; 3º em relação à totalidade do sistema observado. O modo de fabricação dará lugar a um inquérito aprofundado: o material é local ou não? Certas calcites foram transportadas ao longo de distancias consideráveis; a procura de jazigos de sílex é característica de toda a era paleolítica e neolítica; várias tribos australianas vão procurar o ocre a seiscentos quilômetros de distancia. (...) Por vezes, ainda, a ferramenta é emprestada já fabricada. Estudos dos diferentes momentos de fabricação desde o material bruto até o objeto acabado. Estudar-se-á, em seguida, da mesma maneira, o modo de emprego e a produção de cada ferramenta. (MAUSS, 1993 apud FOGAÇA, 2003, p. 1-2)

Após estas associações simbólicas serem estabelecidas e postas em prática, o resultado final para o indivíduo que as pratica é a confecção de um instrumento ou artefato, que sobreviverá ao passar do tempo e poderá ser estudado futuramente. O objeto que é analisado como resultante de uma cadeia operatória²⁰ é chamado de “objeto técnico”, que é

(...) primeiramente o fruto de um conhecimento abstrato, concebido e armazenado pelo cérebro humano; em seguida ele é fabricado por meio de processo técnico de realização que organiza progressivamente uma matéria inorgânica e a finaliza como um prolongamento do corpo humano em direção ao meio exterior. Interface entre o corpo e o meio ambiente, o objeto é enfim um instrumento de ação sobre o meio. O objeto técnico pode, portanto, ser interpretado em função de um registro de leituras apropriadas: seja físico (restrições da matéria, meio ambiente), biológico (comportamentos, seqüências gestuais), econômico ou psíquico (métodos e conhecimentos). (GENESTE, 1991 apud HOELTZ, 2005, p. 103)

O objeto técnico é o produto da técnica e pode nos transmitir informações à respeito do ‘saber-fazer’ de grupos humanos e nos informar sobre os conhecimentos técnicos transmitidos ao longo das gerações, a ‘tradição’ de determinados grupos (FOGAÇA e BOEDA, 2006). O próprio termo tradição já nos remete a uma estrutura rígida, o que não significa que não possa ser flexível em termos de adaptabilidade.

²⁰ “A cadeia operatória poderia ser definida como uma sucessão de operações mentais e gestos técnicos para satisfazer uma necessidade (imediate ou não) segundo um projeto pré-existente” (PERLÈS, 1987 apud HOELTZ, 2005, p. 101). Etapas seqüencialmente ordenadas nas quais várias ações se coordenam para se chegar a um determinado fim.

Sua evolução não obedece apenas à exigências funcionais, mas também à exigências estruturais, à opção cultural de cada grupo (SIMONDON, 1969; BOEDA, 1997 *apud* idem).

Compreender este objeto técnico é compreender sua gênese, toda a série de processos que o estruturaram, tanto em relação ao objeto quanto ao sujeito. A gênese de um objeto pode ser analisada em dois planos: o sincrônico e o diacrônico.

*No plano sincrônico, o objeto é considerado como indivíduo entre um conjunto de objetos: ele ocupa um lugar temporário no desenrolar de operações técnicas. Mas é um indivíduo que tem uma especificidade. No plano diacrônico, o objeto está em relação com os objetos que lhe são anteriores. A compreensão de um objeto, ou de um sistema de objetos ao qual ele pertence, passa por uma apropriação de dimensões evolutivas do objeto e do próprio sistema. (BOEDA, 1997 *apud* MELLO, 2007, p. 129-130)*

Mello (2007) prefere utilizar o termo proposto por Rabardel (1995) ‘antropotécnico’, pois os objetos não devem ser entendidos apenas por suas características tecnológicas, mas também em sua relação com os seres humanos, uma vez que foram por estes pensados e concebidos. Os instrumentos teriam assim dois estágios, um ligado ao processo de produção (operacional) e outro de utilização (simbólico), se tornando desta forma uma entidade mista.

*O ponto fundamental desta definição é que o instrumento não pode ser reduzido ao artefato, o objeto técnico ou à máquina, dependendo da terminologia. Acreditamos que temos que definir o instrumento como uma entidade mista, que é sujeito e objeto (no sentido filosófico do termo): o instrumento é uma entidade composta que compreende um componente artefactual (um artefato, uma fração de um artefato ou um conjunto de artefatos) e um componente esquemático (o ou os esquemas de utilização, os mesmos frequentemente ligados a esquemas de ação mais ampla). (RABARDEL *apud* VIANA, 2005, p. 58)²¹*

Se pensarmos no objeto somente enquanto um produto tecnológico esquecemos o indivíduo que o confeccionou. Um instrumento só existe enquanto tal porque foi pensado, refletido e projetado por alguém a partir de seus conhecimentos, suas escolhas, seus desejo, ou seja, sua cultura que durante a fabricação do

²¹ Em francês: “Le point fondamental de cette définition est que l’instrument ne peut se réduire à l’artefact, l’objet technique ou la machine, selon lês terminologies. Nous pensons qu’il faut définir l’instrument comme une entité mixte, qui tient à la fois du sujet et de l’objet (au sens philosophique du terme): l’instrument est une entité composite qui comprend une composante artefact (um artefact, une fraction d’artefact ou um ensemble d’artefacts) est une composante schème (le ou les schèmes d’utilisation, eux-mêmes souvent liés à des schèmes d’action plus généraux).”

artefato se torna material. Segundo Pelegrin (2005 *apud* RODET e ALONSO, 2007, p. 147).

Um objeto é antes de tudo um projeto: a reflexão do lascador corresponde a uma série de operações cognitivas e sensório-motoras que serão realizadas em várias etapas envolvendo a representação mental do objeto a ser fabricado, ou seja, o modelo presente na mente do lascador que reflete a sua cultura e que corresponde a formas ideais e desejadas – imagens mentais, estocadas na mente. Para realizar esse trabalho o lascador coloca em obra o seu savoir-faire, seus conhecimentos (que correspondem ao conhecimento visível e transmissível) e suas habilidades (que correspondem à competência adquirida pela experiência pessoal e pela prática).

E cada objeto é projetado pelo sujeito de forma única. Ele é ‘objetivado’ e por essa razão todos os fatores relacionados à sua confecção estarão ligados às escolhas prévias do sujeito. Para Glassie (1999) o artefato incorpora intenções, indicando os processos de criação que se desenrolaram na mente do criador. De acordo com Hoeltz (1997) uma vez que a forma do produto final já está pré-estabelecida na mente do artesão, este agirá de forma intencional em suas escolhas e gestos técnicos. Percebemos assim que há um ‘esquema conceitual’ envolvido em toda atividade técnica.

*A produção de um instrumento lítico pré-histórico requer um planejamento abstrato de ações integradas que pode ser implementado de acordo com o projeto e as circunstâncias específicas. A efetivação deste processo exige a aplicação de estratégias que, conscientes ou não, permitem que soluções sejam tomadas, as quais influenciam diretamente em termos de economia de tempo e de material, risco de fracasso etc. (PERLÈS, 1992 e PELEGRIN, 1995 *apud* VIANA, 2003, p. 801)*

Se as estratégias escolhidas proporcionarem um retorno positivo, o grupo as incorporará e as transmitirá ao longo das gerações. Mas sua substituição somente ocorrerá quando novas circunstâncias surgirem e tais estratégias não puderem mais suprir as necessidades do grupo (PERLÈS, 1992 *apud* VIANA, 2006).

Muitas são as variáveis que podem influenciar nas escolhas do grupo e na opção por determinadas estratégias: acesso e qualidade da matéria-prima, escolhas culturais, contexto socioeconômico do grupo etc.

É através da técnica que os gestos de lascamento são executados, transformando objetos não orgânicos através de ações. O objeto técnico é, segundo Boeda, o fruto último de uma cadeia de operações desenvolvidas pelo artesão a

partir de uma série de processos técnicos e será o alvo das pesquisas de especialistas na busca por uma maior compreensão de sociedades pretéritas. Muitos pesquisadores estudam as histórias de vida das coisas até o seu descarte (ANDREFSKY, 2008; SCHIFFER e MILLER, 1999 *apud* HOLTORF, 2002, 2005 entre outros). No entanto, há um outro contexto que não podemos ignorar: nosso próprio, pois de acordo com Hurcombe (2007, p. 38) “assim que um objeto é retirado do solo ele se torna parte de nosso sistema de herança cultural vivida e nós o avaliamos ou mudamos, ou permitimos que seja alterado por processos naturais”²². Por acreditar que a história de vida de um objeto não se encerra no momento do descarte, penso de acordo com um caminho alternativo que a vida das coisas continua até sua descoberta e além (TILLEY, 1996; THOMAS, 1996; JONES, 2002; *apud* HOLTORF, 2002, 2005). Os processos pós-deposicionais e todos os acontecimentos envolvendo este objeto após a descoberta também fazem parte de sua vida. Na realidade, é o arqueólogo quem trás o objeto a vida no momento que o tira do chão, pois “(..) pessoas podem fazer parte das coisas, e coisas fazem parte das pessoas”²³ (HOLTORF, 2005, p. 79). Portanto, considero um objeto técnico como algo que foi produzido no passado e viveu uma vida; foi descartado ou perdido, tendo sua vida alterada por processos pós-deposicionais; chegou até o presente e ganhou uma nova vida pelas mãos de seu pesquisador. Embora essa nova vida tenha sido criada pelas interpretações do arqueólogo, acredito que possamos ler traços da vida passada da coisa ao analisar as pistas que o artesão deixou em sua fabricação e utilização.

No caso em estudo, os objetos técnicos estão representados por 17 instrumentos unifaciais denominados plano-convexos, encontrados nos sítios arqueológicos do Banhado do M’Bororé, município de São Borja, Rio Grande do Sul.

Todos os objetos arqueológicos são o testemunho das estratégias utilizadas em sua confecção, ou seja, apresentam em sua morfologia aquilo que se convencionou chamar de “escolhas. As escolhas são de fato a gênese social dos gestos técnicos empregados pelos artesãos, uma técnica que surge e que é incorporada pelo grupo ou indivíduo, uma vez que seja compatível com o sistema no qual será inserida, pois

²² Em inglês: “as soon as an object is dug out of the ground, it becomes part of our living cultural heritage system and we value or change it, or allow it to be changed by natural process”.

²³ Em inglês: “persons can form parts of things, and things form parts of persons”.

(...) uma nova técnica não seria adotada nessas sociedades se ela colocasse manifestamente em perigo a reprodução idêntica de objetivos do sistema sócio-econômico e os valores sobre os quais ele se funda. (DESCOLA, 2002, p. 96)

Toda escolha técnica está envolvida por questões como aprendizagem, habilidades adquiridas pela experiência, relações sociais e simbólicas, convivência entre indivíduos e grupos, influências do meio ambiente, etc. Portanto, no momento em que uma técnica é empregada toda essa “carga” adquirida pelo indivíduo estará presente, o direcionando para uma determinada escolha.

...como toda técnica se resume a uma relação entre o homem e a matéria não-viva ou viva (nela compreendido ele mesmo), esta relação deve ser objetivável. Objetivar uma nova técnica não significa poder conceitualmente decompor sua cadeia operatória em unidades elementares ou poder pensar seu lugar no interior de um sistema técnico englobante. Objetivar uma técnica supõe que a relação original que ela institui entre o homem e a matéria possa ser representada a partir do estoque preexistente de relações consideradas como logicamente possíveis no interior da totalidade sociocultural que se terá definido de antemão como unidade de investigação. (DESCOLA, 2002, p. 97)

Ao objetivar uma técnica, o indivíduo está associando um utensílio a um gesto técnico, que presumivelmente existe em sua memória, na qual se inscreve o programa do comportamento. E um objeto material vai então dar vida à produção mental deste indivíduo, expressando suas intenções e não necessitando de palavras para vir à tona.

Material, uma parte do mundo, o registro de uma ação corporal na natureza, o artefato exhibe o processo de seu projeto, o padrão na mente de seu criador. Ele incorpora a intenção. Intenções não necessitam, assim, registrar na consciência que podem ser levadas adiante em comentários ordenados. Sua realidade não depende de palavras. (Glassie, 1999, p. 44)²⁴

O conceito original de cadeia operatória teria suas bases na observação etnográfica, para a descrição de técnicas tradicionais, e, a partir desse contexto, a tecnologia foi compreendida como processo, como um encadeamento de etapas de transformação da matéria. E, assim, a atividade técnica veio a ser considerada como

²⁴ Em inglês: “Material, a part of the world, the record of bodily action in nature, the artifact perpetually displays the process of its design, the pattern in the mind of its creator. It incorporates intention. Intentions need not so register in consciousness that they can be brought forth in orderly commentary. Their reality does not depend on words”.

um fenômeno multidimensional. Embora essas múltiplas dimensões da técnica recebam denominações distintas conforme cada autor, poderíamos generalizar e apresentá-las como integrantes de um processo composto pelo objeto em si, as pessoas e o sistema. Do mesmo modo, na prática, acredita-se que a seqüência operacional divide-se em três estágios que se fundamentam a partir de conceitos diferenciados e ocorrem em sucessão temporal: aquisição da matéria-prima, produção de instrumentos e agenciamento do conjunto de instrumentos.

O 'objeto técnico' - enquanto produto de uma cadeia operatória - é, inicialmente, o fruto de um conhecimento abstrato que, num segundo momento, passa a ser fabricado por meio de um processo técnico de realização que organiza progressivamente uma matéria inorgânica, para, finalmente, tornar-se um prolongamento do corpo humano em direção ao meio exterior.

Acredito que a abordagem de uma análise tecnológica deve se dar a partir de dois ângulos distintos, mas que devem ser integrados um ao outro.

De uma parte, tem-se a investigação tecno-econômica ou contextual e, de outra, a fundamentação psicológica que envolve o processo. Igualmente tratado por 'esquema operatório', este segundo eixo corresponde à tradução dos aspectos cognitivos da cadeia operatória. Julga-se que a realização de um ato ou de uma sucessão lógica de atos só é possível pela aplicação de conhecimentos técnicos e de saber-fazer e tais conhecimentos são aquisições obtidas desde muito cedo e cotidianamente pelos artesãos; além disso, considerados rígidos, esses conhecimentos não serão renegociados na vida adulta. Nesse sentido, pode-se reconhecer, individualizar e diferenciar as sociedades por intermédio da rigidez ou da estabilidade. (HOELTZ, 2005, p. 385)

Para a caracterização de uma cadeia operatória lítica (sempre em contexto arqueológico), se destaca a necessária articulação entre os conceitos da cadeia operatória desenvolvida maquinamente pelo indivíduo e suas reflexões críticas empregadas no momento da objetivação técnica, tendo sempre em mente que o encadeamento destes gestos técnicos sempre serão adaptáveis à variabilidade natural da matéria-prima. Conforme Fogaça (2003, p. 16) "a formação do artesão se dá portanto pela aquisição concomitante e articulada de uma técnica e de uma tecnologia, compondo ambas o universo tecnológico da cultura".

Neste trabalho a intenção é perceber as escolhas humanas e as transformações culturais sofridas nos sítios arqueológicos após a intervenção do homem. Para tanto, o olhar se voltará para todos os materiais passíveis de serem aproveitados pelas populações que habitaram estes espaços em épocas pretéritas.

Para esta análise do material proveniente dos trabalhos de campo, destaco a presença do material lítico e cerâmico, dos quais farei algumas considerações a seguir, procurando relacioná-los aos grupos construtores dos cerritos. O enfoque principal dado ao material lítico decorre da abundância destes em ambas as coleções e porque “não obstante, na América, o instrumental de pedra é o testemunho único de todo processo de povoamento (...)” (MANSUR,1990, p. 116). Nesse sentido, faz-se necessário pensar as peças líticas como formadoras de um conjunto maior quanto a sua produção e a sua coexistência com outros instrumentos.

Ningún objeto de piedra está aislado: forma parte de um conjunto lítico del que no es más que un elemento, de um complejo 'industrial' que comprende instrumentos de otros materiales (madera, hueso...), enfin, participa de um conjunto cultural que le da um sentido específico. (PROUS, 2004, p.9)

No entanto, como os materiais ósseos e cerâmicos encontrados nos sítios são pouco significativos, farei apenas algumas considerações sobre estes. Focando-se, deste modo, no material lítico.

Pedras lascadas têm uma contribuição fundamental para nossas narrativas. Dados líticos tornam-se o referente interno usado para naturalizar ou confirmar pré-histórias. Que transformações os líticos passam ao movimentarem-se de numerosos objetos enigmáticos cobertos de terra para dados? (Pirie, 2004, p. 678)

Estas transformações a que se refere Pirie são a meu ver a nova vida que os objetos ganham pelas mãos do arqueólogo e às quais acrescentarei mais acontecimentos através da leitura que apresentarei a seguir.

4.2. Os Instrumentos Plano-Convexos

Fazendo um exercício de reflexão, pensemos nos instrumentos como os vetores de uma série de ações que guardam todos essas ações em si, possibilitando que estas sejam lidas e descritas na forma de texto. A leitura desta peças que apresentarei a seguir é fruto de suas vidas presentes, desde o momento da retirada do solo até as interpretações que aqui faço. Porém, ao interpretar as pistas da

tecnologia de confecção dos instrumentos, acredito me aproximar de certa forma de suas vidas passadas.

Um tipo de instrumento bastante recorrente na coleção são os chamados **raspadores plano-convexos**, muito comuns em sítios caçadores-coletores. Este tipo de instrumento é recorrente em sítios arqueológicos por todo o mundo e análises mais aprofundadas da tecnologia empregada em sua confecção e de marcas de utilização sugerem que receberiam usos diferenciados.

(..) o que comumente é chamado de 'artefatos plano-convexos', na verdade são suportes unifaciais: são matrizes que podem ser organizadas em diferentes instrumentos (ou seja, podem receber diferentes UTF's²⁵ transformativas ao longo do seu bordo). (MELLO, 2006, p. 764)

Na coleção em questão há uma quantidade significativa de artefatos formais representados pelos instrumentos plano-convexos, que apresentam padronização tanto da matriz quanto do núcleo de onde foi retirado o suporte. Distingui três categorias tecnológicas de suporte: 1) suportes com nervura-guia; 2) suportes com superfície central plana; e 3) suportes piramidais. Uma vez que tais suportes foram padronizados, houve uma adequação de suas estruturas volumétricas e três tipos diferentes foram identificados para estes instrumentos: 1) prisma triangular; 2) prisma triangular; e 3) piramidal.

²⁵ UTF é a organização particular das retiradas, cujas conseqüências técnicas agem em sinergia para colocar uma característica técnica remarcável e coerente (MELLO, 2006, p. 767). *Nota da autora.*

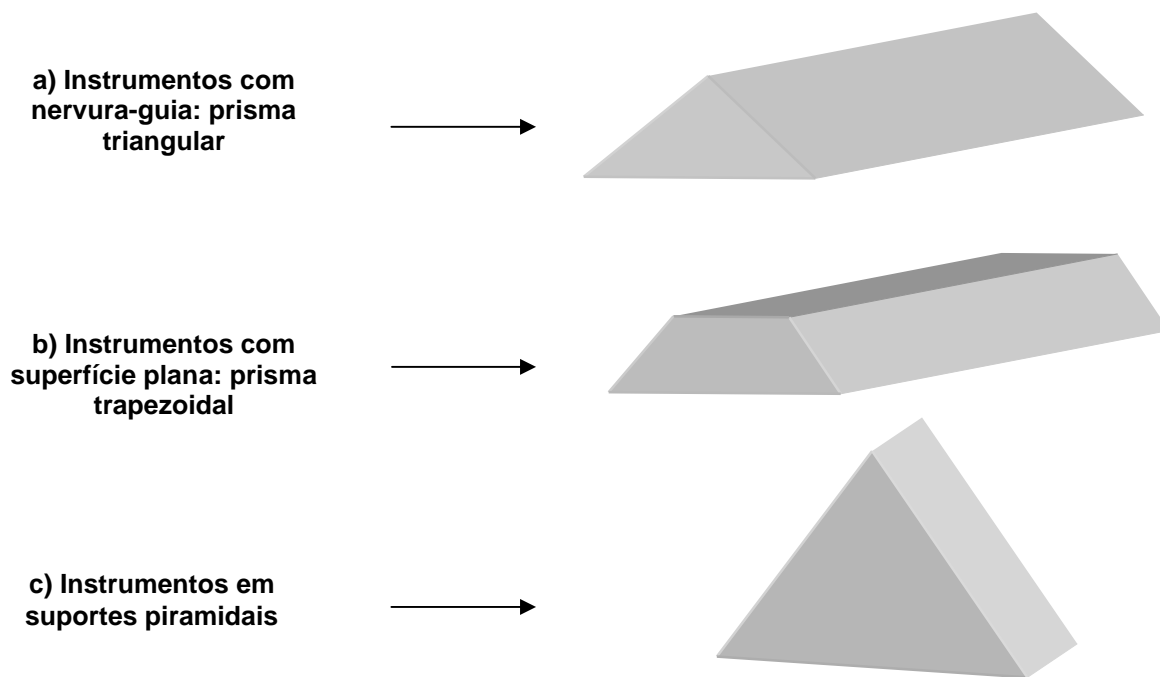


Figura 9: Estrutura volumétrica dos instrumentos plano-convexos:
Desenho: Vanessa B. Quintana.

Observamos que os suportes utilizados na confecção de tais instrumentos foram lascas de plena debitage, sem presença de córtex, predominando lascas cujas retiradas de debitage anteriores produziram uma superfície plana na parte central da face externa ou lascas cuja parte central é definida por uma aresta longitudinal, sendo que esta última aparece em maioria.

Os instrumentos foram confeccionados sobre lascas pré-determinadas, sendo que todas as qualidades do bloco foram levadas em conta desde o momento da escolha da matéria-prima. Os suportes eram volumosos, proporcionando um maior aproveitamento do gume e possibilitando um maior número de reavivamentos. Os ângulos das bordas dos artefatos indicam que eram utilizados na ação de raspar; portanto, atividades de incisão e corte deveriam ser atribuídas às lascas.

Os instrumentos obedecem a um padrão tecnológico de confecção embora apresentem formatos diferenciados. A matriz foi estruturada o que proporcionou uma total sinergia entre as superfícies – cada retirada influencia na próxima. Foram confeccionados a partir do lascamento direto, com retiradas invadentes. Pequenos retoques foram feitos nas bordas e o reavivamento do gume se dava de uma forma bem característica: lascas grandes e, algumas vezes, relativamente espessas eram retiradas com um forte golpe produzindo, assim, um novo gume que era novamente retocado e utilizado ou em alguns casos, utilizado diretamente. Outra característica

marcante é a retirada de lascas contrárias ao plano de percussão que ocorre em praticamente todas as peças. É possível perceber aqui uma atividade largamente associada ao uso dos objetos: a reciclagem visando a manutenção dos instrumentos. A partir disto, vê-se que a estrutura de confecção dos instrumentos é estável, o que pode indicar que o método aplicado em sua produção se inscreve na tradição cultural do grupo, uma vez que

(...) os aspectos cognitivos e empíricos constituem a herança técnico-cultural de um grupo, porquanto testemunham a experiência adquirida e sucessivamente transmitida de geração a geração, correspondendo ao saber-fazer, relacionado às operações intuitivas baseadas na experiência pessoal do artesão (BOEDA, 1997; KARLIN e JULIEN, 1996 apud VIANA, 2006, p. 803).

A confecção adequada dos instrumentos plano-convexos está ligada à eficiência técnica do artesão, pois, a aplicação de conhecimentos tecnológicos complexos exige, concordando com Viana (2006, p. 829-830) “não somente seleção de matéria-prima adequada, obtida com base em ‘escolhas’ previamente determinadas, mas também conhecimento e domínio dos métodos e técnicas, que cada concepção exige para a eficácia de sua produção”.

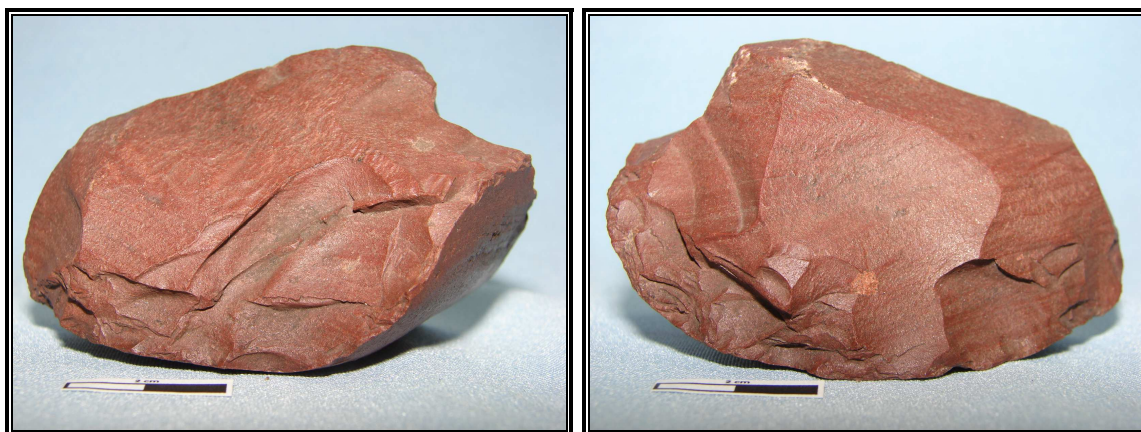
Uma leitura mais detalhada de cada peça demonstra este **padrão de confecção** ao qual me refiro que está ligado ao aprendizado e a herança cultural do grupo, uma vez que parece claramente ter ocorrido o planejamento prévio dos objetos por parte dos artesãos. Para esta leitura dividi os instrumentos conforme as categorias identificadas na coleção iniciando pela mais recorrente.

Os instrumentos definidos por uma aresta longitudinal contabilizam um total de dez peças sendo que três destas possuem um formato diferenciado devido a um acidente de percussão bastante característico. Estes instrumentos são analisados a seguir com uma leitura individual de cada um.

A peça 380 é talvez um grande e robusta lasca reflexiva em que o bulbo e talão não estão mais presentes. É possível observar claramente várias das lascas invadentes que acabam por formar negativos refletidos por falta de um bom ângulo de percussão ou talvez por tensões formadas no interior da rocha devido aos vários golpes de preparo²⁶. Na borda direita, na região distal vemos um grande e profundo

²⁶ Vários são os fatores que podem ocasionar um acidente de percussão, desde uma má aplicação do gesto ou da força por parte do artesão até o tipo de percutor ou a homogeneidade da matéria-prima a ser trabalhada.

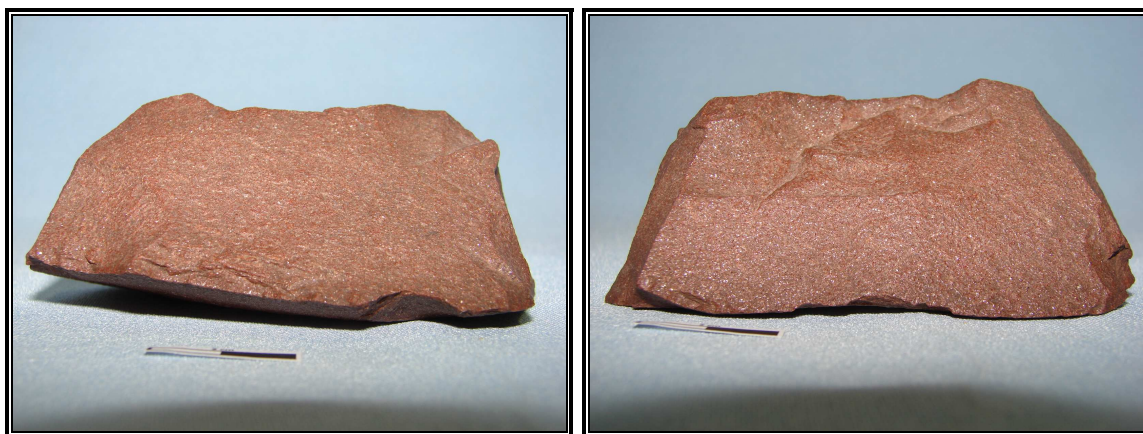
negativo inicial refletido seguido de outros posteriores com marcas de utilização. O que indica que esta técnica de reavivamento foi aplicada várias vezes para um total aproveitamento do gume. Há em todas as bordas dos negativos destas lascas invadentes os novos retoques e marcas de utilização que demonstram o objetivo de tais retiradas. O instrumento possui marcas exaustivas de uso em todas as bordas e a superfície ventral apresenta lustro nas porções proximal e mesial – provável polimento por uso. A borda proximal possui um ‘bico’ formado pela nervura guia e formatado para o uso através de retiradas de ambos os lados e do rebaixamento de uma pequena porção da superfície ventral. Este tipo de retoque é encontrado também em outros instrumentos. As peças cuja parte central é definida por uma nervura-guia apresentam o rebaixamento desta aresta através de pequenas retidas ou de grandes lascas que invadem a peça no sentido contrário ao lascamento. Ocorreram duas tentativas deste tipo de retirada que não foram bem sucedidas provavelmente por falta de ângulo de percussão. O aproveitamento do instrumento foi intenso, sendo que o ângulo de percussão em algumas bordas ultrapassou os 90°.



Fotografias 11 e 12: Peça 380
Fonte: Acervo LEPA

A peça 378 apresenta formato um tanto diferenciado. O suporte é nitidamente uma lasca em formato de prisma retangular, com talão eliminado e se apresenta pouco transformado uma vez que já foi obtido com as características necessárias. Duas profundas e espessas retiradas a partir da nervura-guia invadiram a peça. Outra característica não encontrada em nenhum outro instrumento é o retoque alterno sofrido pelo instrumento exatamente na porção mesial direita e esquerda.

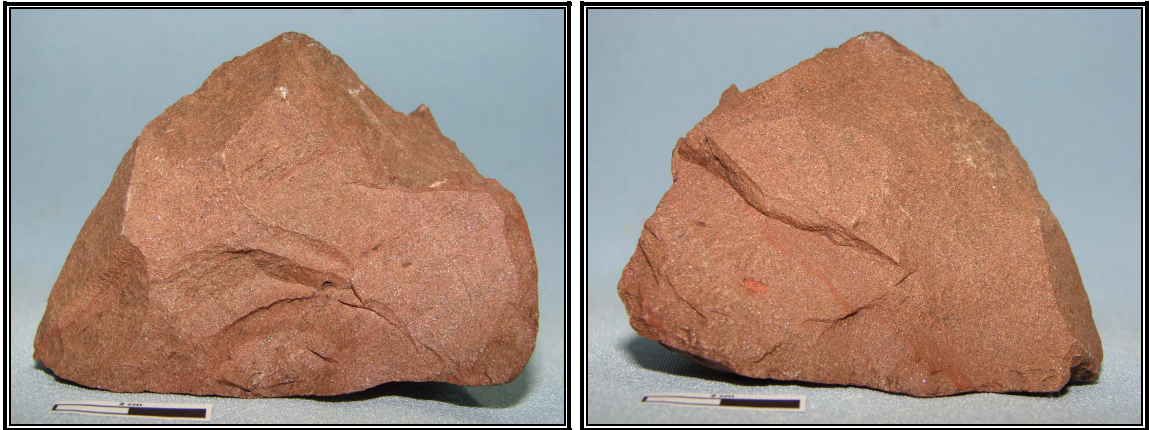
Conjuntamente com as retiradas a partir da nervura-guia, podem ter sido feitos com a finalidade de algum tipo de encabamento ou prensão. O instrumento apresenta ainda os característicos rebaixamentos de pequenas porções da superfície ventral.



Fotografias 123 e 14: Peça 378

Fonte: Acervo LEPA

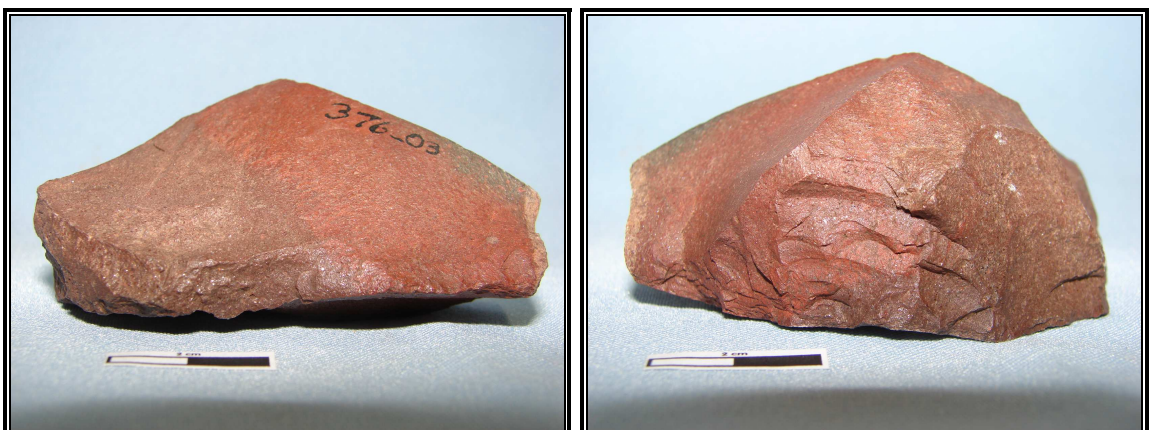
A peça 375-04(B) segue o padrão dos instrumentos com nervura-guia. A aresta é bem pronunciada formando uma espécie de 'crista' e a tentativa de rebaixamento aparentemente não foi bem sucedida, sendo que as retiradas contrárias ao plano de percussão resultaram em dois negativos rasos que não conseguiram eliminar a crista. O suporte é uma lasca bastante robusta apresentando ainda talão liso e bulbo proeminente. As grandes retiradas de reavivamento do gume podem ser vistas em ambos os lados bem como o rebaixamento de uma pequena porção ventral no perímetro distal. Na região mesial da borda esquerda é possível perceber uma das grandes retiradas invadentes sucedida de outra de menor comprimento que possibilitaram um gume afiado mesmo após o ângulo da peça ultrapassar os 90°.



Fotografias 135 e 16: Peça 375-04(B)

Fonte: Acervo LEPA

O suporte da peça 376-03 é uma lasca pouco transformada, apresentando retoque quase que exclusivamente ao longo da borda esquerda. Possui talão cortical e bulbo proeminente. Seu formato é um tanto diferente das anteriores, mas o padrão de reavivamento através de grandes retiradas pode ser notado na porção mesio-proximal onde se concentram a maior parte dos retoques e marcas de uso. A porção proximal da borda direita foi tão exaustivamente utilizada que nota-se um maceramento que desgastou a peça até ultrapassar os 90°. A porção proximal da borda esquerda apresenta pequenas marcas de uso e algum desgaste. Quanto a superfície ventral, uma pequena parte da porção proximal possui lustro – talvez polimento pelo uso.



Fotografias 147 e 18: Peça 376-03

Fonte: Acervo LEPA

Assim como as anteriores a peça 376-01(C) é uma lasca bastante utilizada com talão eliminado. Há retoques ao longo de toda a borda esquerda se estendendo

até a parte longitudinal acompanhados de vários pequenos rebaixamentos da superfície ventral. É possível identificar uma das grandes retiradas para reavivamento do gume que por ser muito abrupta acabou refletindo. Na borda direita os retoques formaram três 'bicos' paralelos todos com pequenos rebaixamentos da superfície ventral.



Fotografias 159 e 20: Peça 376-01(C)

Fonte: Acervo LEPA

Quanto à peça 375-10(C) é provavelmente uma lasca devido ao delineamento da superfície ventral e uma das poucas a conservar ainda parte do córtex o que impediu a utilização de todas as bordas do suporte. Marcas de uso aparecem ao longo de todas as bordas, fazendo o contorno da peça e somente parando na porção que não pode ser retirada devido à morfologia da rocha. Uma característica singular é que a peça não apresenta os típicos rebaixamentos da superfície ventral e nem as retidas contrárias ao plano de percussão.



Fotografias 216 e 22: Peça 375-10(C)

Fonte: Acervo LEPA

A peça 375-10(B) resume perfeitamente bem todas as principais características do padrão tecnológico de confecção dos instrumentos plano-convexos com nervura-guia. Nela podemos perceber o tipo de suporte: sua parte ventral apresenta um bulbo bastante pronunciado, ainda com a presença do talão; a porção ventral distal sofreu um rebaixamento de proporções acentuadas localizado no ‘bico’ do instrumento, este último formado pela nervura-guia e formatado para o uso através de retidas de ambos os lados; retiradas invadentes para criação de um novo gume podem ser vistas ao longo das bordas – a mais característica delas na região distal direita; a nervura-guia apresenta tanto pequenos retoques e preparos do talão, quanto as grande retiradas invadentes contrárias ao plano de percussão; suas dimensões são bastante reduzidas e seu reaproveitamento foi intenso. A borda esquerda foi retocada exaustivamente sendo que o ângulo ultrapassou os 90°. Uma característica interessante é a presença de marcas de uso em quase toda a nervura-guia do suporte.



Fotografias 23 e 24: Peça 375-10(B)

Fonte: Acervo LEPA

As peças 385, 375-04(B) e 375-06(D) apresentam um formato diferenciado devido a uma ocorrência significativa, talvez um acidente de percussão, na obtenção do suporte: seu destacamento da matriz provocou uma curvatura na superfície ventral, semelhante a um acidente de *Sirret*²⁷, porém ao invés da fratura da lasca

²⁷ “Deve correr uma vez por todas que o buril dito ‘de Sirret’ que é um acidente de lascamento. Algumas vezes, quando do destacamento de uma lasca, dois planos de percussão perpendiculares se produzem, o segundo separando a lasca em duas partes igualmente iguais.”

Em francês: “Il convient d’exécuter une fois pour toutes le burin dit “de Sirret” qui n’est qu’accident de taille. Il arrive parfois que, lors du détachement d’une éclat, deux plans d’éclatement perpendiculaires

ocorreu uma espécie de aresta longitudinal curva, dando às peças a aparência de um núcleo discóide. É provável que tensões internas da rocha tenham causado esta deformação no momento do lascamento formando um cone na superfície ventral.

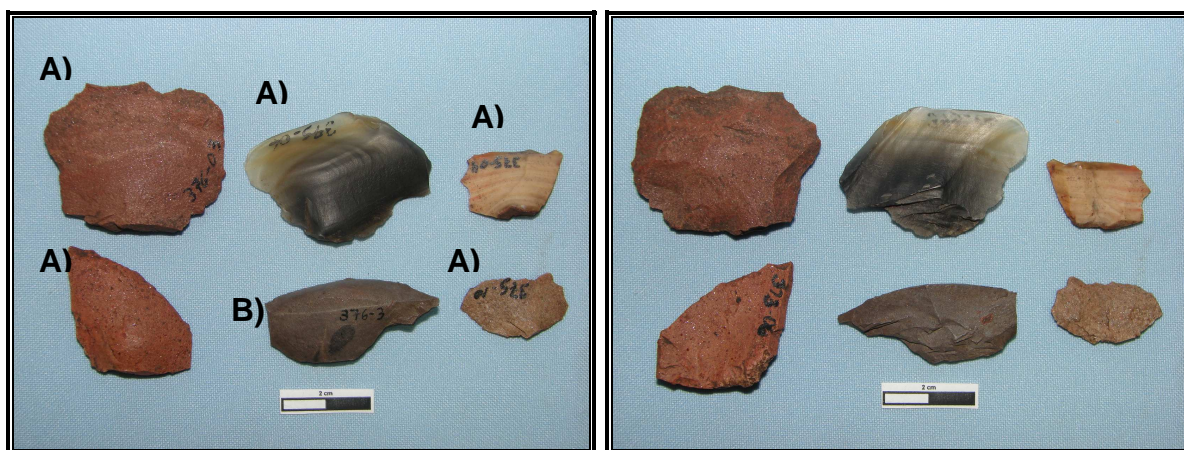
O suporte 385 foi pouco transformado por duas retiradas invadentes e o típico rebaixamento de pequenas partes da superfície ventral. Estes retoques formaram um bico arredondado na extremidade proximal que foi bastante utilizado. Além disso, a superfície ventral está muito polida e desgastada exatamente na curvatura surgida durante a obtenção do suporte.

Já a peça 375-04(B) sofreu um maior número de retiradas de *façonnage* e o polimento de suas arestas indica um uso intenso. Os rebaixamentos da superfície dorsal são diferenciados e consistem em três longas retiradas que param na curvatura em forma de cone. Semelhante a outras peças, houve a confecção de um 'bico' com um pequeno rebaixamento da superfície ventral e retiradas no entorno.

Em contrapartida é possível ver nas lascas resultantes do *façonnage* os vestígios da produção dos instrumentos plano-convexos. As lascas apresentam um bulbo bastante pronunciado formando uma espécie de 'barriga', são largas e pouco espessas; possuem talão liso ou facetado e marcas de retiradas anteriores na porção dorsal proximal.

Já as lascas de reavivamento do gume através das grandes retiradas invadentes são largas e bastante espessas; o talão é liso ou facetado e o dorso na extremidade proximal apresenta as marcas de uso e retoques anterior e algumas vezes os negativos de outras retiradas de reavivamento. Como o destacamento da lasca foi muito abrupto, a extremidade distal é de uma lasca reflexiva.

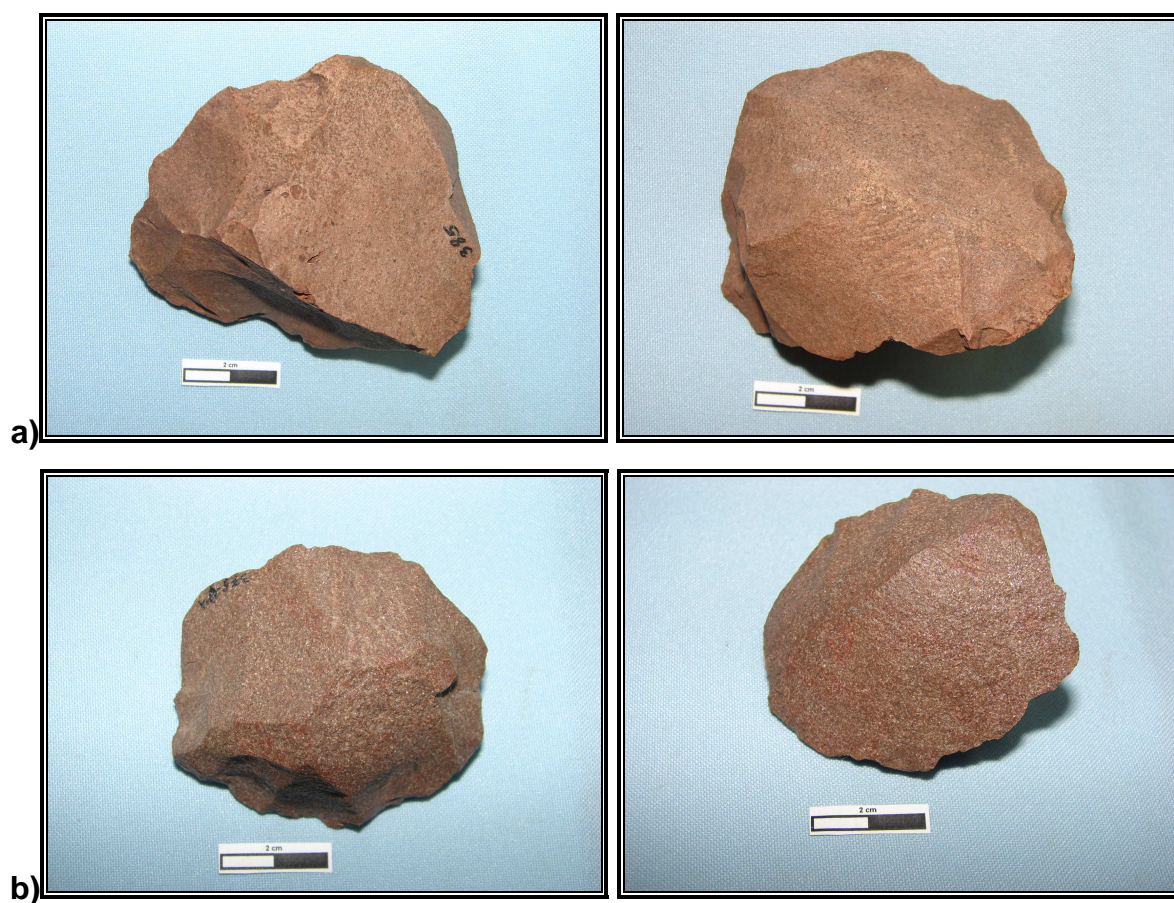
se produisent, le second séparant l'éclat en deux parties plus ou moins égales. (TIXIER, 1980, p. 103)”



Fotografias 25 e 26: Lascas ligadas à confecção dos instrumentos plano-convexos - A) Lascas de *façonnage* B) Lascas de reavivamento de gume.

Fonte: Acervo LEPA

Quanto à peça 375-06(D) só apresenta algumas retiradas de *façonnage* e uso intenso de uma das bordas o que ocasionou o arredondamento e o maceramento desta. É uma peça com pequenas proporções e poucas modificações.





Fotografia 27, 28, 29, 30, 31 e 32: Instrumentos plano-convexos sobre lasca de acidente de percussão - a) 385, b) 375-04(B) e c) 375-06(D).

Fonte: Acervo LEPA

Lascas apresentando esta curvatura da superfície ventral, que possivelmente se originam de um acidente durante o lascamento, são encontradas na coleção corroborando a hipótese de que o formato cônico dos instrumentos se deu durante a obtenção do suporte.

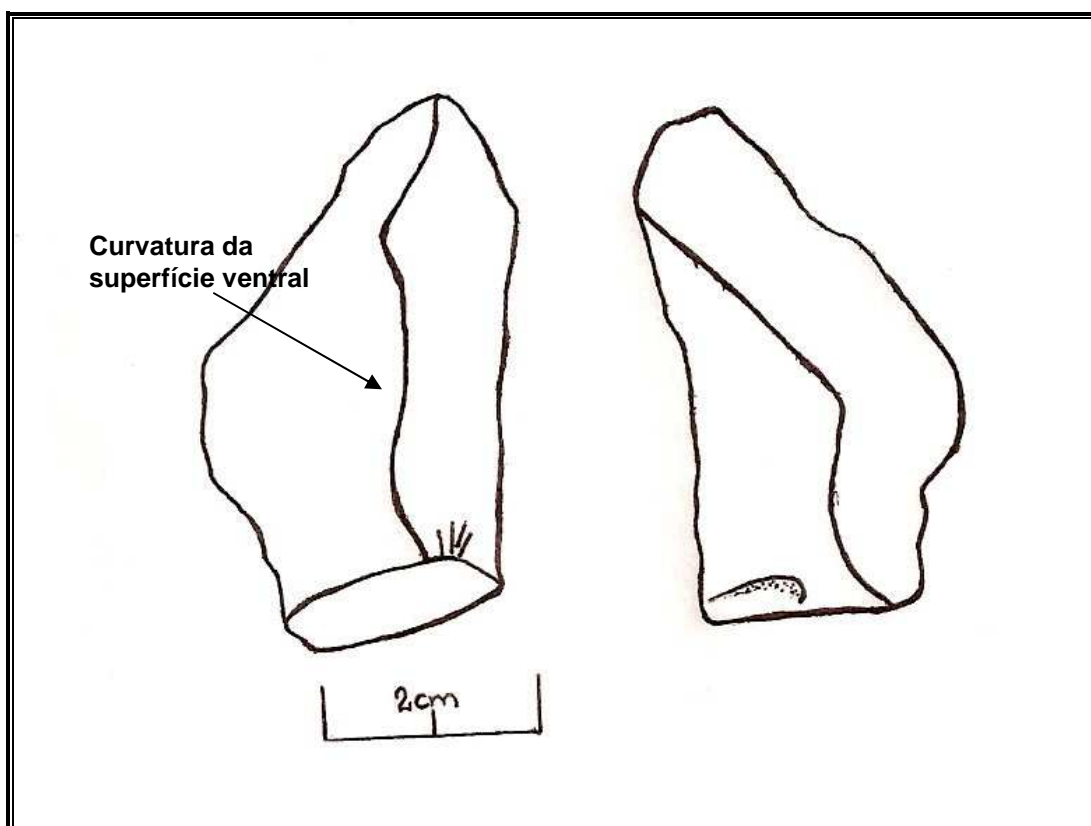
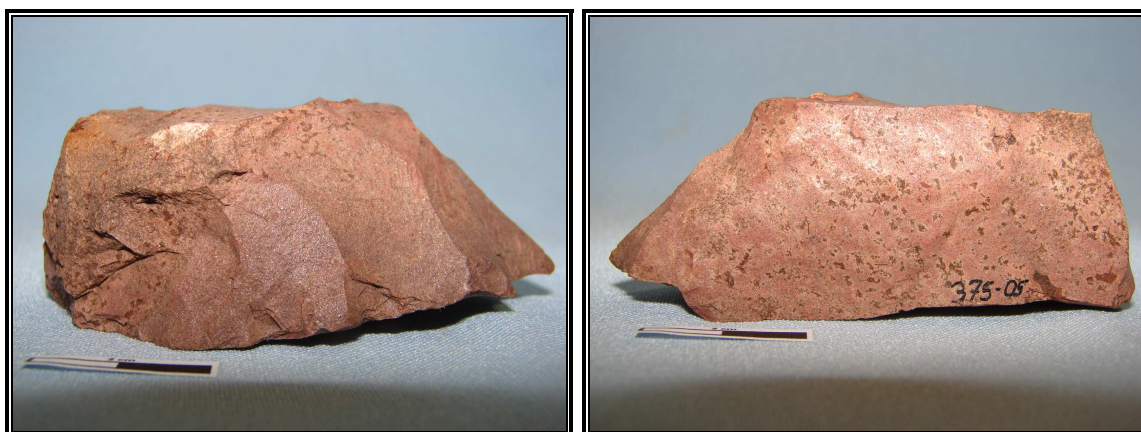


Figura 10: Lasca com curvatura da superfície ventral devido a um acidente de percussão, com fotografia em detalhe.

Desenho: Vanessa B. Quintana

Dentro da segunda categoria tecnológica identificada nos instrumentos estão os que apresentam a parte central da superfície dorsal plana. A ela estão ligadas quatro peças que são analisadas a seguir.

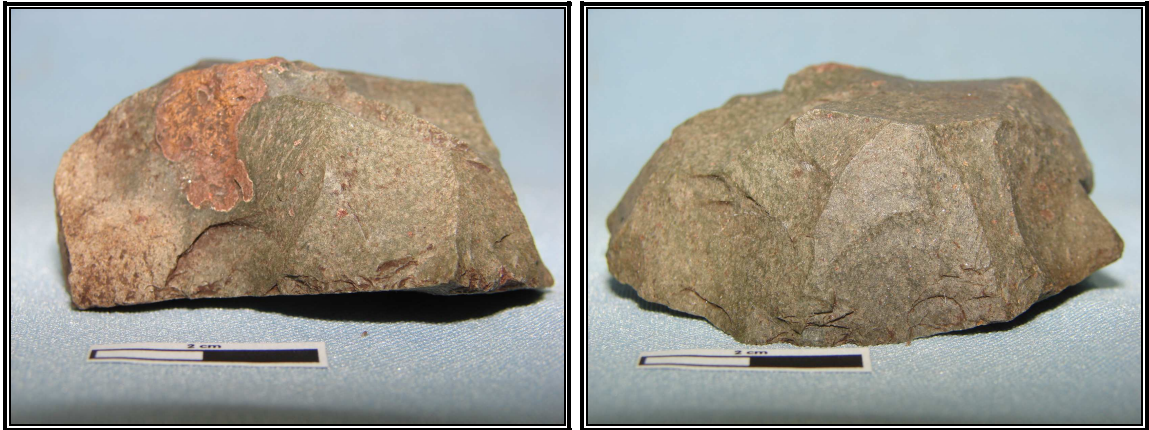
A peça 375-05 é uma lasca fraturada com talão eliminado. Uma característica do padrão tecnológico de confecção destes instrumentos bastante recorrente na coleção é o rebaixamento de uma pequena porção da parte ventral, geralmente do 'bico' dos instrumentos, formando um novo gume, como pode perfeitamente ser observado neste instrumento. A peça é totalmente plana na borda esquerda, não tem do sido nem retocada nem utilizada. A borda direita sofreu uma série padronizada de retiradas e, através de pequenos retoques descontínuos nas bordas, um denticulado bem pronunciado foi formado. Uma grande porção do bico foi retirada conferindo um novo gume.



Fotografias 33 e 34: Peça 375-05

Fonte: Acervo LEPA

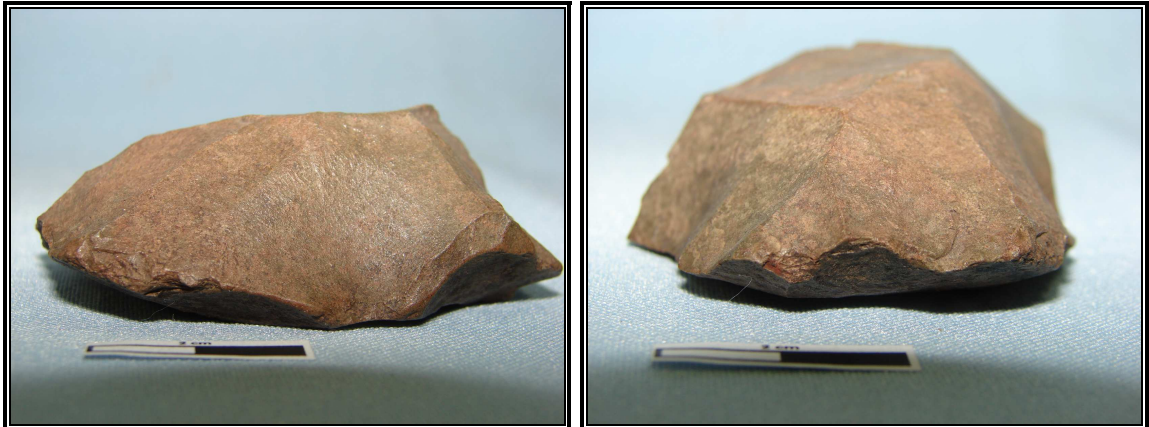
O suporte da peça 375-06(B) não é claramente definido, mas possivelmente trata-se de uma lasca de debitage uma vez que algumas ondas de percussão são visíveis na superfície ventral. Apresenta retoques e marcas de uso ao longo de todas as bordas. O rebaixamento da superfície ventral aparece de forma discreta no que parece ser a tentativa de eliminação de um possível talão. Há várias tentativas de retidas contrárias ao plano de percussão que não foram bem sucedidas. Algumas arestas se mostram arredondadas o que pode ter ocorrido devido à antiguidade do instrumento.



Fotografias 35 e 36: Peça 375-06(B)

Fonte: Acervo LEPA

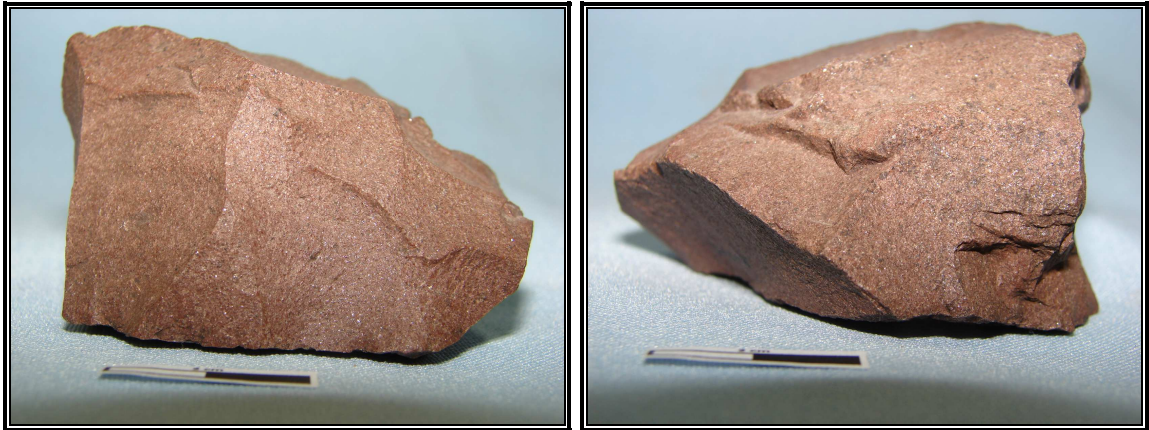
A peça 375-06(C) possui todas as arestas arredondadas pelo desgaste, o que sugere maior antiguidade. O suporte é uma lasca que preserva ainda parte do bulbo e cujo talão foi eliminado através de retoques alternantes. Como nos demais instrumentos, pequenas porções da superfície ventral foram eliminadas e ocorreram ainda tentativas infrutíferas de retiradas contrárias ao plano de percussão.



Fotografias 37 e 38: Peça 376-06(C)

Fonte: Acervo LEPA

A peça 376-01(B) foi pouco transformada. Seu suporte não pode ser identificado e apresenta poucas marcas de utilização. Foi confeccionada a partir de uma série de retiradas longas, mas devido ao formato do suporte não foi possível dar continuidade aos lascamentos. Muitas lascas trancaram ou refletiram o que impossibilitou um maior aproveitamento do instrumento.



Fotografias 39 e 40: Peça 376-01(B)

Fonte: Acervo LEPA

As peças 375-02, 375-06(A), 375-10(A) e 376-01(A) se encaixam na categoria dos núcleos piramidais, com longas retiradas que se estendem até o ápice do núcleo. Conforme Viana (2005) a escolha do suporte para este tipo de núcleo se dá conforme a estrutura do bloco: este deve possuir uma das faces espessa e outra plana ou ser espesso e ter suas superfícies organizadas para que uma face seja plana e outra convexa. Os golpes de percussão devem ser semi-rasantes, pois qualquer retirada exagerada – para mais ou para menos – inviabiliza a remoção de lascas típicas deste tipo de núcleo (mais compridas do que largas). Sua manutenção se daria pela retirada do ápice do núcleo, porém como pode ser visto em diversos outros instrumentos, os artesãos preferiram outra técnica: as retiradas de grandes lascas contrárias ao plano de percussão.

Quanto à primeira peça 375-02, o suporte não pode ser definido, porém é clara a necessidade de grandes dimensões. Retoques e marcas de uso podem ser vistos ao longo de todas as bordas. Assim como em outras peças, uma pequena porção da superfície ventral foi rebaixada e essa parte apresenta muitas marcas de uso um grande desgaste – é a porção mais utilizada da peça. A aresta longitudinal apresenta marcas de uso. As características retiradas contrárias ao plano de percussão também estão presentes: são duas e com pequenas dimensões. Aparentemente não houve a necessidade das grandes retiradas invadentes para reavivamento do gume.



Fotografias 41 e 42: Peça 375-02

Fonte: Acervo LEPA

Na peça 375-06(A) cujo suporte é visivelmente uma lasca robusta, apresenta ainda o talão e parte do bulbo, que sofreu tentativas de eliminação. O eixo morfológico não coincide com o eixo tecnológico. O eixo tecnológico formou um 'bico' na borda direita distal, onde várias marcas de uso estão presentes bem como um pequeno rebaixamento da superfície ventral. Uma pequena porção da superfície ventral foi suprimida assim como na maioria das peças. Duas retiradas refletiram e vários retoques trancaram. As bordas apresentam marcas de uso exaustivo. As retiradas invadentes para reavivamento de gume são em menores dimensões que das outras peças, com exceção de um grande rebaixamento da superfície ventral na borda direita. O ápice se constitui de três negativos anteriores à obtenção do suporte onde é possível identificar várias retiradas contrárias ao plano de percussão.



Fotografias 43 e 44: Peça 375-06(A)

Fonte: Acervo LEPA

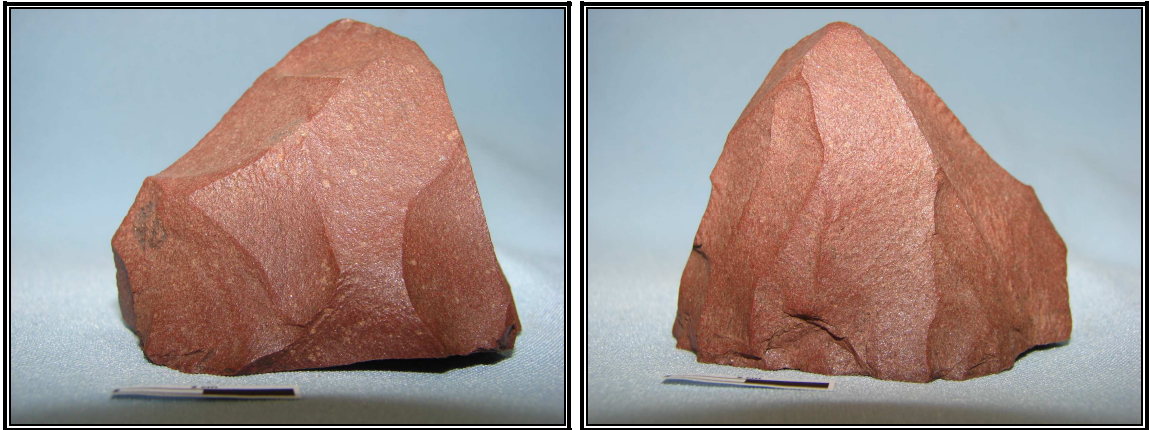
Bastante semelhante ao instrumento anterior, a peça 375-10(A) também possui um ‘bico’ na borda esquerda com marcas de uso e rebaixamento da superfície ventral confeccionado a partir de retiradas longas e espessas e por várias outras menores em seu entorno. As bordas restantes foram também bastante retocadas e utilizadas, sendo que a direita possui retoque denticulado e a distal teve seu gume reavivado por pequenos rebaixamentos da superfície ventral. Uma retirada contrária ao plano de percussão é identificável. A superfície ventral apresenta vários negativos de rebaixamento, sendo o bulbo eliminado. Houve uma tentativa exaustiva de eliminação do talão que acabou macerando esta borda da peça.



Fotografias 45 e 46: Peça 375-10(A)

Fonte: Acervo LEPA

O suporte da peça 376-01(A) é uma lasca extremamente robusta com talão eliminado e bulbo difuso. Apresenta marcas visíveis de uso somente em uma pequena porção da borda distal. Nesta região há duas retiradas maiores para reavivamento do gume que deixaram negativos de lascas reflexivas devido a golpes muito abruptos. Os lascamentos contrários ao plano de percussão se deram através de uma longa retirada invadente sucedida por outra muito abrupta que acabou refletindo.



Fotografias 417 e 48: Peça 376-01(A)

Fonte: Acervo LEPA

As lascas correspondentes a esta etapa são alongadas e estreitas, em geral pouco espessas e apresentam o talão facetado ou linear com grande quantidade de marcas de preparo e cicatrizes no dorso de retiradas de *façonnage* anteriores. Em alguns casos é possível identificar na superfície dorsal negativos de retiradas contrárias a seu ponto de percussão ocorridas antes do destacamento do suporte.



Fotografia 49: Lascas de preparo de instrumentos plano-convexos piramidais com marcas de utilizações anteriores na superfície dorsal.

Fonte: Acervo LEPA

Após a leitura dos instrumentos é possível concluir que os suportes foram lascas bastante robustas com estruturas volumétricas formatadas – sendo identificados três tipos. As principais ocorrências observadas na coleção são as seguintes:

- Um padrão tecnológico é percebido com determinadas características presentes em todos os instrumentos.
- Os negativos na face dorsal anteriores ao lascamento de alguns instrumentos formam superfícies planas.
- As retiradas de *façonnage* geralmente invadentes e abruptas.
- Retidas abruptas originaram grandes negativos reflexivos.

Baseada nos parâmetros tecnológicos da coleção criei três categorias tecnológicas para os instrumentos plano-convexos entre os quais os dividi para fins de análise.

Os ângulos dos instrumentos apontam para a atividade de 'raspar', sendo empregado em materiais como peles, madeira e ossos. Entretanto, somente através da análise microscópica dos vestígios de utilização destes instrumentos seria possível afirmar que materiais teriam sido por eles trabalhados. Mas as suposições que faço se baseiam na discussão a respeito dos ângulos dos instrumentos, segundo a qual a ação a ser desempenhada necessita de um determinado valor de ângulo: para ações de raspar o ângulo do gume deve ter em torno de 70° a 90°; para a ação de cortar o gume deve formar um ângulo em torno de 40° a 60°; um ângulo menor que 40° permite cortes deslizantes (BOEDA *apud* VIANA, 2006, p. 132).

Outro fator que influencia no funcionamento do instrumento é o formato da linha de gume. Linhas de gume curvas são apropriadas para cortar e talhar, sua área de ação é maior e melhor aproveitada. Já as linhas de gume retas são mais adequadas a furar e fatiar, mas limitam-se a uma área de ação menor. Note-se que os instrumentos da coleção em estudo possuem linhas de gume de ambos os tipos, entretanto seus ângulos são maiores que 70°, encaixando-se nas atividades de raspar. Destaco ainda que instrumentos com maior ângulo exibem maior resistência, podendo ser aplicados em objetos a serem transformados que exijam maior força motriz do instrumento transformativo.

As pequenas dimensões dos artefatos plano-convexos chamam a atenção, pois apresentam em média um comprimento de 5,65cm. Estas dimensões reduzidas implicam limitações com relação às dimensões do material no qual seriam empregados os artefatos, mas, em contrapartida, implicam uma maior facilidade no transporte.

*Para Kuhn conjuntos artefatuais compostos por uma série de pequenos artefatos unifaciais confeccionados sobre lascas representariam a solução ótima para articular transportabilidade e multifuncionalidade na elaboração dos conjuntos de artefatos transportados pelos caçadores-coletores em diversos tipos de deslocamento, pois apresentam a melhor relação em termos de utilidade e peso (1994 *apud* BUENO, 2007, p. 88).*

Percebemos ainda que as pequenas dimensões dos instrumentos não foram um empecilho para seu reaproveitamento. Um método particular de reavivamento (as grandes retiradas com um forte golpe referidas acima) era empregado com o objetivo de criar novos ângulos e com isso a peça podia ser exaustivamente utilizada.

4.3. Demais Instrumentos

Na coleção em estudo ocorrem ainda outros tipos de instrumentos que não foram o foco das análises, mas que caracterizo de forma breve a seguir.

A utilização de lascas

A maior parte das lascas da coleção não apresenta aparentemente marcas de retoques. No entanto, não se pode afirmar que estas não foram utilizadas. Como realizei neste trabalho apenas identificação de vestígios macroscópicos, levo em consideração as limitações que esta escolha acarreta.

É necessário fazer a distinção entre as lascas visivelmente retocadas e as simplesmente utilizadas, observando que uma mesma lasca pode ter servido a diversos fins. Bem como Prous salienta, devemos dar a devida atenção aos materiais arqueológicos, tendo em mente suas possíveis multifuncionalidades, uma vez que o mesmo instrumento pode ser utilizado na realização de tarefas distintas e as marcas desta utilização nem sempre são visíveis a olho nu. Isto é, há a possibilidade de um só instrumento apresentar marcas diferentes por ser utilizado para atividades distintas, ou mesmo por uma simples lasca ter sido utilizada como instrumento sem que para isso houvesse o feitiço de um retoque.

(...) señalemos que muchos desechos (núcleos, lascas de descortezado, fragmentos diversos, pueden ser reciclados y utilizados como útiles 'de fortuna' (...)). (PROUS, 2004, p. 59)

Assim, torna-se complicado afirmar que um instrumento não está servindo para utilização. É necessário refletir sobre os tipos de atividades desenvolvidas pelos grupos, tendo sempre em mente o ambiente em que estes viveram.

Entretanto, mesmo a maioria não apresentando sinais de retoque ou utilização, algumas se mostram claramente trabalhadas e exaustivamente utilizadas.

Quanto às lascas retocadas, como não há nenhuma evidência de trabalho de *façonnage*, os retoques é que nos indicam a intenção de fabricação de um instrumento. Refiro-me a uma 'intenção' pois acredito que mesmo que um instrumento seja pouco elaborado, houve uma pré-determinação mental do artesão

visando o uso. Estas lascas possuem múltiplas formas de delineamento dos retoques, o que propiciou gumes compostos.

Como exemplo deste tipo de instrumento apresento a lasca 380 de arenito silicificado que possui retoques e marcas de utilização ao longo de todas as bordas. Aparentemente apresentava um bulbo difuso que foi rebaixado através de duas retidas, talvez para uma melhor preensão do instrumento. Ao longo da borda direita, porção mesio-distal, nota-se um retoque denticulado. Na borda esquerda os retoques são mais delicados e se encontram bastante desgastados. A porção distal da borda esquerda está tão desgastada pelo uso que seu gume se tornou arredondado. A porção mesial da borda direita sofreu um pequeno retoque escamoso em uma parte onde o ângulo é maior.

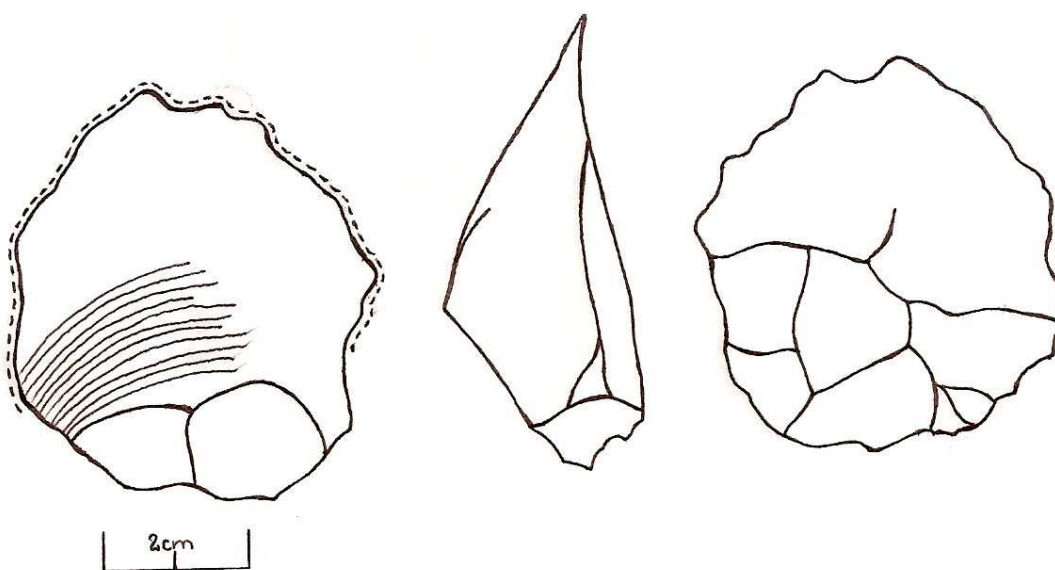


Figura 11: Lasca com marcas de uso e retoques.

Desenho: Vanessa B. Quintana

As linhas curvas do gume aumentam a área de ação do instrumento que é melhor aproveitado. Este tipo de gume é apropriado para cortar e talhar. Uma vez que os ângulos dos instrumentos plano-convexos indicam atividades de raspar, com ângulos de gume entre 70° e 90° , as atividades de corte devem ter sido realizadas por lascas. Isto não se limitou apenas a lascas retocadas, pois em grande parte das vezes lascas eram diretamente utilizadas.

Os instrumentos bifaciais

Uma quantidade significativa de pontas de projétil foi doada por moradores, embora nenhuma tenha sido encontrada *in situ*. As pontas são associadas tradicionalmente à tradição Umbu, sendo consideradas pelo PRONAPA²⁸ o fóssil guia desta. São geralmente encontradas em matérias-primas variadas como basalto, arenito, quartzo e calcedônia; a fabricação se dá através da percussão direta e do retoque por pressão.

Entre as pontas recuperadas na região em estudo há duas lanceoladas, duas com pedúnculo reto e cinco com pedúnculo bifurcado. A maioria é em arenito silicificado, sendo as com pedúnculo reto em metalamito.



Fotografia 50: Pontas de projéteis encontradas na região do Banhado do M'Bororé.

Fonte: Acervo LEPA

²⁸ Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas que vigorou no país entre 1965 e 1970. Seu objetivo era elaborar um quadro evolutivo das culturas brasileiras através de pressupostos teóricos e metodológicos baseados em teorias evolutivas. Realizavam coletas superficiais assistemáticas para o estabelecimento de seqüências culturais seriadas, obtidas a partir da criação de fases e tradições.

A presença das pontas sugere atividades de caça por parte dos grupos que habitaram a região, uma vez que é grande a diversidade de fauna presente neste tipo de ambiente.

As ausências

Uma característica que chama a atenção é a ausência de percutores. Nenhum foi escavado ou encontrado durante as prospecções. Entretanto, podemos inferir os tipos de percutores utilizados pelos artesãos através das lascas descobertas: os tipos de lascas com bulbos salientes e talões espessos sugerem a utilização de percutores duros nos lascamentos, como seixos. Isto, no entanto não exclui a utilização de percutores moles, como chifres e ossos, para trabalhos mais delicados como retoques de instrumentos, especialmente a confecção de pontas de projétil que exigiam um lascamento mais preciso.

Além destes a falta de evidências de restos alimentares também merece destaque. Vestígios faunísticos são encontrados em abundância neste tipo de sítio arqueológico, sendo muitas vezes utilizados para o estabelecimento de épocas de ocupação (SCHIMTZ *et al*, 1997). Entretanto os cerritos Butuy 1 e 2 não apresentam estas evidências. Isto sugere que os restos alimentares dos grupos que habitaram a região eram depositados em áreas distintas uma vez que a análise do solo demonstrou não ser este ácido o suficiente para deteriorar vestígios ósseos.

4.4. Outros Materiais

Outros tipos de materiais foram encontrados nos sítios e embora não sejam o alvo prioritário das pesquisas merecem uma breve caracterização. A cerâmica, que na maioria dos sítios com cerritos é a cultura material mais abundante, no Banhado do M'Bororé está representada apenas por alguns poucos e esparsos fragmentos. Os apresento a seguir fazendo algumas considerações. Outro dado que merece atenção é o resultado da análise do solo de ocupação o qual exponho na seqüência.

A cerâmica

A coleção cerâmica está composta de 35 fragmentos de cerâmica, obtidos, em sua maioria, através de doação dos moradores locais. Como já salientei, apenas um fragmento provavelmente pertencente à Tradição Vieira foi encontrado em escavação, no cerrito Butuy 2.

Entre os fragmentos encontram-se um fundo de base plana e cinco bordas. A maior delas tem 28 cm de diâmetro, as outras são muito pequenas e difíceis de reconstituir. Os demais fragmentos são pequenos, sendo que três deles apresentam sinais de decoração escovada, que é uma variedade da Tradição Tupiguarani, com sulcos bem visíveis e paralelos entre si. Devido ao desgaste na superfície da cerâmica, o antiplástico torna-se visível em alguns fragmentos, sendo composto por cacos de quartzo e grânulos de hematita. Oito dos fragmentos são de cerâmica missioneira, caracterizada por uma superfície lisa e as paredes apresentam coloração avermelhada, aparentando ser decoração pintada com engobo vermelho. Há ainda um fundo de base plana e uma pequena borda, ambos de cerâmica missioneira. Os demais fragmentos apresentam superfície lisa.

Um pequeno e altamente fragmentado número de cacos de cerâmica foi recuperado. Por isso a reconstituição das bordas foi prejudicada. Foi possível reconstituir apenas uma delas, a maior, que tem 28 cm de diâmetro. No entanto, partes de um pote foram remontadas e doadas por moradores locais. O bom estado de preservação e o tamanho dos fragmentos possibilitaram a quase completa remontagem do pote e sua reconstituição. A partir deste podemos ter uma idéia do tipo de vasilhas fabricadas, que se assemelham em muito às associadas à tradição Vieira (caracterizada por entre outros por SCHMITZ et al., 1991), descrita como apresentando:

(...) formas de tamanho pequeno, em geral vasilhas de contorno simples como pratos e tigelas com, no máximo, 40 cm de diâmetro e geralmente mostrando um acabamento de superfície grosseiramente alisado ou com muito pouca decoração plástica. Em algumas coleções cerâmicas resgatadas em sítios Vieira parece ocorrer uma mistura de elementos, especialmente aspectos decorativos, da cerâmica das duas outras tradições arqueológicas ceramistas que ocuparam o estado a partir dos primeiros séculos da Era Cristã: a tradição Taquara e a tradição Tupiguarani. (ROGGE, 2004, p. 105-106)

Iriarte (2003) fez associações semelhantes para os fragmentos cerâmicos encontrados na região da Laguna Mirim no Uruguai. Através da reconstituição das bordas ele chegou à conclusão de que os recipientes seriam tigelas, pratos e baixelas provavelmente usados para servir, e sugere a possibilidade que poderiam ter sido utilizados em festas e associados a contextos rituais. Entretanto, ele reconhece que esta é apenas uma hipótese e bastante controversa, uma vez que a cerâmica Vieira tem sido há muito interpretada com finalidades domésticas devido a manufatura simples, homogeneidade e falta de decoração.



Fotografias 51, 52 e 53: Fragmentos de pote relacionado à cerâmica Vieira.
Fonte: Acervo LEPA

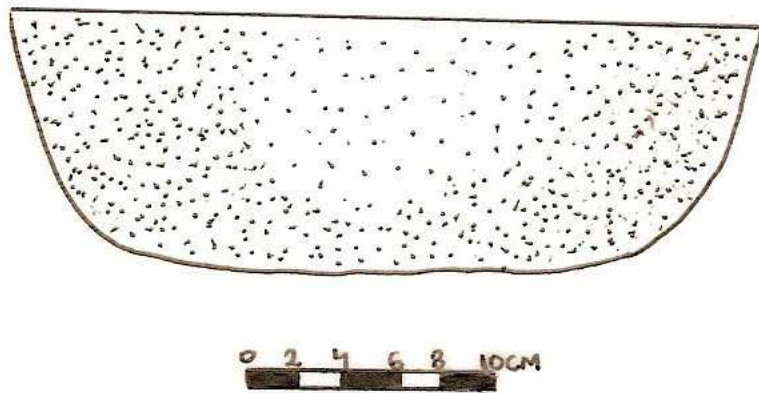


Figura 12: Reconstituição do formato e tamanho do pote.

Fonte: Acervo LEPA

Quanto ao fragmento escavado no cerrito Butuy 2 é muito semelhante aos anteriores: acabamento de superfície grosseiramente alisado, sem decoração plástica, antiplástico de granulação grossa (grânulos de hematita), composto de grãos de quartzo bastante visíveis.



Fotografia 54: Fragmento cerâmico encontrado no cerrito Butuy 2 com antiplástico visível.
Fonte: Acervo LEPA

Fragmentos de cerâmica missioneira foram encontrados após a abertura de um poço teste em um cerrito já destruído. A cerâmica é torneada, com engobo vermelho interno e externo e um dos cacos apresenta uma base em pedestal.



Fotografia 55: Fragmentos de cerâmica missioneira torneada encontrados na região da pesquisa.

Fonte: Acervo LEPA

De acordo com Brochado e Ribeiro a cerâmica de contato recebe as seguintes denominações: fase Reduções, fase Missões e tradição Neobrasileira. A fase Missões está ligada aos Sete Povos das Missões, dos quais o município de São Borja faz parte, apresentando uma maior influência européia. Brochado, Lazzarotto e Steinmetz (1969) a dividem em duas séries: série Ijuí e série Missões. O método de fabricação e a técnica de decoração da primeira estão bastante ligados a tradição indígena local. Já a segunda é torneada, produzida na roda de oleiro, totalmente distanciada da tradição indígena, se encaixando na tradição européia da época. Embora o tratamento plástico da superfície e as técnicas de manufatura sejam indígenas, as vasilhas possuem formas e bases planas de origem européia; tratamento simples ou com engobo vermelho; há padronização da cerâmica, com a repetição de quatro tipos e quatro formas como tigelas e pratos para consumo de alimentos (ZUSE, 2009).

Onde antes havia a estrutura foi feita a horta da família que habita agora o lugar. O plantio ou o nascimento de vegetações sobre cerritos é bastante comum devido à alta fertilidade do solo. Portanto é recorrente a reutilização destes espaços. O que pode ser uma explicação para a presença deste tipo de cerâmica em um aterro.

Vestígios de ocupação humana

As amostras de solo coletadas durante as escavações foram analisadas para que fossem possíveis comparações entre o solo agrícola das cercanias e o solo do cerrito Butuy 1 (Anexo). A composição química do solo no interior do cerrito apresenta-se diferenciada da encontrada na área externa. O alto índice de fósforo indica queima de materiais sobre a estrutura. No entanto, durante as intervenções, não se encontrou vestígios de possíveis fogueiras nem materiais carbonizados. A significativa presença de potássio e cálcio sugere, ainda, a intensa ocupação de grupos humanos por determinado período. Porém, nenhum resto de alimentação ou de enterramento humano foi descoberto durante as escavações.

	pH	P	K	Ca
Cerrito Butuy 1 – Q11	5.1	146.9	606	18.2
Ponto 414 – 150m	4.5	9.4	129	5.3
Média	<5.0	25	120-200	3-4

Tabela 1: Resultados da análise de solo Butuy 1.

Fonte: Confeção própria

A hipótese de construção dos cerritos Butuy 1 e 2 é de que sua fabricação tenha se dado através de material coletado em áreas de captação específicas, onde provavelmente também eram depositados os refugos do grupo. Solos destas áreas obviamente apresentariam alta concentração de vestígios de ocupação humana.

5. O LUGAR BANHADO DO M'BORORÉ: CONTEXTO DE EXPERIÊNCIAS HUMANAS

Penso hoje que o trabalho do arqueólogo é de reorganizar o passado, contando histórias. Devem ser histórias úteis, contadas, escritas e desenhadas para responder às necessidades das pessoas que necessitam de compreensão, consolo e ajuda para entender suas tragédias, derrotas e, por que não, também suas vitórias.
(Klaus Hilbert)

Como propus na introdução deste trabalho, pretendia trilhar um novo caminho, experimentar algo diferente. Uma tarefa para mim nada fácil e na qual encontrei muitas dificuldades. Especialmente agora onde se espera que os pedaços da estrada se juntem e levem à saída do túnel. Na tentativa de construir esta estrada, reflito agora sobre possíveis hipóteses das vivências de grupos humanos na região classificada como Banhado do M'Bororé.

A primeira consideração que devo fazer é que a proposta de experimentar a região através de lembranças e registro foi extremamente limitante, uma vez que para se realizar um trabalho satisfatório de fenomenologia é necessário um estudo muito mais completo e planejado. Em momento algum deixei de levar isto em consideração, mas como já salientei os trabalhos de campo haviam sido realizados nos primórdios de minha graduação, antes mesmo que eu soubesse ao certo o que era um cerrito. Porém, o desejo de compreender um pouco melhor estas estruturas tão controversas e o contato com novas propostas que tanto me fascinaram me levaram a fazer escolhas. Aproximando-me agora do final da jornada sinto-me mais satisfeita do que certamente estaria se decidisse não trilhar este caminho. Porém, reconheço as faltas, mas não sem apontar os logros.

Seguindo propostas de arqueólogos como Julian Thomas e Christopher Tilley, realizei a experimentação das paisagens da região em estudo o que me propiciou perceber os sítios com cerritos de uma forma mais ampla e pensar em relações até então não apreendidas por mim. Uma delas foi a relação dos seres humanos com o clima e como a habitação de regiões pampeanas propicia uma experiência singular. Habitar estes lugares cria relações particulares que só são possíveis de perceber através da experiência do corpo no espaço. O frio intenso, o sol escaldante e os ventos fortes são sentido de forma diferente em um lugar onde a proteção natural não existe.

As paisagens descampadas criam ainda relações visuais com o ambiente que não ocorrem em paisagens onde há, por exemplo, árvores e montanhas. O domínio visual que os habitantes desta região possuem é maior, podendo ser ampliado quando se tem uma elevação do terreno que possa ser utilizada de forma semelhante a um 'mirante'. Construir um cerrito era uma forma de ampliação do domínio visual de territórios estratégicos.

Ainda em relação ao território, erigir estruturas deste porte era também uma forma de demarcar zonas de interesse tanto econômico quanto cultural, uma vez que dificilmente se encontram em regiões pampeanas demarcadores naturais. Dessa forma, aterros assinalando posições topográficas estratégicas na paisagem e que possibilitam a ampla visualização de outras estruturas bem como de grande extensão do território criam as chamadas por Pintos (2000) "bacias de intervisibilidade", que possibilitariam o domínio de vastas zonas ambientais com concentração de altos níveis de recursos naturais.

Os cerritos estão ligados a sociedades complexas e são somente uma parte especializada do sítio – este último é um espaço mais amplo, compreendendo também as áreas em torno–, que demonstra como estas sociedades se apropriaram, domesticaram e modificaram as paisagens nas quais viveram. Acredito que estas são estruturas que exigiram tempo e trabalho dos povos que as erigiram, demandando altos níveis de integração social.

Quanto aos sítios arqueológicos do Banhado do M'Bororé que sofreram intervenção são formados por "um amontoado aleatório de terra, pedras, matéria orgânica e material lítico descartado". Mas não é possível afirmar o mesmo para os outros cerritos da região, pois há distinções entre os materiais escavados e os materiais encontrados durante as prospecções e doados pelos moradores. Os dados levantados por pesquisadores sobre estas construções em outras regiões, tanto no Brasil quanto no Uruguai, revelam-nos a presença de uma grande variedade de materiais nos mais diversos cerritos. Isso me leva a inferir sobre as múltiplas funções que os cerritos poderiam adquirir dentro das sociedades proto-agricultoras que os construíram.

É plausível refletir ainda sobre uma possível estratificação social entre determinados grupos construtores de cerritos, uma vez que em alguns destes sítios encontram-se sepultamentos de indivíduos selecionados como salientado por Milder:

Os sítios fornecem evidências claras de estratificação social. As pessoas comuns eram enterradas em aldeias, acompanhadas por pouco ou nenhum bem funerário, enquanto que os indivíduos de status elevado eram enterrados em aterros e cercados de objetos cerimoniais artisticamente elaborados e de grande luxo. (MILDER, 2003, p. 265)

Contudo, não foram obtidas provas desta prática nos cerritos que sofreram intervenção no município de São Borja. O que, conjuntamente com outras ausências, levanta a dúvida acerca das demais funções relacionadas a este tipo de sítio. Quanto a considerar as estruturas como moradias para mim é uma questão improvável de se cogitar para os cerritos Butuy 1 e 2, uma vez que nenhuma evidência foi resgatada como restos alimentares, estruturas de fogueiras, buracos de esteios ou fragmentos cerâmicos. Muito embora análises de solo demonstrem intensa ocupação humana, credito isto ao fato de a terra utilizada na construção dos aterros ser proveniente de zonas de captação também utilizadas como depósitos de refugos do grupo. Dessa forma posso levantar duas hipóteses para a construção destes dois aterros: a) um caráter cultural ou ritualístico do qual não possui evidências concretas, mas que é bastante atribuído a este tipo de sítio arqueológico. Para sustentar esta hipótese chamo a atenção para a distribuição dos aterros na paisagem. Padrões semelhantes foram identificados em pesquisas no Uruguai e interpretados como aldeias planejadas nas quais os cerritos seriam estruturas cerimoniais rodeando uma praça central habitada. Em segundo lugar b) indicadores e demarcadores territoriais, implantados em áreas de grande interesse econômico, fato comprovado pela presença de banhados, ambientes altamente ricos em recursos animais e vegetais, e pela boa oferta de matéria-prima dos afloramentos basálticos locais que escondem ainda o arenito intertrápico de ótima fratura conchoidal.

Devido à ausência de restos faunísticos infelizmente não foi possível definir hábitos alimentares do (ou dos) grupo que habitou o lugar. Restos de alimentação também seriam um recurso no estabelecimento de períodos de ocupação da região, que se daria possivelmente através de acampamentos sazonais em épocas em que as zonas alagadiças proveriam grandes diversidades de alimentos, matérias-primas e água. Como nenhum tipo de datação foi obtido para os sítios, posso apenas levantar estas hipóteses analisando a geomorfologia da região e me apoiando em outros trabalhos. Comparações com dados levantados por José Iriarte (2003) na bacia do rio da Prata nos dão algumas pistas do período em que podemos localizá-

los. Vestígios cerâmicos não foram descobertos durante as escavações²⁹, bem como nenhuma indicação de sepultamentos. Mas uma **pista** nos pode ser dada pelos artefatos líticos descobertos no sítio. Conforme afirma Iriarte a tecnologia lítica exhibe uma mudança gradual em direção a uma tecnologia mais expediente e informal entre o Período Arcaico e o Pré-Cerâmico, sendo que durante o Período Cerâmico são mais diversos e generalizados com maior utilização de lascas não modificadas. Em outras regiões das Américas tais transformações para uma tecnologia mais expeditiva estão relacionadas com mudanças para uma economia mais ampla e orientada.

Seguindo esta pista, me foco agora nos resultados das análises dos artefatos líticos oriundos dos trabalhos de campo. Devido à grande quantidade de material, sendo a imensa maioria lascas e microlascas sem marcas de uso ou retoques, optei por me focar nos instrumentos recorrentes aqui representados por 18 peças denominadas pela literatura arqueológica plano-convexos. Fazer uma leitura individual mais detalhada de cada objeto me permitiu identificar um padrão em sua confecção. O lascamento era direto e com retiradas invadentes; as peças foram exaustivamente retocadas, sendo que ao não haver mais ângulo de percussão outro era produzido através de retiradas rasantes e espessas que geralmente deixaram negativos de lascas reflexivas; foram realizadas retiradas contrárias ao plano de percussão, a partir do ápice da peça, que podem ter servido à uma melhor preensão do instrumento ou para algum tipo de encabamento; rebaixamentos de pequenas porções da superfície ventral dos instrumentos auxiliavam na obtenção de gumes mais agudos e conseqüentemente mais afiados.

As características acima descritas são encontradas em praticamente todos os instrumentos plano-convexos, bem como nas lascas da coleção que embora não remontem aos artefatos aludem a outros confeccionados a partir das mesmas técnicas, mas que não ganharam vida durante nossos trabalhos de campo e que provavelmente continuam a espera de alguém que os ajude a nascer. Acredito, assim, que os resultados da leitura dos instrumentos plano-convexos me permitem ligá-los a um mesmo grupo cultural local.

Análises mais amplas focadas na tecnologia de confecção de artefatos líticos e comparações com outros estudos podem talvez relacioná-los a uma cultura

²⁹ Com exceção de um único fragmento anteriormente mencionado que justamente por estar isolado pode ser atribuído a uma série de fatores como ter sido levado de outro local para o cerrito Butuy 2 .

regional, uma vez que artefatos semelhantes são recorrentes em sítios arqueológicos de regiões pampeanas.

Em relação à cerâmica, mesmo que apareça em quantidade extremamente reduzida e fora de contexto, foi possível inferir alguns dados e relacioná-la aos construtores de cerritos, uma vez que, como já discutido anteriormente, acredito que arqueólogos ao escavar eliminam o contexto arqueológico onde as coisas antes se encontravam, mas criam novos contextos para elas quando escrevem. Dessa forma, me utilizando de dados gerados por outros pesquisadores crio aqui nestas páginas um novo contexto para ‘meus’ cacos.

Assim, inicio pelo único fragmento escavado – e que, no entanto veio a esse mundo como um lítico! Este, embora seja um pequeno caco de pouco mais de 5 cm, deixa claro um acabamento de superfície grosseiramente alisado, nenhum tipo de decoração plástica e um antiplástico de granulação grossa e visível. Comparando-o aos cacos de maior porte doados por moradores locais é possível perceber a grande semelhança. Estes fragmentos maiores possibilitaram a reconstituição do pote e sua associação à cerâmica típica de sítios com cerritos.

Há ainda a presença de fragmentos de cerâmica missioneira de influência européia em um dos cerritos da região. É também em pequena quantidade e fragmentada, mas me apóiam ao salientar o quão férteis e propícias à habitação estas áreas alagadiças são, ao ponto de serem ocupadas e reocupadas, seja por grupos Guarani missioneiros que possivelmente abandonaram a Missão ou para servir de horta à família que atualmente reside no local.

Juntando os pedaços e construindo a estrada que me leva a conclusão deste trabalho, faço agora um exercício de reflexão a respeito do lugar Banhado do M'Bororé enquanto um contexto onde relações e experiências humanas ocorreram, levantando uma hipótese de ocupação da região.

Como mencionei anteriormente, os grupos que ocuparam estes espaços em tempos remotos foram atraídos pela grande disponibilidade de uma série de recursos que tornavam estas paisagens tão convidativas ao ponto de haver a necessidade de erigir monumentos que serviram à demarcação deste território e auxiliaram no controle visual da movimentação (tanto humana quanto animal) nestas paisagens. Os lugares dos quais estes indivíduos se apropriaram não se limitaram apenas aos espaços físicos. O domínio visual – que neste local já era bastante

amplo, se estendia ainda pela construção das estruturas – era também uma forma de apropriação e controle territorial.

Aldeias se estabeleceram nestes espaços, delimitadas pelos aterros, que poderiam ter ainda fins ritualísticos durante festividades e encontros de clãs. A coleta de vegetais e de moluscos nos banhados fazia parte dos recursos de subsistência, bem como a pesca e a caça, esta última comprovada pela presença de pontas de projétil e bolas de boleadeiras. A confecção de artefatos plano-convexos se dava pela necessidade de trabalhar a madeira para os acampamentos e especialmente para limpar o couro de animais caçados que servia tanto para a construção de abrigos quanto para a confecção de roupas. As paisagens de campos abertos dos pampas exigem uma adaptação ao clima que pode ir de um extremo a outro em um mesmo dia. O estabelecimento da aldeia no centro de conjuntos de cerritos era mais um recurso contra as intempéries da região.

Com base nessas inferências considero o lugar Banhado do M'Bororé enquanto um local onde sociedades caçadoras coletoras apresentando um alto grau de complexificação se estabeleceram, iniciando provavelmente com acampamentos sazonais. A ampla gama de recursos econômicos oferecidos pelas áreas de banhados influenciou no surgimento de uma agricultura incipiente. A prática do cultivo ofereceu assim uma economia mais variada o que resultou em crescimento demográfico e na redução da mobilidade. Com assentamentos mais fixos e grande diversidade de recursos era possível empregar tempo e mão-de-obra na construção de grandes monumentos. Dessa forma, a relação que estas sociedades estabeleceram com este lugar possibilitou uma organização social diferenciada que foi sendo remodelada ao longo dos tempos.

CONCLUSÕES

Como já salientei acredito que o trabalho de um arqueólogo é como o de um detetive, desvendando uma série de pistas para no fim resolver um mistério. Embora no caso do arqueólogo dificilmente se chegue ao último capítulo após uma meticulosa análise das provas e se aponte triunfalmente um culpado fazendo-se uso, como diria o famoso detetive Hercule Poirot, personagem da escritora inglesa Agatha Christie, de nossa massa cinzenta. Não. Na arqueologia seguimos as pistas, analisamos os indícios e interpretamos as evidências, como um bom detetive e ao final demonstramos os resultados de nossa análise meticulosa. Mas não encerramos o caso. Levantamos algumas hipóteses, elucidamos alguns mistérios, mas deixamos outras pistas para que outros arqueólogos dêem continuidade à investigação.

Acredito ter atingido este objetivo. Chego ao final deste trabalho tendo reunido dados, realizado análises e levantado hipóteses, que obviamente não elucidam todos os mistérios sobre estas construções chamadas popularmente de ‘cerritos de índios’, mas contribuem para o conhecimento arqueológico a seu respeito.

O caminho que escolhi trilhar se deve a minha vontade de experimentar, de perceber as relações entre pessoas e coisas e lugares por outro ângulo. Certamente este caminho não agradará a todos e muito mais fácil teria sido seguir uma linha tradicional, levantar dado, criar tabelas, medir, mapear, estabelecer padrões de assentamento para os grupos. Todos os dados empíricos que um trabalho acadêmico exige. Porém, tenho certeza de que chegaria eu agora nestas linhas finais contando as histórias de coisas isoladas, de paisagens vazias. Sem as histórias das relações das pessoas com estas coisas e paisagens.

Essa era minha proposta inicial. Com os trabalhos de campo já realizados e os dados já produzidos não via eu alternativa senão refazer o já feito. Porém, decidi me arriscar por novos rumos e, embora o escuro me apavorasse, entrei no túnel. O primeiro passo foi abordar as discussões mais recentes sobre as teorias alternativas que poderiam me aproximar o máximo possível do rompimento entre o fazer e o pensar. Feito isto, era hora de imergir nas paisagens do Banhado do M’Bororé para uma experimentação interpretativa das relações dos grupos construtores de cerritos com o ambiente. O resultado foi a ampliação de minha forma de ver estas estruturas,

me possibilitando levantar uma hipótese – mesmo que muito limitada – da ocupação destes espaços por povos de uma cultura singular.

Mas como minha interpretação obviamente não foi a primeira achei necessário rever a produção de outros pesquisadores que nos forneceram todo o conhecimento que temos até o momento a respeito dos cerritos. Entretanto, neste ponto deixo claro qual o meu entendimento a respeito destas construções e como as considero demarcadores territoriais de zonas de grandes concentrações de recursos e áreas de assentamentos, além de indicadores em paisagens homogêneas. Trato-os ainda como pistas para os arqueólogos da ocupação pretéritas destes espaços, indicando no presente contextos de relações sociais no passado.

Como meu foco não foram apenas as paisagens, mas também a cultura material destes povos que ganhou vida pelas mãos de pesquisadores ou moradores locais, decidi discutir algumas formas de vê-la e interpretá-la antes de chegar a análise propriamente dita. Além de contar brevemente a história de como esta cultura material foi do campo para o laboratório e finalmente para as páginas desta dissertação.

A análise dos objetos me possibilitou perceber um padrão tecnológico na confecção dos instrumentos líticos que, associados à cerâmica, podem ser atribuídos a grupos construtores de cerritos com base no que sugere a literatura arqueológica.

Na tentativa de relacionar pessoas, coisas e paisagem levantei uma hipótese de habitação por área do Programa Arqueológico do Banhado do M'Bororé, na qual considero que a distribuição dos cerritos se dá de forma padronizada, uma vez que estes são apenas parte de um conjunto mais amplo de assentamentos planejados, estabelecidos próximo à áreas de captação de recursos. Os cerritos assim demarcariam o território, servindo ainda como indicadores para a locomoção na paisagem.

Como já salientei, estas são hipóteses criadas a partir de minha experimentação dos sítios e de minhas análises da cultura material local. É um trabalho limitado uma vez que somente uma pequena área foi contemplada sendo que a região apresenta um vasto potencial arqueológico. A ampliação do campo das pesquisas, com o levantamento mais detalhados das demais estruturas e intervenções em outros espaços forneceriam uma contribuição inestimável para a compreensão deste tipo de sítio arqueológico ainda pouco compreendido pelos

pesquisadores. Trato-os aqui enquanto manifestações de uma cultura local devido às restrições que a área de abrangência me impõem. Entretanto é possível relacionar tanto os aterros quanto a cultura material a culturas que se estendem pelos pampas sul-riograndense, uruguaio e argentino. Mas novas afirmações só são possíveis a partir de novas pesquisas.

Ao fim e ao cabo, este trabalho foi, portanto uma caminhada por um túnel escuro à procura de luz. Ao concluí-lo não saí do túnel, mas já consigo ver a luz e respiro melhor com a brisa que vem de fora. Minhas experiências futuras devem certamente ampliar as paredes para que possa me movimentar melhor e continuar minha caminhada para quiçá chegar à saída. Mas agora é hora de acostumar a vista com a claridade que já me alcança.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AB'SÁBER, Aziz Nacib. **Os Domínios de Natureza no Brasil**: potencialidades paisagísticas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

ANDREFSKY Jr, William (Ed). **Lithic Technology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

BASILE BECKER, Ítala Irene. **Os Índios Charrua e Minuano na Antiga Banda Oriental do Uruguai**. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2002.

BENDER, Barbara. Place and Landscape. In: DAVID, Bruno and Thomas, Julian (Ed.). **Handbook of Landscape Archaeology**. Walnut Creek : Left Coast, 2008, p. 303-314.

BRACCO BOKSAR, Roberto. Montículos de la Cuenca de la Laguna Merín: tiempo, espacio y sociedad. In: **Latín American Antiquity**. Dec 2006.

BRACCO BOKSAR, Roberto; CABRERA, Leonel; LÓPEZ MAZZ, José M. La Prehistoria de las Tierras Bajas de la Cuenca de la Laguna Merín. In: COIROLO, Alicia Duran; BRACCO BOKSAR, Roberto (Org). **Arqueología de las Tierras Bajas**. Montevideo: Departamento de Publicaciones/ Universidad de la Republica, 1999, p. 13-38.

BRACCO BOKSAR, Roberto e URES, Cristina. Ritmos y Dinámica Constructiva de las Estructuras Monticulares: sector sur de la cuenca de la Laguna Merín – Uruguay. In: LÓPEZ MAZZ, José; SANS, Mónica (Org). **Arqueología y Bioantropología de las Tierras Bajas**. Montevideo: Departamento de Publicaciones de la Facultad de Humanidades y Ciencias de la Ed. Universidad de la Republica. 1999, p. 35-62.

BROCHADO, José P.; MONTICELLI, Gisleni; NEUMANN, Eduardo. Etnografia na Reconstituição Gráfica das Vasilhas Guarani Arqueológicas. In: **VERITAS/PUCRS**. Vol. 35, n. 140. Porto Alegre: EDPUCRS, 1990, p. 727-743.

BUENO, Lucas. Organização Tecnológica e Teoria do Design: entre estratégias e características de performance. In: BUENO, Lucas e ISNARDIS, Andrei. **Das Pedras aos Homens**: tecnologia lítica na arqueologia brasileira. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2007, p. 67-94.

CABRAL, Mariana Petri. 2005. **Sobre Coisas, Lugares e Pessoas: Uma prática interpretativa na arqueologia de caçadores coletores do sul do Brasil.** Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PUCRS/FFCH/PPGH.

CHMYZ, Igor (Org). Terminologia Arqueológica Brasileira para a Cerâmica. In: **Manuais de Arqueologia**, 2 ed. Paranagua: UFPR, 1976.

CRIADO BOADO, Felipe. **CAPA 6. Del Terreno al Espacio:** planteamientos y perspectivas para la Arqueología del Paisaje. Grupo de Investigación en Arqueología del Paisaje. Universidade de Santiago de Compostela, abril de 1999.

DIAS, Adriana Schmidt. **Sistemas de Assentamento e Estilo Tecnológico:** uma proposta interpretativa para a ocupação pré-colonial do Alto Vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2003.

El Uruguay en la Exposición Histórico-Americana de Madrid. Memoria. Montevideo: Comisión de Exposición Histórico-Americana, 1892.

ERICKSON, Clark L. Lomas de Ocupación en los Llanos de Moxos. In: COIROLO, Alicia Duran; BRACCO BOKSAR, Roberto (Org). **Arqueología de las Tierras Bajas.** Montevideo: Departamento de Publicaciones/ Universidad de la Republica, 1999, p. 207-226.

FEMENÍAS, Jorge. Cerâmica de los “Cerritos” de Noreste de Uruguay y Sureste de Brasil (discusión de los modelos resultantes). In: **Revista do CEPA**, Santa Cruz do Sul, 1990, vol. 17, nº 20.

_____ *et al.* Tipos de Enterramientos en Estructuras Monticulares (“Cerritos”) en la Región de la Cuenca de la Laguna Merín (R.O.U.). **Revista do CEPA**, Santa Cruz do Sul, 1990, vol. 17, nº 20, p.345-356.

FOGAÇA, Emílio e BOEDA, Eric. A Antropologia das Técnicas e o Povoamento da América do Sul Pré-Histórica. In: **Revista Habitus**, vol. 4, n. 2. Goiânia: IGPA/UCG, 2006, p. 673-684.

FOGAÇA, Emílio. O Estudo Arqueológico da Tecnologia Humana. In: **Revista Habitus**, vol. 1, nº 1. Goiânia: IGPA/UCG. 2003, p.147-180.

_____. **Mãos para o Pensamento:** a variabilidade tecnológica de indústrias líticas de caçadores-coletores holocênicos a partir de um estudo de caso: as camadas VIII e VII da Lapa do Boquete (Minas Gerais, Brasil – 12.000/10.500 BP). Tese (Doutorado Internacional em Arqueologia) – Pontífice Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

GLASSIE, Henry. **Material Culture.** Indianápolis: Indiana University Press, 1999.

HILBERT, Klaus. Qual o compromisso social do arqueólogo brasileiro? In: Revista de Arqueologia. 19: 89-101, 2006. Disponível em <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ra/article/viewFile/1670/1312> Acesso 05 de Novembro de 2009.

_____. Indústrias Líticas como Vetores de Organização Social ou: um ensaio sobre pedras e pessoas. In: BUENO, Lucas e ISNARDIS, Andrei. **Das Pedras aos Homens:** tecnologia lítica na arqueologia brasileira. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2007, p. 95-116.

HOELTZ, Sirlei E. **Tecnologia Lítica:** uma proposta de leitura para a compreensão das indústrias do Rio Grande do Sul, Brasil, em tempos remotos. Tese (Doutorado Internacional em Arqueologia) – Pontífice Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2005.

_____. **Artesãos e Artefatos Pré-Históricos do Vale do Rio Pardo.** Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1997.

_____. As Tradições Umbu e Humaitá – releitura das indústrias líticas das Fases Rio Pardinho e Pinhal através de uma proposta alternativa de investigação. **Coleção Arqueologia,** Porto Alegre, EDPUCRS, nº 1, v. 2, p. 47-62, 1995-96.

HOLTORF, Cornelius. **From Stonehenge to Las Vegas:** archaeology as popular culture. Lanham: Altamira Press, 2005.

_____. Notes on the Life History of a Pot Sherd. In: **Journal of Material Culture.** London, SAGE Publications, 2002, vol.7, nº 1, p. 49-71. Disponível em <http://mcs.sagepub.com/cgi/content/abstract/7/1/49> Acesso em 12 de Setembro de 2009.

HURCOMBE, Linda M. **Archaeological Artefacts as Material Culture.** London: Routledge, 2007.

IBGE. **Levantamento de Recursos Naturais. Folhas SH.22 Porto Alegre e parte das folhas SH.21 Uruguiana e SI.22 Lagoa Mirim.** Vol. 33. Rio de Janeiro: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1986.

IRIARTE, José. **Mid-Holocene Emergent Complexity and Landscape Transformation: the social construction of early formative communities in Uruguay, La Plata Basin.** Tese (Doctored in Philosophy) – College of Arts and Science at the University of Kentucky. Lexington, 2003.

KERN, Arno. **Antecedentes Indígenas.** 2 ed. Porto Alegre: EDUFRGS, 1998.

_____. Paleopaisagens e Povoamento Pré-Histórico do Rio Grande do Sul. In: KERN, Arno (Org). **Arqueologia Pré-Histórica do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: 1997, p. 13-61.

LA SALVIA, Fernando e BROCHADO, José Proença. **Cerâmica Guarani.** 2ed. Porto Alegre: Posenato Arte e Cultura, 1989.

LAVADO, Margarida Cardozo. **A arqueologia da paisagem como instrumento de gestão do patrimônio arqueológico em unidades de conservação ambiental: o caso da APA Noroeste do Paraná.** Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005.

LEROI-GOURHAN, André. **Evolução e Técnicas. 1. O Homem e a Matéria.** Lisboa: Edições 70, 1984a.

LÓPEZ MAZZ, José M. Las Estructuras Tumulares (Cerritos) del Litoral Atlántico Uruguayo. In: **Latín American Antiquity.** Vol. 12, n. 3, 2001.

_____. Investigación Arqueológica y sus Usos del Pasado: las Tierras Bajas del este de Uruguay. In: **TAPA 19.** Paisajes Culturales Sudamericanas: de las prácticas sociales a las representaciones. Laboratorio de Arqueología e Formas Culturais, IIT, Universidade de Santiago de Compostela. Primera Edición, Diciembre de 2000.

_____. Construcción del Paisaje y Cambio Cultural en las Tierras Bajas de la Laguna Merín (Uruguay). In: MAZZ, José M. López; SANS, Mónica (Org).

Arqueología y Bioantropología de las Tierras Bajas. Montevideo: Departamento de Publicaciones/ Universidad de la Republica, 1999, p. 35-61.

LÓPEZ MAZZ, José M.; BLANCO, Sebastián Pintos. Distribución Espacial de Estructuras Monticulares en la Cuenca de la Laguna Negra. In: COIROLO, Alicia Duran; BRACCO BOKSAR, Roberto (Org). **Arqueología de las Tierras Bajas.** Montevideo: Departamento de Publicaciones/ Universidad de la Republica, 1999, p. 49-57.

LOTHROP, Samuel Kirkland. **Indians of the Paraná Delta, Argentina.** New York: Annals of the New York Academy Sciences, vol. XXXIII, p. 77-232, 1931-1932.

LOUREIRO, André Garcia. **Os Aterros (Cerritos) na Fronteira Brasil-Uruguaí:** uma abordagem histórica e teórico-conceitual. In: Techné, n. 8, Instituto Politécnico Tomar, 2003, p 105-113. Portugal. Disponível em www.cph.iph.pt/cph/angulo/2001-2002/cerritos.doc. Acesso em: 21 de Agosto de 2006.

MANSUR, Maria Estela. **Instrumentos Líticos:** aspectos da análise funcional. Arquivo do Museu Histórico Natural. UFMG, Belo Horizonte, 1986/1990, p. 115-119, vol. 11.

MELLO, Paulo Jobim de Campos. Possibilidades de Abordagens em Indústrias Expedientes. In: BUENO, Lucas e ISNARDIS, Andrei. **Das Pedras aos Homens:** tecnologia lítica na arqueologia brasileira. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2007, p. 117-140.

_____. É Possível Perceber Evolução no Material Lítico Lascado? O Exemplo das Indústrias Encontradas no Vale do Rio Manso (MT). In: **Revista Habitus**, vol. 4, n. 2. Goiânia: IGPA/UCG, 2006, p. 739-770.

MILDER, Saul Eduardo Seiguer; LEMES, Lucio e ZIMPEL NETO, Carlos Augusto. Hierarquia e Morte nas Terras Baixas Platinas. **Revista do CEOM**, Chapecó: Argos, 2003.

MILDER, Saul Eduardo Seiguer. **Arqueologia do Sudoeste do Rio Grande do Sul, uma Perspectiva Geoarqueológica.** Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000.

MITHEN, Steven. A Pré-História da Mente: uma busca das origens da arte, da religião e da ciência. São Paulo: UNESP, 2002.

MORAIS, José Luiz de. Tópicos de Arqueologia da Paisagem. In: **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, 10: 3-30, 2000.

PIRIE, Anne. **Constructing Prehistory: lithic analysis in the Levantine Epipalaeolithic**. Reading: Royal Anthropologic Institute, 2004. 10: 675-703.

PISÓN, Eduardo Martinez de. **Significado Cultural del Paisaje**. Disponível em <http://www.catpaisatge.net>. Acesso em 02 de Setembro de 2006.

PROUS, Andre P. **Apuntes para Análisis de Industrias Líticas**. Ortigueira, dezembro de 2004.

QUINTANA, Vanessa Barrios. **Manifestações Culturais nas Terras Baixas do Rio Grande do Sul: os “Cerritos de Índios”**. 2007. 51 f. Monografia (Graduação em História) – Curso de História, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2007.

QUINTANA, Vanessa Barrios; LIMA, Libiane Cargnin de; MILDNER, Saul E. S. Manifestações Culturais das Terras Baixas Platinas: os cerritos de índios. In: I Congresso Internacional da SAB, 2007. Florianópolis. **Anais do I Congresso Internacional da SAB**. Florianópolis: Sociedade de Arqueologia Brasileira, 2007. I CD-ROM.

RAMBO, Balduino. **A Fisionomia do Rio Grande do Sul**. 3 ed. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 1994.

RIBEIRO, Pedro Augusto Mentz. Os Mais Antigos Caçadores-Coletores do Sul do Brasil. In: TENÓRIO, Maria (Org). **Pré-História da Terra Brasillis**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.

RODET, Maria Jacqueline e ALONSO, Marcio. Uma Terminologia para Indústria Lítica Brasileira. In: BUENO, Lucas e ISNARDIS, Andrei. **Das Pedras aos Homens: tecnologia lítica na arqueologia brasileira**. Belo Horizonte: Argumentvm, 2007, p. 141-154.

ROGGE, Jairo Henrique. **Fenômenos de Fronteira: um estudo das situações de contato entre os portadores das tradições cerâmicas pré-históricas no Rio Grande do Sul**. Tese (Doutoramento em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 2004.

ROSA, Carolina Aveline Deitos. **Pessoas, Coisas e um Lugar**: Uma interpretação para a ocupação pré-colonial no sítio arqueológico Morro da Formiga, Taquara, RS. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PUCRS/FFCH/PPGH, 2007.

SALDANHA, João Darcy de Moura. **Paisagens, Lugares e Cultura Material**: uma arqueologia espacial nas terras altas do sul do Brasil. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PUCRS/FFCH/PPGH, 2006.

SCHMITZ, Pedro Inácio; NAUE, Guilherme; BECKER, Ítala Basile. Os Aterros dos Campos do Sul: a Tradição Vieira. In: KERN, Arno (Org). **Arqueologia Pré-Histórica do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: 1997, p. 221-250.

SCHMITZ, Pedro Inácio. Migrantes da Amazônia: a Tradição Tupiguarani. In: KERN, Arno (Org). **Arqueologia Pré-Histórica do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: 1997, p. 295-330.

SHANKS, Michael e TILLEY, Christopher. **Re-Constructing Archaeology**. 2ed. London: Routledge, 1992.

SILVA, Fabíola Andréa. As Tecnologias e Seus Significados. In: **Canindé**, Xingo, n. 2, dez de 2002, p. 119-138.

STRECK, Edemar Valdir *et al.* **Solos do Rio Grande do Sul**. 2ed. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

TESCHAUER, Carlos. **História do Rio Grande do Sul dos Primeiros Séculos**. 2ed. São Leopoldo: ED. UNISINOS, 2002, vol. 1.

TILLEY, Christopher. Part I: Theoretical Perspectives. In: DAVID, Bruno and Thomas, Julian (Ed.). **Handbook of Landscape Archaeology**. Walnut Creek : Left Coast, 2008, p. 7-11.

_____. Phenomenological Approaches to Landscape Archaeology. In: DAVID, Bruno and Thomas, Julian (Ed.). **Handbook of Landscape Archaeology**. Walnut Creek: Left Coast, 2008, p. 271-276.

_____. **Phenomenology of Landscape**: places, paths and monuments. Oxford : Berg Burg Pub Ltda, 1994.

TIXIER, J.; INIZAN, M. L.; ROCHE, H. **Préhistoire de la Pierre Taillée**: terminologie et technologie. Paris: Cercle de Recherches et d'Études Préhistoriques, 1980.

TORRES, Luis Maria. **Los Primitivos Habitantes del Delta del Paraná**. Argentina: Biblioteca Centenaria de la Universidad de la Plata, 1913, n. 4.

WARNIER, Jean-Pierre. **Construir a Cultura Material**: o homem que pensava com seus dedos. Paris, Presses Universitaires de France, 1999. Tradução: Emílio Fogaça.

ZIMPEL NETO, C.; LEMES, L.; CRUZ, G. D. da; MILDER, S.E.S. A Variabilidade Intra-Sítio como Processo Adaptativo de um Grupo Pré-Colonial Pampeano: o cerrito Corredor do Bolso, São Gabriel-RS. In: **Anais do VII Seminário de Iniciação Científica**, São José dos Campos, 2003.

ZUSE, Silvana. **Os Guarani e a Redução Jesuítica**: tradição e mudança técnica na cadeia operatória de confecção dos artefatos cerâmicos do sítio Pedra Grande e entorno. Dissertação de mestrado. São Paulo: MAE/USP, 2009.

<http://www.saoborja.rs.gov.br/site/index.php?section=city3>

<http://www.frigoletto.com.br/GeoFis/climabra.htm>

ANEXO

Anexo – Laudo de análise de solo: comparação entre amostra do interior do cerrito Butuy 1 e solo agrícola.



FUNDAÇÃO CENTRO DE EXPERIMENTAÇÃO E PESQUISA FECOTRIGO
 LABORATÓRIO DE ANÁLISES DE SOLOS, ADUBOS, CORRETIVOS E TECIDO VEGETAL
 VINCULADO A REDE OFICIAL DE LABORATÓRIOS DE ANÁLISE DE SOLO E DE TECIDO VEGETAL DOS ESTADOS DO RS E SC - ROLAS

Laudo de Análise de Solo

NOME: SOLO DE ESCAVAÇÃO ARQUEOLÓGICA
MUNICÍPIO: SÃO BORJA
ESTADO: RS
LOCALIDADE:

REMETENTE: DRAXKAR SOLOS
DATA DO RECEBIMENTO: 27.10.2006
DATA DA EXPEDIÇÃO: 07.11.2006
REGISTRO: 13839 a 13840
 BÁSICA

Amostra Nº	Área ha	Argila %	pH H ₂ O	Índice SMP	P mg dm ⁻³	K mg dm ⁻³	M.O %	Al ^{troc.} cmol _c dm ⁻³	Ca ^{troc.} cmol _c dm ⁻³	Mg ^{troc.} cmol _c dm ⁻³
01		27	5,1	5,3	146,9	606	5,6	0,1	18,2	4,7
02		19	4,5	5,2	9,4	129	4,9	0,7	5,3	1,5

Argila determinada pelo método do densímetro; pH em água 1:1; P e K determinados pelo método Mehlich - I; M.O por digestão úmida; Ca, Mg, Al, Mn e Na trocáveis extraídos com KCl 1 mol L⁻¹; S-SO₄ extraídos com CaHPO₄ 500 mg L⁻¹ de P; Zn e Cu extraídos com HCl 0,1 mol L⁻¹; B extraído com água quente.

Amostra Nº	H + Al cmol _c dm ⁻³	CTC cmol _c dm ⁻³	% SAT da CTC		S mg dm ⁻³	Zn mg dm ⁻³	Cu mg dm ⁻³	B mg dm ⁻³	Mn mg dm ⁻³	Fe g dm ⁻³
			BASES	Al						
01	9,7	34,1	71,5	0,4	nd	nd	nd	nd	nd	nd
02	10,9	18,0	39,5	0,9	nd	nd	nd	nd	nd	nd

CTC a pH 7,0. UNIDADES: % = massa/volume; mg dm⁻³ = ppm (peso/volume); cmol_cdm⁻³ = meq 100 ml⁻¹

Consulte um Engenheiro Agrônomo para obter as Recomendações de Adubação e Calagem.
FUNDACEP - Tecnologia com Rentabilidade

Amostra	OBSERVAÇÕES
01	CERRITO BUTUY 1 / QUADRICULA 10
02	150 M / PONTO 413

pp. Mauro A. Bianchi
 Engº Agrº, M.Sc Jackson E. Fiorin
 CREA 74.456
 Responsável pelo Laboratório de Análises

FUNDACEP - RS 342 Km 149 - Caixa Postal 10 - Cruz Alta - RS - CEP 98100-970
 Fone/Fax: (0xx55) 3322.7900 - E-mail: solos@fundacep.com.br